

JULIANA BARBOSA REZENDE DUTRA FERREIRA

Implicações clínicas da metapsicologia da culpa para a  
compreensão da neurose obsessiva e da melancolia

BELO HORIZONTE  
2009

JULIANA BARBOSA REZENDE DUTRA FERREIRA

## Implicações clínicas da metapsicologia da culpa para a compreensão da neurose obsessiva e da melancolia

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH – da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG para a obtenção do título de Mestre.  
Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

ORIENTADORA: Ana Cecília de Carvalho

BELO HORIZONTE  
2009

150 Ferreira, Juliana Barbosa Rezende Dutra  
F838i Implicações clínicas da metapsicologia da culpa para compreensão  
2009 da neurose obsessiva e da melancolia [manuscrito] / Juliana Barbosa  
Rezende Dutra Ferreira.-2009.

134 f.

Orientador: Ana Cecília de Carvalho  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Psicologia - Teses 2. Psicanálise - Teses. 3. Metapsicologia –  
Teses. 4. Culpa – Teses. 5. Neurose obsessiva-compulsiva.  
6. Melancolia- Teses I. Carvalho, Ana Cecília. II. Universidade  
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências  
Humanas. III. Título

## Agradecimentos

A minha orientadora, profa. Ana Cecília de Carvalho, pela paciência, disponibilidade, exigência e, principalmente, pelo exemplo.

A todos os professores do Mestrado, que, com dedicação e competência, ampliaram meu saber, contribuindo com minha formação acadêmica.

Ao CNPQ pelo incentivo financeiro que tornou possível a realização desta pesquisa.

A meus amigos e familiares, que me ajudaram a trilhar mais este caminho, compreendendo minha ausência neste percurso.

E, principalmente, ao Guilherme, amor da minha vida, que, com seu cuidado e companheirismo, tornou esta trajetória possível.  
Obrigada por acreditar em mim e por dar sentido a esta conquista!

Comigo me desavim,  
no extremo sou do perigo:  
não posso aturar comigo  
nem posso fugir de mim.

Com dor, da gente fugia,  
antes que essa assim crescesse;  
agora já fugiria  
de mim, se de mim pudesse.

Que meio espero ou que fim  
do vão trabalho que sigo,  
pois que trago a mim comigo,  
tamanho inimigo de mim?

(Séc. XV - Francisco Sá de Miranda)

Resumo: O presente artigo examina o percurso teórico de Freud sobre o sentimento de culpa com o objetivo de demonstrar como esse afeto se manifesta na neurose obsessiva e na melancolia. Para tanto, recorreremos a vários textos freudianos com o intuito de ressaltar a metapsicologia da culpa e identificar qual o seu papel na formação dos sintomas obsessivos e melancólicos. As semelhanças e diferenças do mecanismo da culpa na neurose obsessiva e na melancolia são reveladas a partir da relação entre as instâncias psíquicas, eu e supereu, que se evidencia em ambas as estruturas.

Palavras-chave: psicanálise; metapsicologia; sentimento de culpa; neurose obsessiva; melancolia.

Abstract: The present article examines the Freudian theoretical way concerning the guilty feeling with the objective to demonstrate how this affection manifests in the obsessive neurosis and in melancholy. For this, we used many Freudian texts with the aim to emphasize the guilty metapsychology and identify its role in the obsessive and melancholic symptoms. The similarities and differences of guilty and obsessive neurosis mechanism in the melancholic process are revealed in the psychic-relation between, I and superI, that is emphasized in both structures.

Key-words: psychoanalysis, metapsychology, guilty feeling, obsessive neurosis, melancholy.

## Sumário

Introdução .....	07
Capítulo I: Freud e o sentimento de culpa .....	10
1.1- A culpa e o complexo de Édipo .....	10
Ambivalência emocional .....	13
Complexo de Édipo .....	18
1.2- A culpa e o supereu .....	20
Supereu .....	26
1.3- A culpa e a pulsão de morte .....	32
Masoquismo .....	36
O mal-estar .....	40
Capítulo II: O mecanismo da culpa na neurose obsessiva .....	46
<i>Crime e castigo</i> .....	46
Dostoiévski .....	50
A presença da culpa .....	53
<i>Desejo e reparação</i> .....	58
Reparação .....	62
Neurose obsessiva .....	65
Relação entre o eu e o supereu na neurose obsessiva .....	73
“Homem dos ratos” .....	78
Capítulo III: O mecanismo da culpa na melancolia .....	87
Uma experiência melancólica .....	87
Melancolia .....	96
Identificação narcísica .....	100
A culpa como cultura pura da pulsão de morte .....	105
Algumas contribuições de Jean Laplanche sobre o mecanismo da culpa na neurose obsessiva e na melancolia .....	108
Considerações finais .....	123
Referências bibliográficas .....	151

# Implicações clínicas da metapsicologia da culpa para a compreensão da neurose obsessiva e da melancolia

## Introdução

A culpa pode ser compreendida de várias maneiras. Pode ser investigada pela filosofia, pela arte, pela literatura, pelo cinema e por outros meios. Dentre eles, encontramos o interesse que a psicanálise tem de investigar esse tema. E é sob o enfoque psicanalítico que se dará o presente trabalho.

O estudo da culpa é importante para a psicanálise, por sua concepção específica da culpa inconsciente, presente tanto no âmbito de sua ética como nas estruturas psíquicas e na formação da sociedade, pois diz respeito à sua constituição e sustentação como civilização.

Ao lermos os textos freudianos sobre o sentimento de culpa, constatamos que o tema é de suma importância para Freud. Constatamos também que essa noção, do ponto de vista metapsicológico, já aparece de forma bastante elaborada, evidenciando como a compreensão da culpa é fundamental para a teoria e a prática psicanalíticas.

Sob a luz da psicanálise, podemos dizer que a culpa é sempre notada por sua presença ou por sua ausência, e são essas diferenças que o enfoque metapsicológico vai explicitar. A nossa investigação recairá sobre sua presença, que se faz de forma marcante tanto na neurose obsessiva como na melancolia.

A questão que motiva este trabalho é identificar qual o papel prestado pela culpa na neurose obsessiva e na melancolia. A culpa se expressa de forma semelhante nessas duas estruturas? Ou sua manifestação ocorre de maneira diferenciada? O que faz um sujeito neurótico obsessivo não se tornar um melancólico?



Acreditamos que a visão metapsicológica da culpa direcionará nossa investigação. Além disso, lançamos a hipótese de que é na relação entre o eu e o supereu, presente em ambas as estruturas, que conseguiremos evidenciar a manifestação da culpa, traçando possíveis semelhanças e diferenças entre essas doenças clínicas.

Para tanto, no primeiro capítulo, investigaremos a culpa na obra freudiana, percorrendo os textos mais relevantes nos quais esse tema é abordado. Com esse estudo pretendemos evidenciar a metapsicologia da culpa em Freud.

A partir da concepção metapsicológica da culpa, analisaremos qual o seu papel na neurose obsessiva e na melancolia. Essas duas estruturas representam o foco do presente trabalho, visto que nelas é possível identificar a manifestação excessiva do sentimento de culpa.

No segundo capítulo, dedicaremos nossos esforços para compreender a neurose obsessiva. Inicialmente, analisaremos dois exemplos fora do âmbito clínico: um retirado da literatura, *Crime e castigo*, e outro do cinema, *Desejo e reparação*. Esses dois exemplos ilustrarão a vivência da culpa na neurose obsessiva e nos conduzirá à investigação do que vem a ser essa estrutura psíquica. Para estudá-la recorreremos a alguns textos freudianos na tentativa de evidenciar o mecanismo da culpa, ressaltando a relação entre o eu e o supereu presente nessa estrutura. Depois que a neurose obsessiva for conceituada teoricamente, utilizaremos o caso clínico “Homem dos ratos” para associar a teoria à prática clínica, ressaltando, mais uma vez, a manifestação da culpa na neurose obsessiva.

No terceiro capítulo, dedicaremos-nos à melancolia. Utilizaremos o relato de uma experiência melancólica contida no livro *Inferno*, de Strindberg, a fim de ilustrarmos a manifestação do sentimento de culpa na melancolia. Posteriormente, faremos um estudo

teórico sobre o mecanismo da culpa nessa doença. Para tanto, usaremos alguns textos freudianos, nos quais observaremos duas hipóteses formuladas por Freud sobre a função da culpa na melancolia, que também, como na neurose obsessiva, será evidenciada por meio da relação metapsicológica entre o eu e o supereu.

Com o estudo das duas estruturas psíquicas enfocadas neste trabalho, será possível estabelecermos as semelhanças e as diferenças da função e das expressões da culpa na neurose obsessiva e na melancolia. Além dos textos freudianos, recorreremos a Laplanche para reforçar nossa argumentação sobre essas diferenças e semelhanças.

Acreditamos que esta pesquisa possa trazer uma contribuição teórica e prática para a psicanálise, por ressaltar a metapsicologia da culpa e também por evidenciar o mecanismo desse afeto na neurose obsessiva e na melancolia.

## Capítulo I: Freud e o sentimento de culpa

Freud, em toda a sua obra, demonstrou interesse em estudar o sentimento de culpa. Em vários de seus textos, podemos evidenciar a construção de alguns conceitos como o complexo de Édipo, o supereu e a pulsão de morte, que contribuem de maneira marcante em sua elaboração metapsicológica sobre a culpa. Devemos, pois, neste primeiro momento, nos ater ao que Freud revela sobre o mecanismo da culpa, acompanhando a construção desses conceitos.

### 1.1- A culpa e o complexo de Édipo

O texto *Totem e tabu* (1913[1912-13]) é um dos textos mais importantes para a teorização da culpa na obra de Freud, principalmente no que concerne à sua associação com o complexo de Édipo. Nesse texto, é feito um estudo sobre a vida mental de selvagens, mais especificamente os aborígenes da Austrália, que pode ser comparada ao desenvolvimento psíquico dos neuróticos.

A vida sexual desses selvagens nos chama a atenção porque, apesar de não ser marcada por restrições, é estabelecida a partir de uma proibição, cujo propósito é evitar relações sexuais incestuosas e, dessa forma, organizarem-se socialmente. O lugar das instituições religiosas e sociais desses povos é ocupado pelo sistema do totemismo, em cujo centro está um animal ou, mais raramente, um vegetal, que mantém uma relação especial com todo o clã, é o totem. A relação de um australiano com seu totem constitui a base de suas obrigações sociais. O interesse psicanalítico recai nessa relação do selvagem com o totem, visto que encontramos nela “uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente, contra o seu casamento.” (FREUD, 1913: p. 23). Trata-se da exogamia, uma instituição relacionada ao totemismo. Todos os membros que pertencem a um mesmo totem são parentes consangüíneos e estão

impedidos de terem relações sexuais. Qualquer tentativa de violação a essa lei absoluta e incontestável é severamente punida:

A violação da proibição não é deixada ao que se poderia chamar de punição 'automática' das partes culpadas, como no caso de outras proibições totêmicas, tal como a existente contra a morte do animal totem. É vingada da maneira mais enérgica por todo o clã, como se fosse uma questão de impedir um perigo que ameaça toda a comunidade ou como se se tratasse de alguma culpa que a estivesse pressionando. (FREUD, 1913: p. 24).

A proibição totêmica ao incesto deve ser severamente vigiada e as transgressões são punidas por representarem uma constante ameaça à ordem. Essa severidade exigida se deve à culpa que, apesar de recalcada, é constantemente sentida por todo o clã, gerando uma necessidade de punição. Segundo Freud, o horror ao incesto apresentado pelos povos selvagens representa uma característica infantil, revelando uma semelhança com os pacientes neuróticos, pois a psicanálise nos revela que a primeira escolha de objeto de amor feita por uma criança é incestuosa e que, apesar de ser recalcada, permanece agindo no inconsciente. Tanto para os selvagens como para os neuróticos, esses desejos incestuosos inconscientes são encarados como perigos constantes, contra os quais as mais severas medidas de defesa devem ser aplicadas.

Para reforçar essa argumentação, torna-se necessária a compreensão do tabu. O significado de tabu possui dois sentidos: sagrado, por um lado, e, por outro, misterioso, perigoso e proibido. É algo que não pode ser abordado ou questionado, sendo manifesto por meio de restrições e proibições. Diante dessas proibições, os selvagens se submetem a elas como se fosse algo natural e sabem que qualquer violação terá uma severa punição.

Se o estudo do tabu pode nos ajudar a compreender a culpa é porque ele nos permite constatar como ela se faz presente em nossa cultura. Além disso, mostra que as proibições morais, segundo as quais nos regemos, podem ter uma relação fundamental

com esses tabus primitivos e, ainda, que a sua explicação nos remete à compreensão do imperativo categórico<sup>1</sup>.

Freud, apoiando-se em Wundt, diz que existe uma característica original do tabu, relativa à crença em um poder demoníaco ligado ao objeto que, se utilizado de maneira proibida, vinga-se de quem o violou. Essa idéia traz a associação de duas forças contrárias diante do temor sentido frente ao poder do tabu: veneração e horror. Para cumprir a proibição imposta, os selvagens utilizam a criação de vários tabus individuais para conseguir obedecer aos tabus comuns de toda a tribo ou sociedade. Essa comparação pode ser observada nos rituais obsessivos, o que fez Freud (1913, p. 44) nomear a neurose obsessiva como “a doença do tabu”.

Outro ponto de semelhança entre as proibições obsessivas e os tabus é que, aparentemente, elas não possuem um motivo, como se fossem misteriosas em suas origens. Além disso, nelas não é necessário que haja uma ameaça externa de punição, pois há uma constante convicção moral interna de que qualquer violação será castigada.

Neste ponto, já é possível apontarmos algumas contribuições que o estudo do tabu traz para a compreensão da neurose obsessiva. Na infância, o paciente se depara com uma proibição externa que vai de encontro ao seu desejo proibido. O indivíduo aceita tal proibição, apoiado em forças internas, isto é, na relação amorosa com os autores da proibição. Porém, não consegue abolir esse desejo, o que lhe resta é recalculá-lo no inconsciente. Assim, “tanto a proibição quanto o instinto<sup>2</sup> persistem: o instinto porque foi reprimido e não abolido, e a proibição porque, se ela cessasse, o instinto forçaria o seu ingresso na consciência e na operação real.” (FREUD, 1913: p. 46-47). Essa pulsão se desloca constantemente, esforçando-se por encontrar outros objetos que

---

<sup>1</sup>O imperativo categórico de Kant é citado por Freud (1913: p. 41), sendo compreendido como um tabu, representando algo proibido que não possa ser questionado ou alterado, e sim deve ser obedecido.

<sup>2</sup> Instinto aqui aparece como um termo de Freud, que pode ser mais bem traduzido por pulsão. Na verdade, há uma imprecisão entre os termos instinto e pulsão nos textos freudianos. Mantivemos o termo instinto por se tratar de uma citação, porém priorizaremos, no corpo do trabalho, o termo pulsão.

possam substituir o objeto proibido. Contudo, a proibição também se desloca, sendo que qualquer tentativa de investimento da libido é acompanhada pela proibição. Ao lidar com essas forças conflitantes, há uma necessidade de diminuir a tensão, que ocorre por meio da realização de atos obsessivos. Assim, na neurose, esses atos representam medidas de expiação e expressões de remorso, além de serem atos substitutivos para compensar a pulsão proibida.

Deparamos, neste momento, com a ambivalência<sup>3</sup> sentida pelo sujeito neurótico e também pelos povos selvagens, mediante a admiração e o temor frente ao objeto de amor. As proibições ligadas ao tabu, as leis básicas do totemismo – não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do mesmo clã totêmico – recaem como proibições sobre os mais antigos e poderosos desejos humanos.

#### Ambivalência emocional

Ao examinarmos a ambivalência, podemos entender como um sintoma se origina. Ela denota, ao mesmo tempo, um sentimento de afeição e uma corrente de hostilidade, sendo a última inconsciente. Essa coexistência de sentimentos faz surgir o sintoma, mantendo sob recalçamento a corrente de sentimento contrária e inconsciente.

Uma ilustração a respeito da ambivalência pode ser encontrada na atitude dos povos primitivos para com seus governantes e no comportamento neurótico conhecido como delírio persecutório. Em ambos os casos, os delírios de perseguição sofridos pelo sujeito remetem à relação da criança com o pai, na qual a desconfiança a ele dirigida está intimamente ligada à admiração. O perseguidor eleito exerce a função do pai; é como se houvesse um deslocamento da identificação da criança com seu pai, que é

---

<sup>3</sup> Freud (1913: p. 47) utiliza este termo que foi criado por Bleuler (1910).

culpado por todo seu sofrimento. A relação estabelecida aqui se sustenta mediante a ambivalência sentida pelo sujeito.

Na descrição feita por Freud sobre as cerimônias do tabu, encontramos apoio para mais uma aproximação do comportamento dos povos primitivos e dos neuróticos. Esses cerimoniais revelam a atitude ambivalente frente o objeto, que é amado e odiado.

Segundo Freud,

o tabu não somente escolhe o rei e o exalta acima do comum dos mortais mas também torna a sua existência um tormento e um fardo insuportável, reduzindo-o a uma servidão muito pior que a de seus súditos. Aqui, então, temos uma contrapartida exata do ato obsessivo na neurose, no qual o impulso suprimido e o impulso que o suprime encontram satisfação simultânea e comum. O ato obsessivo é *ostensivamente* uma proteção contra o ato proibido, mas, na *realidade*,<sup>4</sup> a nosso ver, trata-se de uma repetição dele. (FREUD, 1913: p. 65)

Nesse sentido, a ambivalência é definida como a presença simultânea de sentimentos opostos – amor e ódio – na relação com um mesmo objeto. Essa idéia é ilustrada no comportamento observado nos selvagens em relação aos seus mortos. Eles acreditam que a alma desencarnada é um ser maldoso, revelando o medo dos mortos, que, por sua vez, é resultante do medo que sentem da morte<sup>5</sup>. O que acontece, na verdade, é que quando algum ente querido morre, o sobrevivente se questiona sobre sua responsabilidade sobre essa morte. Essa atitude, segundo Freud, pode ser encarada como uma forma patológica de luto, como se fossem autocensuras obsessivas. Quais seriam os motivos pelos quais o sujeito se julga responsável por uma morte sem, contudo, ter feito nada para que o outro morresse? A investigação psicanalítica nos revela que, de certo modo, essas auto-acusações são justificadas porque há um desejo inconsciente que seria satisfeito se a morte da pessoa amada ocorresse. Após o acontecimento da morte, torna-se necessária uma reação contra esse desejo inconsciente, que se manifesta por meio das auto-acusações obsessivas. Esse é um

---

<sup>4</sup> As palavras em itálico são grifos de Freud.

<sup>5</sup> Este estudo sobre o tabu aos mortos é feito por Westermarck (1906-8), citado por Freud (1913, p. 73).

exemplo claro da ambivalência sentida pelo sujeito, na qual, por trás de um amor, existe um sentimento hostil no inconsciente. Assim, a ambivalência emocional se revela como uma característica presente nos neuróticos obsessivos.

Esse mesmo processo que ocorre nos neuróticos obsessivos pode ser observado nos povos primitivos. Os selvagens precisam produzir uma reação contra a hostilidade latente no seu inconsciente, mas a defesa contra ela ocorre por meio do seu deslocamento para os próprios mortos. O selvagem nega qualquer sentimento hostil contra o morto querido; em vez disso, ele se alimenta da alma do morto, apresentando, por meio desse mecanismo de projeção, seu remorso e sua necessidade de castigo. Assim, o tabu sobre os mortos surge do contraste entre o sofrimento consciente e a satisfação inconsciente pela morte que aconteceu.

Ainda sobre o termo tabu, o texto freudiano designa-lhe, em primeiro lugar, um caráter sagrado; em segundo lugar, a normatividade e, em terceiro, as sanções que decorrem da violação das normas próprias do sagrado. É estabelecida uma correlação entre o sagrado e a moral. O fato é que existem várias razões para se obedecer às normas. Uma delas se refere ao desamparo da criança que, para se constituir como um sujeito moral, deparando-se com o medo de perder o amor dos pais, renuncia aos seus desejos proibidos. Essas normas dizem respeito à violência e à sexualidade. As normas fundadoras da sociedade são aquelas referentes à violência e as normas referentes à sexualidade são decorrentes da constituição social.

Tanto no estudo feito do tabu<sup>6</sup> quanto do neurótico obsessivo, podemos observar que existe, por um lado, um pesar diante da morte e, por outro, uma hostilidade contra o morto disfarçada em autodefesa. A hostilidade inconsciente pode permanecer recalcada

---

<sup>6</sup> É bom ressaltarmos que, apesar da constatação de existência de vários pontos em comum entre a neurose obsessiva e o tabu, este último não é uma neurose e sim uma instituição social. Na verdade, este estudo comparativo nos permite perceber como o estudo das neuroses acompanha a compreensão do desenvolvimento da civilização.



durante toda a vida do sujeito, porém, diante da morte do ente querido, o conflito se torna mais intenso e a defesa se torna necessária.

A palavra tabu, portanto, possui duplo sentido – o de sagrado e o impuro – e suas proibições podem ser compreendidas como conseqüências de uma ambivalência emocional. Ainda podemos dizer que existe uma ligação entre o tabu e a consciência, ou seja, quando um tabu é violado, o sujeito que possui uma consciência do tabu é acometido por um sentimento de culpa. Essa sensação de culpa pode ser compreendida como uma “percepção da condenação interna de um ato pelo qual realizamos um determinado desejo.” (FREUD, 1913: p. 80). Dessa forma, a consciência surge de uma base ambivalente, em que um dos sentimentos opostos é inconsciente e mantido sob recalçamento pela dominação compulsiva do sentimento consciente. Isso fica claro, segundo Freud, pela observação dos neuróticos obsessivos, nos quais um sintoma reage contra a iminência do conteúdo inconsciente, e é aí que a culpa se presentifica de maneira intensa, como uma severa defesa:

A psicologia das neuroses nos fez ver que, se impulsos cheios de desejo forem reprimidos, sua libido se transformará em ansiedade. E isto nos faz lembrar que há algo de desconhecido e inconsciente em conexão com a sensação de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido. (FREUD, 1913: p. 81).

Nesse sentido, a relação entre a culpa e a neurose obsessiva é cada vez mais evidente na obra freudiana. É importante destacar aqui o caráter de angústia inerente à sensação de culpa, que corresponde a um fator desconhecido, ou melhor, recalcado, que pode surgir a qualquer instante.

O neurótico obsessivo pode ser tomado por uma sensação de culpa que seria adequada para um grande assassino, embora, na realidade, o sujeito não tenha feito nada de condenável. Contudo, sua sensação de culpa tem uma justificativa: está fundada nos intensos e freqüentes desejos de morte contra os seus semelhantes, que estão

inconscientemente em ação dentro dele. Assim, vê-se que a onipotência de pensamentos e a supervalorização dos processos mentais, em comparação com a realidade, desempenham um papel importante na vida emocional dos pacientes neuróticos e em tudo que dela se deriva. Quando um deles se submete ao tratamento psicanalítico, que torna consciente o que era inconsciente, será, durante algum tempo, incapaz de acreditar que os pensamentos têm um sentido e terá medo de expressar desejos malignos, como se sua expressão conduzisse inevitavelmente à sua realização. A culpa sentida por um neurótico obsessivo é bastante intensificada pelo desejo constante e inconsciente de morte contra seus semelhantes. Mais uma vez, fica evidenciado que, para se sentir culpado, não é preciso cometer o ato, basta desejar cometê-lo. Como basta pensar para sentir culpa, o neurótico obsessivo irá sofrer intensamente, devido ao mecanismo psíquico de seus pensamentos obsessivos. Trazer esses pensamentos à consciência, num processo analítico, torna-se uma missão difícil para o paciente.

Portanto, o sujeito, mesmo que tenha recalado seus maus impulsos para dentro do inconsciente e prefira dizer a si mesmo, posteriormente, que não é responsável por eles, tem de reconhecer essa responsabilidade na forma de um sentimento de culpa cuja origem lhe é desconhecida. Como mostraremos, o complexo de Édipo pode ser considerado uma das mais importantes fontes do sentimento de culpa que, freqüentemente, atormenta a vida dos neuróticos. Assim, retomamos novamente a origem da culpa e como ela persiste no decorrer da existência, sendo sentida em cada retorno do conteúdo recalado.

Neste ponto, a título de conclusão, é importante retomar as formulações de Freud sobre os povos primitivos em *Totem e tabu*. Sobre o totemismo, constatamos que se trata tanto de uma religião, em que temos relações de respeito e proteção mútua entre um homem e o seu totem, como de um sistema social, no qual existem relações entre os

membros do clã e entre eles com outros clãs. Sobre a restrição do tabu, temos a proibição dirigida aos membros do mesmo clã totêmico de casar-se ou de ter relações sexuais uns com os outros, nomeada exogamia, que revela para nós o horror ao incesto.

A lei, portanto, existe porque há os desejos de incesto e de morte que devem ser vigiados e punidos, pois, apesar de naturais, vão de encontro aos interesses gerais da sociedade<sup>7</sup>. Segundo Freud, o horror ao incesto não é inato; pelo contrário, na infância, o que pode ser observado é que as excitações sexuais são de caráter incestuoso e, quando ocorre o recalçamento, manifesta-se posteriormente a neurose. Como acontece afinal esse recalçamento? Como se dá a instauração da lei? É nesse ponto que chegamos ao complexo de Édipo.

### Complexo de Édipo

Vimos no texto *Totem e tabu*, de 1913, – que vem sustentando parte da nossa argumentação até aqui, principalmente no que se refere à articulação da culpa ao complexo de Édipo –, que Freud parte do posicionamento de que existe uma mente coletiva na qual ocorrem processos mentais como acontece na mente individual, pressupondo que o sentimento de culpa persiste por milhares de anos, arraigado em nosso inconsciente.

O sujeito, em sua infância, ao vivenciar o complexo de Édipo, que traz em si o desejo de matar o pai e manter uma relação incestuosa com a mãe, revive a repetição desse assassinato primevo, não necessariamente como ato, mas como desejo presente em sua realidade psíquica. Essa repetição se expressa também na antigüidade, por meio dos rituais totêmicos, quando um membro do clã era, de tempos em tempos, sacrificado, morto e devorado pelos outros membros. Esse ritual, em que um era sacrificado,

---

<sup>7</sup> Esta reflexão é baseada na crítica de Frazer (1910) feita a Westermarck, citada por Freud (1913, p. 129).

resultava na identificação com o sagrado e era uma forma de partilharem o sentimento de culpa. Segundo Freud (1913)<sup>8</sup>, a culpa era advinda do ato de terem matado o pai primevo, por representar um obstáculo ao desejo de poder e aos desejos sexuais incestuosos. Contudo, além do ódio que sentiam pelo pai, também o amavam e o admiravam. Com o assassinato fora satisfeito o ódio, mas agora lhes restava o amor manifesto por meio da implacável culpa que se estabelecera entre os membros do clã. Isso, como vimos anteriormente, faz surgir o totemismo, que possui dois tabus fundamentais em sua constituição, correspondentes aos desejos recalcados do complexo de Édipo: o assassinato e o incesto. Era culpado quem satisfizesse esses desejos ou quem, até mesmo, os possuísse.

O pai fora substituído pelo animal totêmico numa tentativa de reconciliação dos filhos com ele. Esse substituto era adorado por seus filhos e, em troca, dava-lhes proteção. A substituição do pai por um animal totêmico, fazendo com que os filhos o adorassem e lhe obedecessem em troca de proteção, constitui a religião totêmica<sup>9</sup>. Portanto, a religião totêmica surge do sentimento de culpa filial, num esforço de amenizar esse sentimento desagradável. É por meio dessa construção organizada, na tentativa de aplacar a culpa, que se estabelece a civilização. Percebe-se claramente nesse texto a importância dada por Freud à onipotência do sentimento ambivalente, em que aquele que era temido se torna reverenciado.

Assim, podemos dizer que a sociedade baseia-se na cumplicidade de um crime comum; a religião baseia-se no sentimento de culpa e a moralidade fundamenta-se tanto nas exigências dessa sociedade quanto na penitência exigida pelo sentimento de culpa.

---

<sup>8</sup> Faz-se necessário retomar algumas idéias sobre o totemismo, no que se refere à proibição do incesto para compreendermos a formulação freudiana sobre o complexo de Édipo.

<sup>9</sup> Segundo Freud, todas as religiões posteriores surgem como tentativas de solucionar o mesmo problema.

O ato do assassinato originou a culpa, que vem representar a gênese da civilização. É importante mencionar, porém, que a organização da sociedade e o surgimento da religião são apenas tentativas de apaziguar a culpa.

Essa retomada das formulações freudianas nos permite afirmar que as origens da religião, da moral e da sociedade convergem para o complexo de Édipo. Sob o ponto de vista psicanalítico, ainda podemos dizer que esse complexo constitui o núcleo de todas as neuroses. Sobre o sentimento de culpa dos neuróticos, observamos que é sempre referente à realidade psíquica.

Ressaltamos, assim, a correlação que Freud faz entre a culpa e a construção do complexo de Édipo, cujo pilar de sustentação é a ambivalência afetiva. Essa concepção não será abandonada pelo autor em toda a sua construção teórica, servindo de pano de fundo para a compreensão da culpa.

## 1.2- A culpa e o supereu

Outro conceito que merece ser acompanhado na construção teórica sobre o sentimento de culpa é o supereu, por representar uma instância marcante em sua manifestação no conflito psíquico.

Nas formulações de Freud sobre o supereu, vemos um trabalho que envolve a noção de ideal do eu vinculado ao conceito de supereu. Além disso, é possível dizer que tanto a instância do supereu como a culpa surgem, na obra de Freud, vinculados ao ideal do eu. O ideal do eu nada mais é que uma substituição do eu ideal, construído na infância, por meio do narcisismo, ou seja:

O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. [...] Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não

mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. (FREUD, 1914: p. 100-101).

Com isso, a origem do ideal do eu é principalmente narcísica, pois o sujeito projeta um ideal para si mesmo, representando um substituto do narcisismo perdido na infância, em que seu ideal era ele mesmo. Essa substituição torna-se necessária mediante as críticas que a criança recebe de seus pais, impondo outro ideal para ela. Essas críticas são interiorizadas, como uma instância de censura e de auto-observação e o ideal projetado passa a representar uma referência crítica para o eu, constituindo o que Freud irá chamar de supereu. Nesse sentido, é importante compreendermos um pouco mais o conceito de narcisismo em Freud, pois o estudo do narcisismo nos ajuda na compreensão da culpa, por tratar do ideal do eu, que dará a base para a constituição do supereu<sup>10</sup>, que são questões fundamentais para a teorização do sentimento de culpa.

O narcisismo se constitui como a fase intermediária necessária entre o auto-erotismo e o amor objetal. Além disso, o narcisismo levanta a possibilidade que a libido tem de reinvestir o eu desinvestindo o objeto.

O texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914, um dos mais importantes trabalhos de Freud, ponto central em sua obra para a evolução de seus conceitos, traça a distinção entre libido do eu e libido objetal. Também introduz o conceito de ideal do eu e do agente observador a ele relacionado: “Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do eu, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o eu real, medindo-o por aquele ideal.” (FREUD, 1914: p. 102).

O ideal do eu e o supereu se constituem no desfecho do complexo de Édipo. São termos muito próximos em Freud, sendo que o ideal do eu aparece mais vinculado à

---

<sup>10</sup> Este conceito aparece apenas em 1923, com o texto freudiano *O ego e o id*. Ali aparecerá como instância crítica associada ao ideal do eu.

idealização e o supereu a uma instância crítica. Porém, esses termos muitas vezes se confundem.

Sobre os termos ideal do eu e eu ideal, é importante dizer que, na obra freudiana, há uma oscilação entre eles, não existindo uma distinção clara de seus significados. Os sucessores de Freud é que procurarão distingui-los. O eu ideal seria a idealização da onipotência narcísica do eu, ao passo que o ideal do eu seria o que se coloca diante do eu como seu ideal, mais ligado ao problema da lei e da moral e, portanto, vinculado ao sentimento de culpa<sup>11</sup>.

É importante notar que, em 1914, o supereu não é assim nomeado. Ali o que aparece é a noção de “consciência moral” e a de “censura moral”. O supereu, em 1923, funciona em dupla com o ideal do eu, desempenhando o papel de seu guardião. A instância do supereu é situada ao lado da voz, ou seja, ao lado da lei formulada que se apresenta para o sujeito como um imperativo categórico.

Assim, percebemos que o ideal do eu possui um aspecto individual, vinculado à libido narcisista, e um aspecto social, ligado à libido homossexual. Com a não-satisfação do ideal, essa libido homossexual é liberada, transformando-se em culpa. Originalmente, esse sentimento de culpa era o temor de punição pelos pais ou, mais corretamente, o medo de perder o seu amor. Mais tarde, os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas, fazendo persistir nosso sentimento de culpa:

O ideal do ego desvenda um importante panorama para a compreensão da psicologia de grupo. Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação. Ele vincula não somente a libido narcisista de uma pessoa, mas também uma quantidade considerável de sua libido homossexual, que dessa forma retorna ao ego. A falta de satisfação que brota da não realização desse ideal libera a libido homossexual, sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social). (FREUD, 1914: p. 108).

---

<sup>11</sup> O problema da distinção entre os termos ideal do eu e eu ideal, referidos acima, na verdade, refere-se a uma formulação de Jean Laplanche, encontrada em seu livro *Problemáticas I – A angústia*, de 1998, p. 291.

O eu se desenvolve a partir do afastamento do narcisismo primário e da tentativa da recuperação daquele estado. O afastamento se dá por meio do deslocamento da libido em direção a um ideal do eu imposto de fora e a satisfação provém da realização desse ideal. A instalação da culpa no psiquismo acontece por ocasião do complexo de Édipo e depende do momento anterior, que é o narcisismo. O supereu e a culpa são herdeiros do Édipo. Contudo, a vertente da interdição não é suficiente para a compreensão da culpa. É necessário considerar as primeiras instâncias na constituição do narcisismo. As interdições próprias do complexo de Édipo são internalizadas sobre as bases do ideal narcísico, da identificação narcísica. Desse modo, o complexo de Édipo e o narcisismo se interligam e se conservam; de um lado, narcisismo, eu ideal e identificação primária e, de outro, complexo de Édipo, ideal do eu e identificação secundária.

Outro texto que vem complementar as noções que retomamos é “Luto e melancolia” (1917[1915]). Com a introdução dos conceitos de narcisismo e de ideal do eu, tornou-se possível para Freud falar da melancolia. Esse artigo, considerado um prolongamento do trabalho sobre o narcisismo, vai analisar o “agente crítico” em atuação na melancolia, lançando as sementes do que mais tarde, em 1923, será formulado como supereu, permitindo uma nova avaliação do sentimento de culpa. Sob outro aspecto, esse texto faz o exame da questão da identificação que Freud, inicialmente, associa à fase oral ou canibal do desenvolvimento libidinal, lembrando *Totem e tabu* (1913), em que a identificação se dá por meio do ato de devorar o objeto identificatório. Em “Luto e melancolia”, o autor considera a identificação como uma etapa preliminar da escolha objetal. Na melancolia, isso se mostra pela catexia objetal, que é substituída por uma identificação. As identificações derivadas da dissolução do complexo de Édipo ocuparão uma posição especial, formando, mais tarde (1923), o núcleo do supereu.



Em 1915, Freud estabelece uma diferenciação entre o luto normal, o luto patológico e a melancolia, vividos pelo sujeito confrontado a uma perda. No desenvolvimento dessa diferenciação, são evidenciados dois elementos na passagem pelo luto: a inibição e a dor, sendo que a dor moral aparece vinculada à melancolia:

No luto, verificamos que a inibição e a perda de interesse são plenamente explicadas pelo trabalho do luto no qual o ego é absorvido. Na melancolia, a perda desconhecida resultará num trabalho interno semelhante, e será, portanto, responsável pela inibição melancólica. [...] No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego. O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido. (FREUD, 1917[1915]: p. 251-252).

O luto melancólico envolve tanto a perda do objeto como a perda presente no próprio eu, visto que o objeto faz parte do eu, pois fora introjetado e absorvido por ele. No luto normal, o respeito à realidade vigora e o trabalho um dia termina, por meio da escolha de um novo objeto. Já na melancolia, o trabalho de luto não cessa e o sujeito se mostra incapaz de investir sua libido em outro objeto. Sobre a melancolia é importante ressaltar que surge o delírio moral ou delírio de insignificância, como um elemento a mais, centrado na questão da culpa.

O ponto de partida que conduz Freud a considerar o vínculo narcísico com o objeto perdido é a característica que diferencia a melancolia do luto: a auto-acusação, a culpa devoradora que apresenta o julgamento moral. Há, na melancolia, uma exacerbação da culpa, não correspondente a uma falta cometida, e um exibicionismo dessa culpa. O sujeito melancólico não se envergonha nem se oculta porque tudo de desprezível que diz sobre si mesmo refere-se, na verdade, a outra pessoa. São aspectos típicos, diferentes daqueles de uma culpa supostamente normal, que levam Freud a propor que o melancólico estabelece uma identificação com o objeto perdido:

[...] O resultado não foi o normal – uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo –, mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem necessárias. A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma

*identificação*<sup>12</sup> do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pode, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetual se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação. (FREUD, 1917[1915]: p. 254-255).

A luta interna entre a instância crítica e o eu modificado pela identificação com a perda do objeto, que ocorre por meio da ambivalência sentida diante do objeto de amor, vem revelar que, na melancolia, há uma tendência ao predomínio do tipo narcísico da escolha objetual. Isso porque o melancólico se identifica com o objeto de amor perdido, incorporando-o no próprio eu, por meio da identificação narcísica. Diante disso, é importante lembrar que a noção de identificação, em Freud, é elaborada entre 1913 e 1921, quando se destacam dois tipos de identificação: uma no complexo de Édipo, em que a relação ambivalente com o pai é substituída pela identificação ao pai, e outra, que coincide com a escolha objetual ou com a relação oral frente ao objeto. A ambivalência é a coexistência do amor e do ódio em toda escolha de objeto.

Continuando a nossa retomada teórica acerca da culpa, um importante texto, *O ego e o id* (1923), aparece na construção freudiana. Esse livro apresenta a constituição conceitual do supereu. É bom lembrarmos que essa instância psíquica já foi mencionada no texto “Luto e melancolia” (1917[1915]), ali tratada como uma instância crítica, consciência moral, que se separa do eu, nas auto-recriminações do melancólico.

Supereu

Em “O ego e o superego (Ideal do Ego)”, capítulo III de *O ego e o id* (1923), Freud retoma a questão da melancolia, ressaltando a identificação, em que um objeto que fora perdido se instala novamente no eu. Nesse sentido, “a transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de

---

<sup>12</sup> Grifo de Freud.

objetos sexuais, uma dessexualização.” (FREUD, 1923: p. 43). Freud, assim, ressalta que essa identificação direta e imediata, que se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia objetal, acontece com os pais; porém, para simplificar sua apresentação, fala apenas da identificação com o pai. Na constituição da identificação, por meio da análise do modelo anaclítico<sup>13</sup> do complexo de Édipo, apresentam-se dois problemas: o caráter triangular da situação edípica e a bissexualidade constitucional de cada sujeito. Nesse viés, podemos dizer que o superego é um resíduo das primitivas escolhas proibidas do id, mas também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas:

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (*conscience*) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa. [...] À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego e continuam, sob a forma de consciência (*conscience*<sup>14</sup>), a exercer a censura moral. A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do ego é experimentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego. (FREUD, 1923: p. 47, 49).

A formação do superego depende da introjeção da lei, exercida pela função paterna, que fará o complexo de Édipo sucumbir, situação na qual os desejos proibidos serão recalçados e, posteriormente, aparecerão de forma deslocada. Nesse processo, a tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do eu é experimentada como sentimento de culpa.

No complexo de Édipo positivo, fica evidenciada a renúncia tanto do objeto incestuoso quanto do ódio sentido pelo rival. O pai representa o objeto amado, o objeto odiado e o objeto de identificação, pois não há introjeção do objeto odiado a menos que ele também seja amado. Há um duplo aspecto do superego: “Você deveria ser assim

---

<sup>13</sup> Anaclítico significa “apoio e escolha de objeto por apoio”, segundo o *Vocabulário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis, de 1996 (p. 21).

<sup>14</sup> Grifos de Freud.

(como seu pai)” e “Você não pode ser assim (como seu pai)”. A solução dessa ambivalência se apresenta como não tomar o lugar do pai junto à mãe nem usurpar sua autoridade, mas ser como ele mais tarde, tendo o direito de ter outra mulher. Isso evidencia o aspecto contraditório presente na construção do supereu.

O amor e o ódio humanos têm suas origens no desamparo, no qual o outro é fundamental para a constituição simbólica. Ainda nesse texto, no capítulo V, “As relações dependentes do ego”, Freud revela o fator moral presente na culpa. Antes, por meio do estudo sobre a reação terapêutica negativa, Freud evidencia as relações entre o supereu e o id, nas quais aparece um componente de ganho secundário na permanência da doença e isso vem constituir um obstáculo poderoso ao tratamento analítico. Nesse viés, o supereu se apresenta sob duas vertentes constitutivas, uma edípica e outra pulsional. A vertente pulsional se sustenta por meio do aspecto feroz, acusatório do supereu sobre o eu, como podemos observar, por exemplo, na melancolia e na neurose obsessiva.

Neste ponto, pedimos permissão para fazermos uma digressão sobre o que acabamos de afirmar sobre a presença de duas vertentes constitutivas para o supereu, uma edípica e outra pulsional. Isso é necessário porque quem trabalhou tal suposição antes de nós foi Marta Rezende Cardoso, em seu livro *Superego*<sup>15</sup>, de 2002. Nesse livro, ela desenvolve um trabalho sobre a metapsicologia do supereu.

Ela defende, já na apresentação de seu livro, uma “dupla polaridade do supereu: por um lado, uma instância de proibição; por outro, uma instância que extrai sua força das pulsões.” (CARDOSO, 2002: p. 11).

---

<sup>15</sup> Esse livro se dedica ao estudo do supereu e constitui, em sua maior parte, uma síntese da pesquisa de doutorado da autora em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, na França, na Universidade de Paris VII. Esse trabalho, segundo a autora, veio dar seqüência a um trabalho anterior sobre identificação, cujo enfoque era a questão da prioridade do outro na constituição psíquica do sujeito.

Nesse trabalho, é possível acompanharmos o percurso freudiano sobre o tema e, a partir desse percurso, podemos extrair aspectos importantes para o nosso estudo sobre a culpa, mediante a constatação da sua associação com a constituição do supereu. Se pensarmos no supereu como herdeiro do complexo de Édipo, constituído por uma interiorização das interdições, como vimos em Freud, e no aspecto “demoníaco” e perseguidor do supereu, como uma dimensão pulsional de ataque ao eu, podemos dizer que a culpa se associa a essa constituição. O sentimento de culpa acompanha a constituição do supereu, mantendo o ataque a si mesmo, a interdição e o ideal. Mas, como nos lembra Cardoso,

toda culpa é do ego e vem sempre dar um sentido, ainda quando se apresenta sob forma categórica: “Seja como for, és culpado”. [...] O superego não é intrinsecamente ligado a uma dimensão de moralidade. Não é senão o ego que, pela via do recalçamento secundário, recalçamento edípiano, pode fazer do superego um interditor, um juiz, às vezes implacável, das pulsões. (CARDOSO, 2002: p. 15).

Segundo a autora, a conceituação de Freud sobre o supereu resulta de uma dinâmica complexa, em que estão presentes a dimensão do interdito (pela via da consciência moral), do ideal (pela via do narcisismo e das identificações) e pulsional (dimensão distinta das interdições). Para ela, a teoria freudiana sobre o supereu mantém um caráter paradoxal, que se deve “à transposição de registros: do ataque pulsional passa-se diretamente às interdições morais (*da sexualidade à lei*<sup>16</sup>).” (CARDOSO, 2002: p. 21).

Podemos ainda ressaltar que o ponto de confluência entre as duas forças presentes no supereu e conseqüentemente na culpa, – uma interna, pulsional, e outra externa, força das interdições – é a agressividade pulsional. Temos, na teoria freudiana, um supereu pulsional pré-edípiano e um supereu edípico, ligado à castração. Isso nos revela uma transposição da ordem pulsional à ordem moral e vice-versa. É nessa transposição que encontramos a culpa.

---

<sup>16</sup> Grifos da autora.

Voltando a Freud, o motor para a permanência dessa vertente pulsional é o sentimento de culpa, que, por meio da compreensão do masoquismo moral, permite-nos estabelecer um parentesco desse fator moral com a melancolia:

Ao final, percebemos que estamos tratando com o que pode ser chamado de fator 'moral', um sentimento de culpa, que está encontrando sua satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento. Devemos estar certos em encarar esta explicação desencorajadora como final. Mas, enquanto o paciente está envolvido, esse sentimento de culpa silencia; não lhe diz que ele é culpado; ele não se sente culpado, mas doente. Esse sentimento de culpa expressa-se apenas como uma resistência à cura que é extremamente difícil de superar. É também particularmente difícil convencer o paciente de que esse motivo encontra-se por trás do fato de ele continuar enfermo; ele se apegava à explicação mais óbvia de que o tratamento pela análise não constitui o remédio certo para o seu caso<sup>17</sup>. (FREUD, 1923: p. 62-63).

O sujeito não abandona a necessidade de punição e encontra certa pacificação de sua culpa na doença. Ao mesmo tempo em que isso acontece, esse sentimento faz o sujeito persistir em sua doença, fator que dificulta muito a obtenção de sua cura pela psicanálise. Sendo a culpa um obstáculo à cura, é necessário um estudo mais detalhado de suas implicações. A partir do estudo de Freud sobre os fenômenos da resistência e da repetição, encontrados no processo analítico, é possível dizer, portanto, que o sentimento inconsciente de culpa representa um difícil obstáculo a ser transposto no intuito de obtenção de cura das doenças psíquicas.

Neste ponto, pode-se indagar: de que modo o supereu se associa ao sentimento de culpa? Para responder a isso, Freud (1923: p. 64-65) faz um relato sobre a culpa vinculada a algumas estruturas psíquicas:

- O sentimento de culpa normal (consciente) e o sentimento de inferioridade constituem-se numa expressão crítica do eu resultante da tensão entre o eu e o ideal do eu, ambos comuns aos neuróticos.

---

<sup>17</sup> “A luta com o obstáculo de um sentimento inconsciente de culpa não é fácil para o analista. Nada pode ser feito contra ele diretamente, e também nada indiretamente, exceto o lento processo de descobrir suas raízes recalçadas inconscientes, e, assim, gradativamente, transformá-lo num sentimento *consciente* de culpa.” (FREUD, 1923: p. 63).

- Na neurose obsessiva, o sentimento de culpa se manifesta de forma bastante cruel. O supereu conhece os desejos recalcados do sujeito e exerce uma força punitiva contra o eu, que desconhece tais desejos. Há a predominância de fenômenos de formação reativa<sup>18</sup>, ou seja, o eu reage à punição exercida pelo supereu.
- Na melancolia, o supereu se expressa ainda mais fortemente sobre a consciência. Mas o eu não se arrisca a fazer objeções ao supereu, admitindo a culpa e submetendo-se ao castigo.
- Na histeria, o sentimento de culpa permanece inconsciente porque os desejos são recalcados e lá mantidos. A culpa irá manifestar-se de maneira distorcida. O eu alcança êxito ao manter afastado o material ao qual o sentimento de culpa se refere.
- Muitos crimes se justificam pela potencialização desse sentimento de culpa no sujeito neurótico. O ato de cometer o crime gera alívio para o sujeito por poder ligar seu sentimento inconsciente de culpa a algo real e consciente<sup>19</sup>.

Podemos notar que, em todas as situações, o supereu se revela como uma instância inconsciente independente do eu (consciente), vinculado, sim, ao id (inconsciente). Porém, resta saber o que faz com que o supereu se manifeste como crítica contra o eu. Sobre essa questão, é importante ressaltarmos a associação do supereu à pulsão de morte, manifestada na autodestruição ou na agressividade. O supereu age como se o eu fosse o responsável pelas intenções proibidas, substituindo o amor pelo ódio.

Nesse viés, a identificação edípica “tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação.[...] Após a sublimação, o componente erótico não tem mais a possibilidade de unir a totalidade da agressividade, que com ele se achava combinada,

<sup>18</sup> A formação reativa pode ser definida como um contra-vestimento de um elemento consciente que se opõe ao investimento inconsciente. É uma atitude “de sentido oposto a um desejo recalcado e constituído em reação contra ele.” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1996: p. 200).

<sup>19</sup> Esta idéia também se encontra presente no artigo de Freud, *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho analítico*, de 1916.

e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição.” (FREUD, 1923: p. 67). Assim,

estas considerações tornam possível encarar o medo da morte, tal qual o medo da consciência, como um desenvolvimento do medo da castração. A grande significação que o sentimento de culpa tem nas neuroses torna concebível que a ansiedade neurótica comum seja reforçada nos casos graves pela formação de ansiedade entre o ego e o superego (medo da castração, da consciência, da morte). (FREUD, 1923: p. 71).

Podemos dizer ainda que, quanto maior o controle da agressividade voltada para o outro, maior é a severidade do superego e maior é a manifestação do sentimento de culpa por meio da autopunição. Isso nos leva à hipótese de que há uma volta da agressividade para o próprio eu e de que há uma des fusão pulsional<sup>20</sup>. Essas fontes de agressividade e crueldade apresentadas pelo superego são alimentadas pela pulsão de morte. Sendo assim, faz-se necessária uma investigação mais detalhada do que vem a ser a pulsão de morte.

### 1.3- A culpa e a pulsão de morte

A pulsão de morte aparece formulada no texto *Além do princípio do prazer* (1920), por meio da observação clínica da compulsão à repetição.

Até então, para Freud, os eventos mentais seriam regulados pelo princípio de prazer, ou seja, o curso desses eventos seria colocado em movimento por uma tensão desagradável que toma uma direção correspondente à redução dessa tensão, evitando o desprazer ou produzindo prazer. O prazer e o desprazer estão relacionados à quantidade de excitação, presente na mente, em que o desprazer corresponde a um aumento na

---

<sup>20</sup> Segundo Freud, na neurose obsessiva, “a des fusão de amor em agressividade não foi efetuada por ação do ego, mas é o resultado de uma regressão que ocorreu no id. Esse processo, porém, estendeu-se além do id, até o superego, que agora aumenta a sua severidade para com o inocente ego.” (FREUD, 1923: p. 67). Podemos simplificar o que Freud nos diz sobre este conceito de des fusão com o que encontramos no “Vocabulário da Psicanálise”, de Laplanche e Pontalis (p.205-208). A des fusão consiste no funcionamento separado das duas espécies de pulsões, de vida e de morte, em que cada uma atingiria seu objetivo de maneira independente. Des fusão, na obra freudiana, serve para designar o fato de a agressividade conseguir quebrar sua relação com a sexualidade. Em Freud, a ambivalência da neurose obsessiva é um dos melhores exemplos de uma fusão que não se completou.



quantidade de excitação e o prazer, a uma diminuição. Nesse sentido, o aparelho psíquico consiste em manter baixa a quantidade de excitação, seguindo o princípio da constância<sup>21</sup>, e tudo o que tem por objetivo aumentar essa quantidade é sentido como desagradável ao funcionamento do aparelho. Até 1920, Freud distinguia as pulsões em pulsões do eu e pulsões sexuais e, nesse dualismo, o objetivo consistia em manter baixa a quantidade de excitação para a obtenção de prazer. Essa tensão deve ser equilibrada no dinamismo econômico do aparelho psíquico. Nesse dinamismo prazer-desprazer, desejos proibidos são recalçados e permanecem afastados da possibilidade de satisfação. Se, por uma via indireta ou substitutiva, esse desejo alcança êxito, o que aparentemente seria uma oportunidade de obter prazer, é sentido pelo eu como desprazer. Isso porque o recalçamento transforma uma possibilidade de prazer em desprazer: “esse desprazer pode ser a percepção de uma pressão por parte de instintos insatisfeitos, ou ser a percepção externa do que é aflitivo em si mesmo ou que excita expectativas desprazerosas no aparelho mental, isto é, que é por ele reconhecido como um ‘perigo’.” (FREUD, 1920: p. 21). Sob a influência das pulsões de autopreservação do eu, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade, porém a intenção de obter prazer não é abandonada.

Para explicar melhor a dominância do princípio do prazer, Freud recorre ao jogo do *fort-da*<sup>22</sup>, perguntando-se sobre como pode a repetição de uma experiência aflitiva estar em harmonia com o princípio de prazer. A criança, ao fazer de sua experiência aflitiva um jogo, sai de uma posição passiva, assumindo uma posição ativa mediante sua angústia. Assim, o jogo do *fort-da* nos mostra a predominância do princípio de prazer no funcionamento dinâmico e econômico do aparelho psíquico.

---

<sup>21</sup> O princípio da constância, segundo Freud (1920: p. 19), é a tendência de manter constante a quantidade de excitação presente no aparelho psíquico.

<sup>22</sup> Brincadeira feita, repetidamente, por uma criança de um ano e meio com um carretel, que consistia em arremessá-lo para longe e trazê-lo de volta, simbolizando o desaparecimento (*fort*) e o retorno (*da*) da mãe.

Sobre a compulsão à repetição, é importante mencionarmos que a resistência presente nesse mecanismo não pertence ao inconsciente, pois ele não oferece resistência alguma ao tratamento. Na verdade, ela indica que o material recalado está se esforçando para se tornar consciente ou ser descarregado por meio de alguma ação ou sintoma. A resistência vem do eu, regido pelo princípio de realidade, que tenta a todo custo regular as forças pulsionais, evitando o desprazer que seria produzido pela liberação do material recalado. O tratamento psicanalítico consiste em transformar em consciente o que é inconsciente por meio da relação transferencial. Mas o que se observa é que nem todo o conteúdo recalado é passível de se tornar consciente. O material que permanece sob recalque é atualizado por meio da repetição, ou seja, o paciente é obrigado a repetir o material recalado como se fosse uma experiência atual ao invés de recordar esse conteúdo. Isto é o que chamamos de compulsão à repetição. A culpa se apresenta como um fenômeno desse mecanismo, por meio da autopunição.

Como podemos relacionar a compulsão à repetição, que é a manifestação do conteúdo recalado, com o princípio de prazer? Sabemos que o que é reexperimentado na compulsão à repetição causa desprazer ao eu por trazer à tona o material recalado. Assim, apesar de ser desprazer para um dos sistemas, é prazer para outro. É a compulsão à repetição que permite Freud postular a pulsão de morte, pois esse mecanismo coloca em evidência a presença constante de um conflito psíquico.

Com o estudo do conceito da compulsão à repetição, constatamos que há uma insistência do eu em repetir situações dolorosas numa tentativa de sempre retornar à experiência traumática e mantê-la. Essa insistência é regida pela pulsão de morte e está a serviço da função defensiva do eu. Nesse sentido, encontramos o sentimento de culpa, que aparece como um fenômeno clínico, inconsciente ou consciente, ajudando o eu a se defender.

Outro conceito que se apresenta para a compreensão da pulsão de morte é a reação terapêutica negativa. Ela está associada ao estranho apego à doença e aos sofrimentos que o sujeito apresenta no contexto analítico. Segundo Freud (1920: p. 52-53)<sup>23</sup>, podemos situar esta força que se opõe à cura na relação entre o supereu e o eu e atribuí-la ao sentimento de culpa e à necessidade de punição.

A reação terapêutica negativa é uma expressão da natureza da repetição. Ela surge à medida que o paciente piora, apresentando-se como um paradoxo, pois é mediante a interpretação que a sintomatologia se agrava, em vez de resultar em uma melhora. Esse paradoxo de algo que se opõe à cura, vivido pelo paciente como um perigo, aponta para o sentimento de culpa. O obstáculo que se apresenta à análise é uma defesa contra a insistência de algo recalcado que retorna sem cessar e que, por meio do processo analítico, quer se revelar.

Assim, para Freud, o sujeito repete para não lembrar, respeitando o princípio de prazer. Desse modo, podemos afirmar que o material recalcado pelo eu permanece vivo no inconsciente e insiste em retornar. O eu resiste contra esta força na tentativa de dominar o conflito estabelecido. Esse movimento pulsional entre as instâncias psíquicas pode acarretar na manutenção do sintoma. Nessa relação, é possível evidenciar que a pulsão de morte se volta contra o eu, que busca o sofrimento para satisfazer a necessidade de punição. Nesse contexto, a reação terapêutica negativa se relaciona com a pulsão de morte na medida em que é estabelecida a necessidade masoquista de o eu se punir, como uma reação para aliviar a tensão entre o eu e o supereu.

Então, em 1920, com o texto, *Além do princípio do prazer*, Freud concebe outro dualismo pulsional: pulsão de vida x pulsão de morte. Pulsão de vida, que consiste na junção das pulsões do eu e sexuais, e pulsão de morte, que representa a tentativa de

---

<sup>23</sup> Freud defende ali a idéia de que os desejos proibidos se esforçam para serem satisfeitos, numa tentativa de repetir a experiência de satisfação primária. Diante disso, podemos dizer que surgem a compulsão à repetição e a reação terapêutica negativa para tentar lidar com a tensão criada no aparelho psíquico.

abolição total de tensão. Com a hipótese da libido narcisista, a pulsão sexual foi transformada em Eros, que procura reunir e manter o equilíbrio pulsional do aparelho psíquico. Parte dessa pulsão sexual pode se voltar para os objetos. Eros aparece como uma pulsão de vida em oposição à pulsão de morte. Nesse dualismo pulsional, o eu insiste em repetir situações desagradáveis que geram profundo desconforto e isso levará à hipótese da pulsão de morte:

Concedem-nos assim a visão de uma função do aparelho mental, visão que, embora não contradiga o princípio de prazer, é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer. Esse, então, pareceria ser o lugar para, pela primeira vez, admitir uma exceção à proposição de que os sonhos são realizações de desejos. Os sonhos de ansiedade, como repetida e pormenorizadamente demonstrei, não oferecem essa exceção, nem tampouco o fazem os 'sonhos de castigo', porque eles simplesmente substituem a realização de desejo proibida pela punição adequada a ela, isto é, realizam o desejo do sentimento de culpa que é a reação ao impulso repudiado. (FREUD, 1920: p. 42-43).

Lembremos que, os sonhos, para Freud, possuem a missão de realização dos desejos recalçados. Contudo, os sonhos de castigo que aparecem distorcidos por substituir o desejo proibido pela punição realizam, na verdade, os desejos do supereu. Aqui, o prazer sentido por algo proibido causa um terrível desprazer, que merece, a todo custo, ser punido. O sujeito, em suas experiências, comporta-se de modo puramente infantil, mostrando que os traços de memória recalçados de suas experiências primevas estão ainda presentes, instigando nele a culpa. Assim, as manifestações de compulsão à repetição apresentam uma força pulsional e, quando entram em oposição ao princípio do prazer, dão a aparência, segundo Freud (1920: p.46), de uma força “demoníaca” em ação. O material que se encontra recalçado nunca deixa de buscar satisfação e, diante disso, as formações reativas e substitutivas bem como a sublimação não serão suficientes para remover a tensão constante desse conteúdo inconsciente.

## Masoquismo

Outro texto importante na concepção da culpa em Freud é “O problema econômico do masoquismo” (1924). Nesse artigo, ele descreve o fenômeno do masoquismo que, em textos anteriores, derivado de um sadismo, não se reconhecia ainda como masoquismo primário. A partir de *Além do princípio do prazer* (1920), com a introdução da pulsão de morte, justifica-se um masoquismo primário ou erógeno. Ele conduz a duas formas derivadas de masoquismo, o feminino e o moral, que se vinculam na compreensão do sentimento de culpa.

O masoquismo erógeno – excitação sexual e prazer no sofrimento – está presente nos outros tipos de masoquismo, dando-lhes um fundo sexual; o masoquismo feminino, ligado ao complexo de Édipo, menos obscuro e mais acessível à consciência, refere-se ao posicionamento passivo como característica do feminino; e o masoquismo moral, a forma mais importante assumida pelo masoquismo, embora bastante problemático em sua compreensão, relaciona-se ao sentimento de culpa inconsciente. Esse sentimento de culpa vincula-se à masturbação infantil e encontra seu conteúdo manifesto nas fantasias masoquistas. O fato novo que interessa a Freud agora é que esse conteúdo refere-se à forma masoquista moral. Nesse contexto, mais uma vez é importante dizer que as neuroses servem para manter o sofrimento, satisfazendo a necessidade masoquista e apaziguando a culpa:

Os pacientes não acreditam facilmente em nós quando lhes falamos sobre o sentimento inconsciente de culpa. Já sabem demais por que tormentos — as dores da consciência — se expressa um sentimento consciente de culpa, uma consciência de culpa e, portanto, não podem admitir que possam abrigar em si mesmos impulsos exatamente análogos, sem estarem no mínimo conscientes deles. Até certo ponto, penso eu, podemos enfrentar sua objeção se abandonarmos o termo ‘sentimento inconsciente de culpa’, que, de qualquer modo, é psicologicamente incorreto, e falarmos, em vez disso, de uma ‘necessidade de punição’, que abrange o estado de coisas observado de modo igualmente apropriado. Não podemos, porém, impedir-nos de julgar e localizar esse sentimento inconsciente de culpa do mesmo modo como fazemos com o tipo consciente. (FREUD, 1924: p. 184).

Aqui, Freud tenta propor um novo termo – necessidade de punição – por julgá-lo mais adequado, ao invés de sentimento inconsciente de culpa. Mas não o sustenta como termo, continuando a utilizar “sentimento inconsciente de culpa”. Apesar da contradição presente na expressão “sentimento inconsciente de culpa”, evidenciada anteriormente, podemos dizer que o uso desse termo não é totalmente inadequado, pois o afeto é manifesto conscientemente e a idéia que gerou a culpa permanece recalçada, inconsciente:

Atribuímos a função da consciência ao superego e reconhecemos a consciência de culpa como expressão de uma tensão entre o ego e o superego. O ego reage com sentimentos de ansiedade (ansiedade de consciência) à percepção de que não esteve à altura das exigências feitas por seu ideal, ou superego. O que desejamos saber é como o superego veio a desempenhar esse papel exigente e por que o ego, no caso de uma diferença com o seu ideal, deve ter medo. [...] O sadismo do superego e o masoquismo do ego suplementam-se mutuamente e se unem para produzir os mesmos efeitos. Só assim, penso eu, podemos compreender como a supressão de um instinto pode, com freqüência ou muito geralmente, resultar em um sentimento de culpa, e como a consciência de uma pessoa se torna mais severa e mais sensível, quanto mais se abstém da agressão contra os outros. (FREUD, 1924: p. 184, 187).

O fato de o masoquismo moral ser inconsciente nos leva a traduzir a expressão “sentimento inconsciente de culpa” com o significado de uma necessidade de punição pela mão de um poder paterno. “Sabemos agora que o desejo, tão freqüente em fantasias, de ser espancado pelo pai se situa muito próximo do outro desejo, o de ter uma relação sexual passiva (feminina) com ele, e constitui apenas uma deformação regressiva deste último.” (FREUD, 1924: p. 186-187). Diante disso, pode-se dizer que a consciência e a moralidade surgiram mediante a superação, a dessexualização do complexo de Édipo; por meio do masoquismo moral, porém, a moralidade mais uma vez se torna sexualizada, o complexo de Édipo é revivido e abre-se o caminho para um novo recalque.

Isso nos leva à questão sobre como conciliar a tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos com o princípio do funcionamento mental descrito no

princípio de prazer. Do ponto de vista econômico essa tendência ao masoquismo se apresenta como algo misterioso. É necessário, para tanto, rever as formulações sobre os princípios do funcionamento psíquico. Como vimos, de um lado tem-se Eros ou as pulsões de vida (pulsões sexuais e pulsões do eu), reguladas pelo princípio de prazer, por meio do qual se busca satisfação por meio da diminuição da tensão. Por outro lado, tem-se a pulsão de morte, em que se evidencia o princípio de Nirvana<sup>24</sup> como o princípio fundamental do funcionamento psíquico. O princípio de Nirvana representa a diminuição de energia, regulando o prazer-desprazer.

A hipótese da pulsão de morte possibilita uma explicação para o masoquismo erógeno, que é transformado, em parte, em sadismo. Isso ocorre mediante a fusão e a des fusão das pulsões<sup>25</sup>, que vêm representar a coexistência das pulsões de vida e de morte no aparelho psíquico. O masoquismo moral vem comprovar a existência da fusão pulsional. A des fusão das pulsões que se segue à dessexualização, própria da dissolução do complexo de Édipo, acarreta o aumento da severidade do supereu. O masoquismo moral indica, mais uma vez, o fundamento edípico da moral e, portanto, da culpa, que se liga ao Édipo por meio da dessexualização. O masoquismo moral também indica o fundamento pulsional da moral, pela pulsão de morte. Tudo isso vem reafirmar as duas vertentes para o supereu, para a moral e para a culpa: a edípica e a pulsional. A pulsão de morte constitui o motor para a culpa, que precisa de outras instâncias para se sustentar. O complexo de Édipo, com a ambivalência, a interdição e a identificação, vem se somar à pulsão de morte para a concepção e sustentação da culpa.

---

<sup>24</sup> Segundo Freud, o princípio de Nirvana consiste no “esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos [...], tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte.” (FREUD, 1920: p.66).

<sup>25</sup> É importante mencionar que estão em questão na fusão e des fusão das pulsões a sexualidade e a agressividade.

O sentimento de culpa é pensado, portanto, a partir das pulsões sexuais em ação no complexo de Édipo, da ambivalência em relação ao pai decorrente de seu papel como rival, da hipótese da bissexualidade e do processo de identificação, e, finalmente, do papel das pulsões de morte no interior do supereu.

Como vimos, a necessidade inconsciente de punição comporta-se como uma parcela de consciência, como um prolongamento de nosso inconsciente para a consciência. Deve ter a mesma origem que a consciência e corresponde, pois, a uma parcela de agressividade que foi internalizada pelo eu e assumida pelo supereu. Isso é o que se pode chamar de “sentimento inconsciente de culpa”, que se manifesta constantemente no processo analítico, de forma a manter o sintoma, mesmo que deslocado, para não deixar de ser punido. Portanto, torna-se possível observar que o sentimento de culpa e a necessidade de punição são obstáculos difíceis num processo terapêutico, representando o conflito psíquico.

O mal-estar

Neste ponto, podemos analisar um dos textos mais importantes para a compreensão do sentimento de culpa: *O mal-estar na civilização* (1930[1929]). Esse trabalho freudiano explora a gênese desse sentimento e suas implicações na vida dos seres humanos. Nele, Freud trata do mal-estar sentido pelo eu por ter que fazer uma renúncia pulsional, renúncia que é necessária para o estabelecimento da ordem social. Acontece que, como já sabemos, o eu não renuncia a seus desejos, mas os recalca. Nesse conflito entre o eu e o id, a angústia se mantém. Para que o recalque seja sustentado, outro conflito, entre o eu e o supereu, é estabelecido. Nesse conflito, encontramos a agressividade do supereu dirigida ao eu, alimentada pela pulsão de morte. É nesse contexto, nessa tensão entre o eu e o supereu que a culpa se presentifica.



A pulsão de morte está na contramão do processo de civilização, indo de encontro aos interesses da organização social. A ordem social, na verdade, é estabelecida num constante conflito entre as pulsões de vida e de morte, gerando no eu um mal-estar. Por um lado, a civilização utiliza meios, como as leis, para inibir a agressividade e, por outro, mesmo que recalcados, há os desejos proibidos, mantidos no inconsciente. O sentimento de culpa, presente no conflito entre o eu e o supereu, está, nesse sentido, a serviço da manutenção da ordem social:

A tensão entre o severo superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nós chamada de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição. A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada. (FREUD, 1930[1929]: p. 127).

A compreensão do mal-estar começa com a discussão sobre o sentimento oceânico que, para Freud, está vinculado ao desamparo infantil e se constitui como o resíduo de uma fase primitiva do sentimento de desamparo do eu. O sentimento de culpa aparece como um sentimento vago, uma sensação aflitiva, que só irá se revelar como culpa a partir da introjeção da interdição.

Inicialmente, como vimos, Freud (1915) tenta explicar o surgimento do supereu, advindo da agressividade introjetada pelo eu, que é separada dessa instância, tornando-se “independente” do eu, para atacá-lo. Assim, o eu torna-se sujeito ao supereu. Essa tensão entre o severo supereu e o eu é expressa pelo sentimento de culpa, que aparece como uma necessidade de punição, resultando no domínio do desejo de agressividade do eu. O supereu tem a função de conter esse desejo a qualquer preço: “Na realidade, então devemos falar de consciência ou de sentimento de culpa. [...] O superego atormenta o ego pecador com o mesmo sentimento de ansiedade e fica à espera de oportunidades para fazê-lo ser punido pelo mundo externo.” (FREUD, 1930[1929]: p. 129). A consciência, nesse sentido, nos indica que, quanto mais honesto é um sujeito,

mais severo é o seu comportamento. Mas, por que justamente as pessoas mais dóceis são as que se sentem mais culpadas? Segundo Freud, mediante a dinâmica da consciência, a cada renúncia pulsional aumenta-se a severidade e a intolerância do supereu para que a renúncia seja mantida. Ou seja, “o efeito da renúncia instintiva sobre a consciência, então, é que cada agressão de cuja satisfação o indivíduo desiste é assumida pelo superego e aumenta a agressividade deste (contra o ego).” (FREUD, 1930[1929]: p. 132). Assim, podemos concluir que “o sentimento de culpa, a severidade do supereu, é, portanto, o mesmo que a severidade da consciência<sup>26</sup>.” (FREUD, 1930[1929]: p. 139).

Para que a culpa, normalmente expressa como uma angústia social, possa ser sentida, é necessário que a autoridade seja introjetada e o supereu estabelecido. Outro fator determinante é que não é preciso cometer um ato proibido, basta desejá-lo, para ser sentida a culpa. Isso porque nada escapa ao supereu. Assim, “o que é mau, freqüentemente, não é de modo algum o que é prejudicial ou perigoso ao ego; pelo contrário, pode ser algo desejável pelo ego e prazeroso para ele.” (FREUD, 1930[1929]: p. 128). O que é mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos faz sentir ameaçados, de forma que, por medo dessa perda, deve-se evitá-lo. Nesse sentido, o sentimento de culpa nada mais é que um medo da perda do amor, uma angústia social.

Voltando à origem da culpa, Freud revela duas fontes: uma que surge do medo da autoridade e outra, posterior, que surge do medo do supereu. A primeira vincula-se à renúncia das satisfações pulsionais e a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso, exige punição, uma vez que os desejos proibidos não se escondem do supereu. O supereu

---

<sup>26</sup> Segundo Freud (1930[1929]: p.139), só podemos falar de consciência a partir do momento em que o supereu já se encontra presente na dinâmica do aparelho psíquico. Já o sentimento de culpa existe antes da constituição do supereu e, portanto, antes da consciência também, sendo expresso pelo medo da autoridade externa, ou seja, representa uma tensão existente entre o eu e essa autoridade. Representa o conflito entre a necessidade do amor da autoridade e o desejo de satisfação pulsional, cuja inibição produz a inclinação para a agressão.

deve ser entendido, portanto, como um mantenedor da autoridade externa. Em sua origem, a renúncia pulsional constitui o resultado do medo da autoridade externa, para não perder seu amor. Mas, quanto ao supereu, uma renúncia pulsional não basta, pois o desejo persiste e não pode ser escondido. Por isso, há a permanente necessidade de punição. Assim se alimenta a culpa, como uma ameaça de infelicidade externa, que é transmutada por uma permanente infelicidade interna. Portanto, as fontes que alimentam a culpa já existem antes mesmo da instalação do supereu. Além dessas origens até aqui apontadas quanto ao sentimento de culpa, não se pode deixar de lado a suposição de que esse sentimento é originado no complexo de Édipo e que foi adquirido quando ocorreu o assassinato do pai primevo, em que o ato de agressão não foi recalçado e sim executado. O remorso<sup>27</sup> sentido constitui o resultado da ambivalência emocional (amor x ódio) para com o pai. O ódio fora satisfeito pelo ato de agressão e o amor gerou remorso. Criou-se, com isso, o supereu pela identificação com o pai como meio de punição pelo ato de agressão cometido. Daí, também, formaram-se restrições destinadas a impedir a repetição do ato. Tendo em vista que a inclinação à agressividade contra o pai se repetiu nas gerações futuras, pela vivência do complexo de Édipo, é inevitável que a culpa persista.

Portanto, pode-se dizer que, quando uma tendência pulsional experimenta o recalçamento, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa. A culpa sentida pelos sujeitos, por meio das doenças psíquicas que vêm a desenvolver (psicologia individual), é reportada

---

<sup>27</sup> O remorso deve ser entendido como um sentimento de culpa que é sentido depois de se praticar uma má ação. Refere-se, portanto, a um ato cometido e pressupõe que exista uma consciência de culpa antes que o ato fosse praticado. (FREUD, 1930[1929]: p.134). Nesse sentido, podemos observar que o remorso é diferente do sentimento de culpa. Ou seja, com a instalação do supereu, a autoridade interna, a culpa não coincide mais com o remorso, pois não necessita que o ato seja praticado para ser sentida, podendo ser apenas desejado pelo eu.

à psicologia de grupo, em que toda a civilização compartilha desse sentimento de culpa como uma espécie de mal-estar.

Assim, como não há possibilidade de satisfação, a felicidade se torna impossível. Freud (1930 [1929]) fala de várias defesas contra o desamparo, ressaltando a religião que, segundo ele, é precária como solução, pois distorce o mundo, intimida a inteligência e fixa o sujeito no infantilismo. Nesse viés, em que a moral é pensada a partir da libido, a culpa vem revelar um caráter imoral, no qual o medo vigora. Isso porque a moral se constitui por meio da limitação pulsional; por medo o sujeito se submete à interdição e a culpa denuncia essa submissão que, na verdade, não é uma renúncia, mas um recalque.

O que podemos concluir, com isso, é que a culpa aparece vinculada à vertente pulsional. A vertente interditora, em ação no complexo de Édipo, não é abandonada, mas agora o que se apresenta é a evidência da pulsão de morte. Tanto uma vertente como a outra são referentes ao supereu e vinculam-se à culpa, pois, como se pode observar, supereu e culpa caminham lado a lado, um ajudando a evidenciar o outro. É importante dizer ainda que Freud, nesse texto, analisa a culpa num âmbito cultural, associando-a à moral, à religião e ao mal-estar, para mostrar sua gênese e a maneira como esse sentimento de culpa é determinante para a organização social, com seus preceitos morais e éticos, bem como para o surgimento da religião.

Portanto, por meio das duas vertentes presentes na obra freudiana sobre o supereu, analisadas aqui, estabelecemos a culpa. A vertente interditora, que aparece no estudo da culpa associada ao complexo de Édipo, é sustentada pela introjeção da interdição externa, por meio da renúncia pulsional que o eu faz para não perder o amor da autoridade. A culpa existe antes mesmo da instalação do supereu, sendo expressa no conflito existente entre o eu e o medo da perda de amor dos pais. A vertente pulsional se

estabelece pela constituição do supereu, instalação de uma instância interna que tem como função vigiar o eu para manter os desejos proibidos recalçados. Na verdade, após o narcisismo, em que o eu vivencia o eu ideal, o supereu, já constituído, tenta manter vivo o ideal do eu. O desejo de satisfação desse ideal é alimentado, a todo instante, pela pulsão de morte, desejo de agressão ou de punição dirigidos ao eu. É esse somatório do supereu sendo alimentado pela pulsão de morte que constitui a vertente pulsional da culpa. Assim, a pulsão de morte, por meio do supereu, mantém e alimenta a culpa sentida pelo eu. Desse modo, o sentimento de culpa, para se constituir e se manter, precisa de três pilares: ambivalência presente no complexo de Édipo, constituição do supereu e pulsão de morte.

Pelo que vimos, por meio da teoria sobre o sentimento de culpa, Freud o concebe sob o ponto de vista metapsicológico. Tanto o percurso na obra freudiana sobre o sentimento de culpa quanto sua concepção metapsicológica nos permitem indagar: por que o sujeito, digamos, escolhe uma maneira agressiva e autopunitiva, que é o sentimento de culpa, para se defender em seu conflito psíquico? Ao formular essa pergunta, podemos pensar sobre a que se deve a diferenciação existente entre a manifestação da culpa na melancolia e na neurose obsessiva. O que torna esta diferenciação possível? Essa é a questão que nos move no presente trabalho. O que podemos dizer até aqui é que este estudo metapsicológico nos ajudará a compreender as diferenças presentes na função e nas expressões da culpa na melancolia e na neurose obsessiva. Acreditamos também que encontraremos meios para compreender essas diferenças por meio do estudo das relações entre o eu e o supereu nessas estruturas.

## Capítulo II: O mecanismo da culpa na neurose obsessiva

De certa forma, já falamos sobre a neurose obsessiva no primeiro capítulo, ao evidenciarmos a culpa na obra freudiana. Estudaremos, inicialmente, a neurose obsessiva, por meio de um exemplo na literatura e de outro no cinema. Mas, além disso, julgamos necessário fazermos uma investigação mais detalhada do que vem a ser a neurose obsessiva para Freud, a fim de embasarmos melhor nossa argumentação acerca da relação entre as instâncias psíquicas eu e supereu nessa estrutura e mostrarmos qual o papel prestado pela culpa nessa relação.

### *Crime e Castigo*

Na literatura, o tema da culpa é abordado com frequência pelos escritores. Uma dessas obras, considerada um grande clássico da literatura, é o livro *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski, que conta, em sua história, sobre um sujeito atormentado pela culpa. A partir da leitura desse livro tentaremos ilustrar, fora do contexto clínico, o mecanismo do sentimento de culpa.

*Crime e Castigo*, publicado em 1866, é um texto denso, marcado pela ficção literária e pela reflexão filosófica. Relata a história de Raskólnikov, um estudante pobre que, por não ter condições de custear seus estudos, vê-se obrigado a deixar a faculdade. Com isso, o sonho acalentado por sua família se desfaz. A mãe recebe uma pensão anual que não dá para o sustento da família, a irmã é forçada a trabalhar como governanta, tornando-se objeto de assédio sexual de um rico senhor de terras, o que a leva à perda do emprego. Em outro contexto, Sônia, filha de seu amigo Marmieládov, é levada a prostituir-se para evitar que as crianças da sua madrasta morram de fome. Paralelamente, Raskólnikov é explorado por uma velha, Aliena Ivánovna, que cobra juros altos para lhe emprestar uns minguados trocados sob penhora de alguns pobres

objetos de estimação familiar. Com todo esse cenário miserável, Raskólnikov, bastante inteligente e de sensibilidade aguçada, desenvolve uma engenhosa teoria dos indivíduos “ordinários” e “extraordinários”, cuja origem se encontra na experiência dos grandes criminosos da história, como Napoleão. Sua teoria tinha como reflexão central o seguinte pensamento: Napoleão derramou muito sangue para consolidar a civilização burguesa e a história o absolveu. Então, por que ele não poderia matar uma mísera velha agiota?

Licurgos, Sólon, Maomé, Napoleões, etc., [...], foram criminosos já pelo simples fato de que, tendo produzido a nova lei, com isso violaram a lei antiga que a sociedade venerava como sagrada [...] todos os indivíduos, não só os grandes, mas até aqueles que saem um mínimo dos trilhos, isto é, que têm a capacidade, ainda que mínima, de dizer alguma coisa nova, devem ser, por sua natureza, forçosamente criminosos [...]. (DOSTOIÉVSKI, 2004: p. 269).

Sob essa reflexão, ele mata Aliena Ivánovna e jamais reconhecerá que cometeu um crime. Em sua concepção, ele apenas pôs em prática a questão do limite, tema recorrente na obra de Dostoiévski. Raskólnikov quis ousar, quis saber se pararia diante do limite e seria mais um integrante “ordinário” da humanidade, ou se ultrapassaria esse limite, arcando com todas as conseqüências daí advindas, podendo ser considerado um “extraordinário” como Napoleão. Durante algum tempo, conclui que não cometeu crime algum porque a velha era apenas um “piolho”. Ele parece acreditar que não matou um ser humano, percebendo, porém, que matou “um princípio”, e nisso consiste o seu fracasso:

A velhusca foi um absurdo! [...], a velha vai ver que foi mesmo um erro, mas não é nela que está a questão! A velha foi uma doença [...] eu queria ultrapassar o limite o quanto antes [...] eu não matei uma pessoa, eu matei um princípio! Foi o princípio que eu matei, mas além eu não fui, permaneci do lado de cá [...] Eu apenas não queria passar diante da minha mãe faminta [...]. (DOSTOIÉVSKI, 2004: p. 284).

É a consciência desse fracasso que o faz sofrer, que o faz se atormentar durante todo o percurso da história, ilustrando, de maneira exemplar, o sentimento de culpa, vivido por um neurótico obsessivo:

[...] porque eu mesmo, é possível, sou ainda pior e mais torpe que o piolho morto, e pressenti de antemão que viria a dizer isso a mim mesmo depois que o matasse! É, será que alguma coisa pode comparar-se a tamanho horror? (DOSTOIÉVSKI, 2004: p. 285).

A personagem central sofre o tempo todo, mesmo tendo elaborado uma reflexão que justifica o seu ato de matar. Antes de cometer o crime, sofre por não saber se conseguiria ultrapassar o limite. Quando o comete, não consegue se apoderar do dinheiro que roubara, colocando-o debaixo de uma pedra. A partir desse momento, o sofrimento vem como tortura, pela constatação de que não era ele um “extraordinário”.

Eis uma passagem, ocorrida antes do crime, que ilustra esse tormento sofrido pela personagem:

Meu Deus! – exclamou ele – Será, será que eu vou pegar mesmo o machado, que vou bater na cabeça, vou esmigalhar o crânio dela [...] será possível? [...] Sim, mas então por que é que eu... [...] Porque eu sabia que não suportaria aquilo, então por que é que até hoje me atormentei? [...] Porque a simples idéia pensada de fato me deu ânsia de vômito e me deixou apavorado... (DOSTOIÉVSKI, 2004: p. 75).

Durante a execução do crime, Raskólnikov sentia uma repugnância que crescia a cada instante:

Uma idéia angustiante, sombria, crescia nele – a idéia de que estava enlouquecendo, de que naquele instante não tinha condição nem de raciocinar, nem de se defender, de que talvez não devesse fazer o que estava então fazendo... (DOSTOIÉVSKI, 2004: p. 95).

O tormento só aumentava, traduzido em comportamentos e sentimentos estranhos que o invadiam, fazendo com que ele não se reconhecesse, não se entendesse, torturando-se duramente a cada momento que passava. O sofrimento e a dor aparecem



como obrigatórios para uma consciência ampla, marcando todo o conflito existente na experiência da culpa:

[...] naquela ocasião o diabo me arrastou, mas já depois me explicou que eu não tinha o direito de ir lá porque eu sou um piolho exatamente como todos os outros! [...] Foi a mim que eu matei, não a velhota! No fim das contas eu matei simultaneamente a mim mesmo, para sempre!... (DOSTOIÉVSKI, 2004: p. 428).

Com o desenrolar de todo esse sofrimento, em que a culpa é dolorosamente retratada, Raskólnikov se vê fadado a assumir o sofrimento e a tentar se redimir, entregando-se às conseqüências de seu ato. Era preciso se castigar porque sabia que não conseguiria viver com tamanha angústia. Com o fato de se entregar, de assumir a culpa, sentia-se capaz de continuar cidadão e homem, mantendo seu resto de dignidade e satisfazendo, com isso, sua necessidade de punição advinda da culpa:

Dizem que é necessário para me pôr a prova! Para que, para que essas absurdas provações? Para que servem? [...] será que nesses futuros quinze a vinte anos minha alma vai ficar tão resignada que eu vou choramingar com reverência diante das pessoas, chamando-me a mim mesmo de bandido? Sim, isso mesmo, isso mesmo! [...]. (DOSTOIÉVSKI, 2004: p. 527-528).

Ou ainda, no assumir de seu fracasso:

‘Eu sou assassino!’ [...] E já estava tão oprimido pela desesperadora melancolia e pela inquietação de todo esse tempo, mas especialmente das últimas horas, que acabou se precipitando para a possibilidade dessa sensação inteira, nova, completa. [...] Tudo nele amoleceu, e as lágrimas jorraram [...]. (DOSTOIÉVSKI, 2004: p. 534).

É importante ainda dizer que Raskólnikov manteve seu testemunho com firmeza, precisão e clareza, sendo condenado a trabalhos forçados por oito anos. Sua pena fora atenuada por não apresentar grande semelhança com um assassino comum e pelo fato de ter se confessado culpado.

Tudo isso nos aponta as formulações freudianas em “Criminosos em conseqüência de um sentimento de culpa”, contido no artigo *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*, de 1916. Nele, Freud defende a idéia de que o

sujeito, ao praticar uma má ação, encontra alívio para sua angústia, pois consegue ligar seu sentimento de culpa inconsciente a algo consciente. No caso do personagem central de *Crime e castigo*, podemos dizer que Raskólnikov é, na verdade, um criminoso em consequência do sentimento de culpa<sup>28</sup>, conseguindo, pelo ato do crime, diminuir seu sofrimento e penitenciar-se por ele.

Dostoiévski

Passando da obra para o autor, Freud fala de Dostoiévski, no texto “Dostoiévski e o parricídio” (1928[1927]), permitindo, a partir da análise de sua obra, um aprofundamento em sua mente.

Segundo Freud, Dostoiévski demonstra, por meio de seus personagens, uma pulsão de morte bastante acentuada voltada para a própria pessoa, sendo manifestada como masoquismo e sentimento de culpa. Para falar em parricídio, Freud retoma suas teorias sobre o assassinato do pai primevo (*Totem e tabu*, 1912-13), principal fonte da origem da culpa, e sobre o complexo de Édipo que repete, pelo fato de a criança desejar manter relações incestuosas com a mãe e matar o pai rival, o sentimento de ambivalência afetiva. Nele, os desejos proibidos são recalçados e o sentimento de culpa é constituído. O parricídio é a nomeação dada ao crime principal e primevo da humanidade que, como já foi dito, é a principal fonte da culpa. É também retomada a formação do supereu, quando se torna sádico e o eu assume uma posição masoquista, passiva, por surgir nele uma grande necessidade de punição<sup>29</sup>:

O superego se tornou sádico e o ego se torna masoquista, isto é, no fundo, passivo, de uma maneira feminina. Uma grande necessidade de punição se

---

<sup>28</sup> Essa idéia ficará mais clara ao examinarmos mais adiante o texto freudiano *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*, de 1916.

<sup>29</sup> É possível observar isso em *Crime e castigo*, relatado anteriormente, por meio da culpa e de sua necessidade de punição vivida pelo personagem principal.

desenvolve no ego, que em parte se oferece como vítima ao destino e em parte encontra satisfação nos maus tratos que lhe são dados pelo superego (isto é, no sentimento de culpa), pois toda punição é, em última análise, uma castração, e, como tal, realização da antiga atitude passiva para com o pai. (FREUD, 1928[1927]: p. 190).

Isso é retomado para a compreensão da vida de Dostoiévski, que, conforme a hipótese freudiana, nunca se libertou do sentimento de culpa que carregava por causa de sua intenção de matar seu pai, sentida na vivência do complexo de Édipo. Esse grande sofrimento que o perturbava era brilhantemente transformado em suas obras literárias. O curioso é que Dostoiévski demonstrava, em suas obras, uma enorme simpatia pelos criminosos. Para ele, um criminoso era uma espécie de “redentor”, que tomou para si próprio a culpa por um crime que devia ser cometido<sup>30</sup>. Esse posicionamento tem muito a ver com sua própria vida, por se justificar e se autopunir pelo vício do jogo. O jogo é entendido como autopunição porque Dostoiévski não parava de jogar enquanto não tivesse perdido tudo.

Mediante essa análise, podemos dizer que o sujeito moral não é compreendido sem que haja uma falta. Para Freud, Dostoiévski é colocado como um sujeito moralista e pecador. No entanto, isso se contrasta com sua grande necessidade de amor e sua enorme capacidade de amar. A pulsão destrutiva, muito intensa, dirigida à sua própria pessoa, encontra expressão como masoquismo e sentimento de culpa. Essa pulsão destrutiva é a comprovação da pulsão de morte que vem dar motor à culpa. Freud faz um retorno à teoria do complexo de Édipo, porque, nessa época, já é possível perceber as duas origens do superego, como herdeiro do complexo de Édipo e como instância pulsional, ligada à pulsão de morte.

O assassinato do pai é considerado por Freud como o trauma mais severo na vida de Dostoiévski e sua reação a ele como o ponto decisivo de sua neurose. Suas

---

<sup>30</sup> Podemos ilustrar esta característica que Freud traz de Dostoiévski, no livro citado acima, pelo fato de Raskólnikov justificar seu crime de matar a velha agiota como um bem que deveria fazer à humanidade.

crises são interpretadas por Freud como identificação com uma pessoa morta ou com uma pessoa que o sujeito deseja que morra, que, em última análise, seria identificação com o pai morto e punição severa pelo desejo de que morresse esse pai cruel e severo em vida. Então, o parricídio aparece como fonte de culpa:

Observar-se-á que, aqui, a parcela maior no resultado é atribuída ao componente passivo de feminilidade reprimida. Além disso, deve ser de importância, como fator acidental, que o pai, que é temido em qualquer caso, seja também especialmente violento na realidade. Isso foi verdadeiro no caso de Dostoiévski e podemos fazer remontar a origem de seu extraordinário sentimento de culpa e de sua conduta de vida masoquista a um componente feminino especialmente intenso. Assim, a fórmula para Dostoiévski é a seguinte: uma pessoa com uma disposição bissexual inata especialmente intensa, que pode defender-se com intensidade especial contra a dependência de um pai especialmente severo. [...] Podemos com segurança dizer que Dostoiévski nunca se libertou dos sentimentos de culpa oriundos de sua intenção de matar seu pai. (FREUD, 1928[1927]: p. 190, 192).

Os fatores que recalcam o ódio sentido pelo pai são o medo direto da punição, o medo da castração e o temor à atitude feminina. A castração é outro componente fundamental para o surgimento da culpa. Uma forte disposição bissexual inata se torna presente e se constitui como uma das pré-condições ou como um reforço da neurose.

Freud chega a comparar o sadismo presente no supereu com o sadismo do pai, como se houvesse uma relação entre ambos, em que, quanto maior a severidade do pai, maior é a crueldade do supereu.

No texto de Freud sobre Dostoiévski, fica claro que atender aos desejos edipianos recalcados representa um perigo à realidade, pois, se a fantasia se tornar real, todas as medidas defensivas são imediatamente reforçadas.<sup>31</sup> Isso acontece com Dostoiévski, porque seu pai fora realmente assassinado. O sentimento de culpa é pensado, portanto, a partir das pulsões sexuais em ação no complexo de Édipo, ou seja, da ambivalência em relação ao pai decorrente de seu papel como rival.

Então, partindo do pressuposto de que Dostoiévski é um neurótico obsessivo, principalmente por sua ambivalência afetiva sentida diante de seu pai, podemos nos

---

<sup>31</sup> Freud (p.332) irá tratar disso na Parte II, “Os arruinados pelo êxito”, de *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*, de 1916.

indagar se, por meio de sua obra, ele, na realidade, estaria revelando seu conteúdo inconsciente. Relembrando *Crime e castigo*, descrito anteriormente, o sentimento de culpa de Raskólnikov que faz com que ele se revele um criminoso pode representar para Dostoiévski, inconscientemente, o desejo de matar seu pai. Mas, como Dostoiévski, segundo Freud, é um neurótico obsessivo, dificilmente cometeria um crime. Como sabemos, o neurótico obsessivo, na verdade, se precavê contra isso por meio dos sintomas obsessivos. Talvez, por meio da escrita de suas obras, inclusive *Crime e castigo*, Dostoiévski consegue dar alguma vazão aos seus desejos proibidos, que sempre aparecem acompanhados da punição.

A presença da culpa

O foco do presente trabalho incide exatamente no ponto em que chegamos. Ou seja, nossa pretensão aqui é compreender o que torna possível a diferença entre o neurótico obsessivo e o melancólico frente ao objeto amoroso, por meio da incidência da culpa nessas estruturas clínicas. Como percebemos, ao longo desta pesquisa, nosso objetivo visa a uma compreensão da presença da culpa, que é bastante evidente nessas duas estruturas psíquicas. Lembramos que a preocupação de Freud era também, como observamos, tentar explicar o excesso de culpa e de consciência moral presentes nessas manifestações clínicas. Podemos aqui indagar por que Freud não se preocupou com a ausência da culpa, como parece ser o caso na perversão. Por que não aprofundou no estudo da manifestação da culpa em outras doenças psíquicas, como a histeria e a psicose? Talvez a explicação para isso se encontre no fato de que o estudo de Freud visava à compreensão de seus casos clínicos, uma vez que seus pacientes pareciam sofrer mais pelo excesso de culpa do que pela sua falta. Nosso interesse, com um enfoque sobre a melancolia e a neurose obsessiva, de certo modo coincide com a

preocupação freudiana, pois buscamos a compreensão dos efeitos da presença da culpa sentida pelo eu.

No texto *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*, de 1916, Freud se volta para compreender a presença da culpa e seus efeitos, por meio de casos clínicos e com o auxílio da literatura. No início desse artigo, ele nos lembra que o trabalho psicanalítico tem como tarefa conseguir fazer com que o paciente renuncie a uma dose de prazer. Almeja-se que o paciente avance do princípio de prazer para o princípio da realidade, pois é isso que distingue o ser adulto de uma criança. O analista, para tanto, faz uso do amor transferencial, fazendo intervenções cujo objetivo é tornar consciente o material recalçado.

Freud se interroga sobre a razão pela qual as pessoas adoecem. Em “Os arruinados pelo êxito”, parte II do texto *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*, Freud nos diz que as pessoas adoecem de uma neurose como resultado da frustração da satisfação de seus desejos libidinais. Assim,

para que uma neurose seja gerada, deve haver um conflito entre os desejos libidinais de uma pessoa e a parte de sua personalidade que denominamos de ego, que é a expressão do seu instinto de auto-preservação e que também abrange os *ideais*<sup>32</sup> de sua personalidade. (FREUD, 1916: p. 331).

Contudo, a neurose, em alguns casos, surge no momento em que um desejo recalçado atinge algum tipo de realização, como se o sujeito não conseguisse suportar sua felicidade, ligando o êxito ao fato de adoecer. Isso acontece porque o eu se defende fortemente contra o desejo proibido sempre que ele se aproxima da realização. O trabalho analítico revela com facilidade que são as forças da consciência que privam o sujeito de obter a realização de seus desejos proibidos. Qual seria então a origem dessas forças julgadoras e punitivas? Como já sabemos, as forças da consciência que induzem

---

<sup>32</sup> Grifo de Freud.

à doença, seja pela frustração seja pelo êxito, estão intimamente ligadas ao complexo de Édipo e vinculadas ao sentimento de culpa.

Para exemplificar a doença associada ao êxito, Freud utiliza algumas figuras criadas por grandes autores da literatura clássica. Uma delas, criada pelo dramaturgo Ibsen, é Rebecca Gamvik, filha de uma parteira, que foi educada por seu pai adotivo Dr. West para ser uma livre pensadora, desprezando as restrições morais que eram impostas aos seus desejos.

Rebecca, após o falecimento do pai, encontra um trabalho em Rosmersholm, a casa de uma rígida família que sacrificava a alegria mediante o cumprimento do dever. Essa família era composta por um ex-pastor, Rosmer, e sua esposa inválida, Beata. Rebecca se apaixona por Rosmer e resolve eliminar a esposa, que representa um obstáculo para viver seu amor. Para tanto, Rebecca sugere que Beata leia um livro de medicina, no qual diz que a finalidade do casamento é a procriação, gerando dúvidas sobre seu casamento devido ao fato de não poder ter filhos. Além disso, Rebecca dá a entender que mantém relações amorosas com seu marido. Deprimida e duvidando da integridade moral de seu marido, Beata comete suicídio.

Rebecca e Rosmer passam a viver sozinhos em Rosmesholm, mantendo uma relação de amizade. Depois de um tempo, Rosmer, querendo compensar seu passado infeliz, pede que Rebecca seja sua esposa. A princípio ela se alegra com o pedido, mas depois declara que isso nunca poderá acontecer. É difícil compreender por que ela não consegue usufruir seu êxito, rejeitando o amor de Rosmer. Rebecca, inicialmente, explica tal fato por ter se tornado diferente, ao conviver com um homem tão íntegro como Rosmer, pois sua consciência havia despertado, adquirindo um sentimento de culpa que a priva de usufruir sua conquista. Mas, segundo Freud (1916: p.341), a

influência de Rosmer pode representar, na verdade, apenas um disfarce para o que realmente está em questão.

Rosmer insiste com Rebecca para que se torne sua esposa, dizendo que a perdoa pelo crime cometido e a exime de qualquer culpa que sente diante de tal fato. Diante de sua insistência, Rebecca revela que Rosmer deveria saber que ela tinha um passado. Essa revelação sugere que Rebecca se referia a relações sexuais que tivera com outro homem no passado, sendo indigna de viver seu amor.

Devemos mencionar que antes da recusa de Rebecca ao pedido de Rosmer, Kroll, irmão de Beata, revelou-lhe que Dr. West era seu pai legítimo e não adotivo como ela acreditava. Essa notícia representou para ela um golpe, pois descobriu que havia sido amante de seu pai. Compreendemos, com isso, que o fato de ter sido amante de seu pai representava o crime do qual se sentia culpada e mediante o qual deveria se punir, não usufruindo seu êxito.

Segundo Freud (1916: p. 344), o sentimento de culpa de Rebecca tem sua origem na realização do incesto, o qual já estava presente em seu inconsciente mesmo antes de Kroll ter lhe revelado a verdade. Rebecca, na realidade, foi sucessora de sua mãe junto a seu pai. Assim, “quando chegou a Rosmersholm, a força interna dessa primeira experiência impeliu-a a provocar, por uma ação vigorosa, a mesma situação no exemplo original devido à sua inação – a livrar-se da esposa e da mãe, de modo a poder ocupar o lugar desta junto ao marido e ao pai.” (FREUD, 1916: p. 344).

Com esse exemplo, no qual se evidencia a doença em consequência do êxito, podemos observar que as forças pulsionais se encontram intimamente relacionadas com o complexo de Édipo. E é nesse contexto que o sentimento de culpa atua, exigindo punição.



Sobre as forças punitivas, Freud, em “Criminosos em conseqüência de um sentimento de culpa”, parte III do mesmo texto, traz alguns exemplos de pessoas que revelavam ações proibidas, como furtos e fraudes. Por meio da análise, descobriu-se que eram praticadas exatamente por serem proibidas e por sua execução acarretar no sujeito um alívio. Isso era devido ao fato de que o indivíduo sofria de um opressivo sentimento de culpa que, tendo sua origem desconhecida, quando ligado a alguma ação má, tinha sua opressão diminuída, no momento em que sua culpa se ligasse a algo consciente. É necessário ressaltar que o sentimento de culpa não é decorrente de uma ação má; pelo contrário, já existia antes da ação. O ato mau, na verdade, vem apenas tentar encontrar um significado real para a culpa inconsciente já existente.

O trabalho analítico revela que a origem da culpa se encontra no Édipo e constitui uma reação às duas intenções criminosas: de matar o pai e de ter relações sexuais com a mãe. Quando o paciente consegue ligar essa culpa a alguma má ação, ele obtém um alívio, pois vincula o conteúdo inconsciente a algo consciente, mesmo sendo de maneira deslocada e substitutiva. Segundo Freud (1916, p. 347-348), isso pode explicar por que muitas crianças, por exemplo, cometem travessuras com a intenção de serem punidas, pois os castigos lhes geram certo alívio. Do mesmo modo, é isso o que ocorre com os criminosos que cometem crimes que têm o objetivo de permitir com que a culpa seja aliviada<sup>33</sup>.

Os neuróticos, no processo de recalçamento de seus desejos proibidos, mantêm vivo o conflito psíquico e apenas conseguem, mediante as exigências culturais, efetuar uma suspensão aparente de suas pulsões. Nas neuroses, para atender a essas exigências, é preciso um grande dispêndio de energia, porque os desejos proibidos, depois de

---

<sup>33</sup> Parece ser essa a explicação para a compreensão do crime de Raskólnikov, no livro *Crime e castigo*, relatado anteriormente.

recalcados, continuam se manifestando no inconsciente.<sup>34</sup> Nesse sentido, Freud diz que as neuroses são o negativo das perversões, pois “as neuroses contêm as mesmas tendências, ainda que em estado de ‘repressão’, das perversões positivas.” (FREUD, 1908: p. 177). Assim, os neuróticos, renunciando a suas pulsões e pela falha no recalçamento que mantém vivo o conflito psíquico, teriam sido mais saudáveis se lhes fosse possível ser menos bons e dóceis (1908, p.177).

Passaremos, neste momento, a ilustrar, mais uma vez, o mecanismo da culpa, a fim de marcarmos ainda mais o seu papel na formação de sintomas neuróticos. Para tanto recorreremos à análise do filme *Desejo e reparação*.

#### *Desejo e reparação*

A culpa também serve de inspiração para vários filmes. Um deles é o filme *Desejo e reparação*, no qual o sentimento de culpa e a tentativa de sua reparação é bastante evidente. Nesse filme, também analisado fora do âmbito clínico, podemos observar o mecanismo da culpa numa estrutura aparentemente neurótica. *Desejo e reparação* é baseado no romance de Ian McEwan, *Atonement* (Reparação), que conta a história de Robbie e Cecília, impedidos de ficar juntos devido à acusação de estupro feita contra o rapaz, por Briony, irmã mais nova de Cecília. Essa falsa acusação fará com que Briony se lamente e se puna pelo resto de sua vida.

O filme começa na Inglaterra, em 1935, retratando a história de uma rica família, mãe e duas filhas: Cecília, a mais velha, e Briony, de 13 anos. É também o lar de Robbie, filho da governanta. Robbie e Cecília demonstram um forte interesse um pelo outro, mas não sabem se são correspondidos. E é nesse contexto que Briony testemunha a atração entre os dois mediante uma cena vista por ela de sua janela.

---

<sup>34</sup> Essa formulação já havia sido feita no texto *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*, de 1908.

Briony é uma adolescente solitária que quer se tornar escritora, já demonstrando, aos 13 anos, grande talento para a escrita e profunda criatividade. É importante dizer que Briony gostava de Robbie, porém o rapaz não lhe dava muita atenção quando ela buscava alguma aproximação. Com isso, depois de surpreender sua irmã sendo assediada por Robbie, de quem tanto gostava, inventa uma história que transformará a vida deles para sempre, inclusive a sua própria vida, já que passará os próximos anos em busca de uma reparação que a salve de sua culpa.

O filme passa por três diferentes momentos: 1935, na Inglaterra, antes da Segunda Guerra Mundial; 1939, no meio da Guerra, e nos dias atuais. Conta a história de um amor que, apesar de não poder ser vivido, sobrevive à distância, à guerra e à mentira.

Algumas cenas marcam a seqüência dos acontecimentos: primeiro, a cena vista por Briony pela janela, na qual acredita que sua irmã Cecília está sendo assediada por Robbie; depois uma cena vista por Briony na biblioteca, em que Cecília e Robbie estão tendo uma relação sexual, na qual se confirma o desejo existente entre ambos; e, por último, uma cena, também vista por Briony, de sua prima sendo estuprada por um amigo de seu irmão. Esta última cena representa para ela uma chance de afastar seu amado Robbie de sua irmã. E então, numa mistura de vingança e fantasia, acredita que quem estuprou sua prima havia sido Robbie, e o acusa. Essa acusação recai sobre ele, sem direito a defesa, por todos acreditarem no que diz a jovem Briony. A única pessoa que acredita em sua inocência é Cecília, que se vê obrigada a se separar de seu grande amor.

A partir dessa acusação, Cecília, revoltada, rompe com sua família, indo trabalhar como enfermeira na guerra; e Robbie, sem escolha, aceita servir à Segunda Guerra, partindo para o combate na França, para não ter que ir para a cadeia. Briony,

consumida pela culpa, obriga-se a trabalhar como enfermeira na guerra e passa toda sua vida buscando a reparação do mal que causou a Robbie e a Cecília.

Na segunda parte do filme, por meio de uma montagem não linear dos acontecimentos, acompanhamos o desenrolar da história desse trio a partir do ponto de vista de Briony, que, no final do filme, nos fará retomar os acontecimentos para compreendermos o que realmente aconteceu e o que fora criado por ela.

As cenas que Briony cria, como a cena de Cecília e Robbie se encontrando na guerra ou a cena dos dois juntos caminhando felizes pela praia, demonstram seu desejo de reparar o mal que causou ao casal, na tentativa de expiar a sua culpa. Outra cena significativa, também criada por Briony, é aquela em que há o encontro entre ela, Cecília e Robbie, no qual ela tenta se justificar e pedir perdão a eles pelo que fez. Nessa cena, fica clara sua necessidade de punição, por não ter sido perdoada e por ter sido praticamente expulsa por eles do local do encontro. Um diálogo entre eles pode ilustrar isso:

Briony: - Quero procurar o juiz e mudar meu testemunho... Sei que fiz algo terrível. Não espero que me perdoe. Cecília: - Não se preocupe, não vou perdoá-la. Você é uma testemunha duvidosa. Jamais reabrirão o caso. Briony: - Ao menos posso contar o que fiz. Posso ir para casa e contar à mamãe, papai, Leon... Cecília: - Por que não vai? Briony: - Queria vê-la primeiro. Cecília: - Eles não querem mais falar sobre isso. Esse mal-entendido ficou no passado, graças a você. (Diálogo retirado do filme *Desejo e reparação*).

Robbie entra no local onde conversavam:

Robbie: - O que ela faz aqui? Cecília: - Queria falar comigo. Robbie: - Sobre o quê? Briony: - Sobre a terrível coisa que fiz. Robbie: - Vou ser bem sincero com você. Não sei se quebro seu pescoço ou a jogo escada abaixo. Ah, Deus... Faz idéia de como é a vida na prisão? Claro que não. Teve prazer em me imaginar lá dentro? Briony: - Não. Robbie: - Mas não fez nada a respeito. Briony: - Não. Robbie: - Acha que estuproei sua prima? Briony: - Não. Robbie: - Na época, achou? Briony: - Sim. Mas sim e não. Robbie: - E por que agora tem certeza? Briony: - Eu cresci. [...] Robbie: - Quantos anos deve ter para saber o que é certo e errado? [...] Precisa completar 18 anos antes de confessar uma mentira? Os soldados, aos 18 anos, já têm idade suficiente para serem abandonados à morte à beira da estrada, sabia? Briony: - Sim. Robbie: - Há cinco anos não se importou em dizer a verdade. [...] Briony: - Lamento muito pelo terrível sofrimento que causei. Lamento muito mesmo. Robbie: - Faça apenas o que pedimos. Escreva apenas a verdade,

sem rima. Sem embelezamentos, nem adjetivos. Depois, deixe-nos em paz.  
Briony: - Prometo. (Diálogo retirado do filme *Desejo e reparação*).

O que chama atenção nessa cena reproduzida em parte aqui é o fato de ser uma cena criada por Briony, mediante sua necessidade de reparação pelo mal que fez, na qual ela demonstra seu fracasso por não poder ser perdoada. Apesar de ser fruto de sua fantasia e de sua necessidade de reparar a culpa, não obtém êxito, punindo-se ainda mais.

Essa e outras cenas, na realidade, não aconteceram, sendo fruto da história narrada por Briony. Na verdade, tanto Robbie como Cecília morreram na guerra, bem antes de esses acontecimentos serem narrados.

No final do filme, numa entrevista feita a Briony, já idosa e com os dias contados para a morte devido a uma demência vascular, ela revela toda a culpa sentida durante sua vida. A tentativa de reparar seu erro se deu por meio da escrita da história de Cecília e Robbie, não como ela foi vivida, mas como deveria ter sido. Passou sua vida inteira tentando escrever essa história, mas encontrou para isso grandes dificuldades, pois sempre que tentava não conseguia obter uma história que a satisfazia. É somente quando percebe a iminência de sua morte que consegue escrever a história desse amor, dando a ela um final feliz:

Por muito tempo, decidi contar somente a verdade. Sem rimas, nem embelezamentos. [...] Mas, qual o propósito da honestidade? Ou da realidade? [...] Então, minha irmã e Robbie nunca conseguiram ter a vida que tanto sonharam e mereciam. E a qual, desde então, eu... A vida que, desde então, eu os impedi de ter. Mas que esperança ou satisfação o leitor pode ter com um final desses? Por isso, no livro, eu quis dar a Robbie e Cecília o que eles não tiveram em vida. Quero pensar que esta não é uma demonstração de fraqueza ou fuga, e sim um ato final de bondade. Eu os proporcionei felicidade. (Trecho do filme *Desejo e reparação*).

Assim, esse romance autobiográfico representava a tentativa de reparação de sua culpa. Mas sua expressão é de fracasso, pois, na verdade, não conseguiu deixar de se sentir culpada.

O filme *Desejo e reparação* baseia-se na força do arrependimento, da culpa e do amor, despertando no espectador um sentimento de compaixão, tanto pelo casal que é impedido de viver seu amor, quanto por Briony, que sofre tentando reparar sua culpa, penitenciando-se pelo ocorrido.

## Reparação

Pedimos permissão, mais uma vez, para que possamos fazer uma digressão a respeito do termo reparação utilizado na análise desse filme. Isso se faz necessário devido ao fato de que o termo em questão foi amplamente trabalhado por Melanie Klein. Para sabermos o que ela nos diz sobre a reparação, utilizaremos um de seus artigos, “Amor, culpa e reparação”, de 1937, do livro *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*.

Segundo Klein (1937: p. 347), as tendências de reparação se desenvolvem na interação com os impulsos destrutivos presentes na relação entre amor e ódio na criança. O primeiro objeto de amor e de ódio da criança é a mãe, que é ao mesmo tempo desejada e odiada com toda intensidade. O amor da criança por esse objeto provém da satisfação que sente quando é alimentada e cuidada, gerando-lhe conforto e prazer sensual. Essa gratificação representa uma parte essencial da constituição da sexualidade da criança, mas, quando não vê seus desejos atendidos, surgem nela sentimentos de ódio e agressividade. Esses sentimentos se apresentam como impulsos de destruir o objeto, o mesmo objeto que atende aos seus anseios. Assim, a criança, movida por sentimentos de ódio e agressividade, deseja destruir seu objeto de amor. “O amor e o ódio lutam entre si na mente da criança; essa luta continua presente de certa forma pelo resto da vida e pode se tornar fonte de perigo nas relações humanas.” (KLEIN, 1937: p. 349).

Isso ocorre, segundo Klein, porque os impulsos e sentimentos da criança são acompanhados por uma atividade mental primitiva que é a construção da fantasia ou o pensamento imaginativo. Assim, “quando o bebê se sente frustrado no seio, na sua fantasia ele ataca esse seio; mas se está sendo gratificado, ele passa a amá-lo e tem fantasias agradáveis a respeito desse objeto. Nas suas fantasias agressivas, ele deseja morder e despedaçar a mãe e seus seios, além de destruí-la de outras maneiras.” (KLEIN, 1937: p. 349). Por meio desses desejos destrutivos fantasiados pela criança, podemos observar que ela sente como se aquilo que desejou em sua fantasia realmente acontecesse. É como se a criança realmente tivesse destruído o objeto. É diante desse sentimento que surge o desejo de reparação<sup>35</sup>:

Se nas suas fantasias agressivas o bebê feriu a mãe ao mordê-la e despedaçá-la, ele logo cria fantasias em que está juntando os pedaços novamente, restaurando-a. Isso, porém, não consegue eliminar completamente o medo de ter destruído o objeto que, como sabemos, o bebê mais ama e do qual mais precisa, encontrando-se numa situação de total dependência. (KLEIN, 1937: p. 349).

Ao mesmo tempo em que o desejo destrutivo em conflito com o amor constitui o desejo de reparação, encontramos, nesse contexto, o sentimento de culpa. A capacidade da criança – ou do adulto – de dirigir os impulsos de ódio a alguém amado faz com que o sujeito se sinta culpado. “Esse sentimento surge do medo inconsciente de ser incapaz de amar os outros de verdade ou de forma suficiente e, principalmente, de não conseguir dominar seus próprios impulsos agressivos: essas pessoas têm medo de ser um perigo para aquele que amam.” (KLEIN, 1937: p. 350).

---

<sup>35</sup> Para Melanie Klein (1937: p. 346), o fardo da reparação de um objeto danificado é sentido pela criança desde o início. Mas, mediante estudos posteriores da posição esquizo-paranóide, a criança sente o conflito entre o amor e o ódio nos primeiros meses, porém a necessidade de reparação só surge mais tarde, nos estados mais integrados da posição depressiva. Para situar melhor o que ocorre no desenvolvimento do bebê, podemos dizer, brevemente, que Klein trabalha sobre duas posições: a posição esquizo-paranóide, que representa os primeiros meses de vida e se caracteriza pela ansiedade persecutória – pulsão de morte projetada para fora e esse mal persegue a criança –, o eu e o objeto são simultaneamente constituídos e se apresentam divididos, podem ser bons ou maus; e a posição depressiva, que ocorre quando a criança percebe que não pertence à mãe, gerando nela o desejo de incorporá-la de volta ou de querer matá-la ou, ainda, de aceitar a separação. O que faz a criança passar de uma posição para outra é a clivagem, na qual ela percebe que o seio bom e o seio mau pertencem à mesma pessoa, seu objeto de amor é também odiado. Com isso, na posição depressiva, encontramos a tentativa de reparação do objeto devido à culpa sentida mediante as fantasias de destruição direcionadas contra esse objeto.

Para Klein (1937: p. 352), os conflitos entre amor e ódio na mente da criança e o medo de perder o objeto amado trazem um avanço no seu desenvolvimento, pois o sentimento de culpa surge como um novo elemento na emoção do amor, influenciando-o profundamente. Isso acontece porque, tanto na mente inconsciente da criança como na do adulto, existe uma correlação entre os impulsos destrutivos e a ânsia de fazer sacrifícios para restaurar as pessoas amadas que foram destruídas na fantasia. “Nas profundezas da mente, o desejo de deixar as pessoas felizes está ligado à forte sensação de responsabilidade e de preocupação com elas, que se manifesta através da solidariedade genuína com os outros e da habilidade de compreender como eles são e como se sentem.” (KLEIN, 1937: p. 352).

A capacidade de se colocar no lugar do outro traz outro elemento importante na compreensão da reparação: a identificação. A identificação com outra pessoa ocorre mediante o sentimento de amor por ela. Segundo Klein (1937: p. 352-354), quando há a identificação com a pessoa amada, o sujeito desempenha o papel de mãe boa ou de pai bom, comportando-se com essa pessoa como o pai ou a mãe se comportava ou como ele gostaria que tivessem se comportado. Além disso, o sujeito consegue se comportar como uma criança boa com os pais, coisa que não conseguiu fazer no passado. Com isso, há uma reversão da situação, na qual o sujeito recria na fantasia o amor que tanto sente pelos pais. Ao mesmo tempo, com essa fantasia inconsciente, consegue lidar com as frustrações do passado, compensando os danos que fez na fantasia, pelos quais ainda se sente culpado. Assim, o ato de fazer reparação representa um elemento fundamental do amor e das relações humanas.

Diante dessas análises do mecanismo do sentimento de culpa, observamos como esse afeto está presente na constituição da doença e na formação de seus sintomas.



Assim, faz-se necessário um estudo do que vem a ser a doença e como operam seus sintomas.

## Neurose obsessiva

Já falamos sobre a neurose obsessiva no primeiro capítulo, no qual evidenciamos a culpa na obra freudiana, e também quando demonstramos a culpa por meio de um exemplo retirado da literatura e de outro do cinema. Neste momento, é necessário fazermos uma investigação mais detalhada do que vem a ser a neurose obsessiva para Freud, a fim de embasarmos melhor nossa argumentação acerca da relação entre as instâncias psíquicas, eu e supereu, nessa estrutura e mostrar qual o papel prestado pela culpa nessa relação. Para tanto, utilizaremos alguns dos *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*, de 1950 (1892-1899), para apontar as idéias iniciais de Freud sobre a neurose obsessiva. Depois trabalharemos o texto freudiano “Atos obsessivos e práticas religiosas”, de 1907, para evidenciar o mecanismo da neurose obsessiva, e retomaremos *O ego e o id*, de 1923, a fim de evidenciar a relação entre o eu e o supereu. Assim, acreditamos que será possível observarmos as diferenças do mecanismo da culpa nas duas estruturas que vêm sendo trabalhadas nesta dissertação.

Nos *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*, de 1950 (1892-1899), mais especificamente no “Rascunho K<sup>36</sup> - As neuroses de defesa”, Freud começa a nos apresentar suas idéias a respeito do papel do recalçamento na constituição das neuroses.

Segundo ele, as neuroses, para se desenvolverem, seguem os seguintes passos:

- (1) a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e deve ser recalçada.
- (2) Seu recalçamento em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança correspondente; ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário.
- (3) Um estágio de defesa bem-sucedida, que é equivalente à saúde, exceto quanto à existência do sintoma primário.
- (4) O estágio em que as idéias recalçadas retornam e em que, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença

---

<sup>36</sup> O “Rascunho K”, segundo os organizadores desses documentos, está anexado à Carta 39, de 1º de janeiro de 1896.

propriamente dita: isto é, uma fase de ajustamento, de ser subjugado, ou de recuperação com uma malformação. (FREUD, 1950 (1892-1899): p. 269).

Podemos dizer ainda que os tipos diferentes de neuroses vão ser definidos, segundo Freud (1950 (1892-1899): p. 270), mediante o modo como se realiza o recalçamento. O recalque surge para afastar a lembrança de prazer, sentido na infância, por produzir desprazer, quando retorna anos mais tarde. No caso da neurose obsessiva, esse mecanismo ocorre de maneira diferente: “em idade muito precoce, anos antes da experiência de prazer, tinha havido uma experiência *puramente passiva*<sup>37</sup>[...]. Assim, podemos supor que é a convergência, posteriormente, dessa experiência passiva com a experiência de prazer que adiciona o desprazer à lembrança prazerosa e possibilita o recalçamento.” (FREUD, 1950 (1892-1899): p. 271). Portanto, na neurose obsessiva temos, inicialmente, a experiência de desprazer, seguida da experiência de prazer e depois advém o recalçamento.

Quando o conteúdo recalçado tenta retornar à consciência, ocorre uma autocensura, emergindo esse conteúdo como um sentimento de culpa, sem nenhuma associação com o material recalçado. Segundo Freud, esse sentimento, “em geral, vem a se ligar a um conteúdo que é distorcido de duas maneiras – no tempo e no conteúdo.” (FREUD, 1950 (1892-1899): p. 271). Quanto ao tempo porque se refere a uma ação atual e não vinculada ao passado e quanto ao conteúdo por não estar associado à experiência real, mas sim por algo análogo, realizando uma substituição por deslocamento. Assim, a idéia obsessiva é fruto de um compromisso, que traz um afeto real, mas seu conteúdo e sua cronologia encontram-se deslocados. O afeto da autocensura encontrado na neurose obsessiva pode também sofrer deslocamento, sendo transformado em outros afetos mais acessíveis à consciência, como, por exemplo, a angústia, os delírios de perseguição e a vergonha.

---

<sup>37</sup> Grifos do autor.

Freud (1950 (1892-1899): p. 272) chega a dizer que é possível constatarmos a formação de três espécies de sintomas na neurose obsessiva: o sintoma primário de defesa, que seria a escrupulosidade; os sintomas de compromisso, que são as idéias obsessivas ou os afetos obsessivos; e os sintomas secundários, que são os rituais obsessivos. Toda tensão sexual sentida pelo obsessivo é transformada em autocensura, reforçando, assim, seus sintomas.

Continuando a explorar os *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*, temos, no “Rascunho N<sup>38</sup>”, algo que acrescenta ao que estamos acompanhando sobre a neurose obsessiva. Freud (1950 (1892-1899): p. 304) diz que os impulsos hostis direcionados contra os pais, o desejo de que eles morram, também constitui elemento na formação da neurose. E, no caso da neurose obsessiva, esse desejo vem à consciência por meio das idéias obsessivas. Além disso, Freud (p. 305-306) coloca a crença e a dúvida como fenômenos pertencentes à consciência, ao eu, não estando presentes no sistema inconsciente. “Nas neuroses, a crença é deslocada: é recusada ao material recalado, quando ele pressiona no sentido da reprodução, e – como punição, poder-se-ia dizer – é transposta para o material que executa a defesa.” (FREUD, 1950 (1892-1899): p. 305-306).

Nesse sentido, Freud (1950 (1892-1899): p. 306) diz, sobre a construção dos sintomas, que, como os sonhos, são a realização de um desejo. O que está em jogo aqui é a defesa contra a libido que se encontra também no sistema inconsciente. Assim, a defesa se apresenta como realização de desejo. “Isto acontece quando o sintoma é capaz de atuar como um auto-impedimento, seja por meio de *punição*<sup>39</sup> (por um impulso mau) ou a partir da desconfiança.” (FREUD, 1950 (1892-1899): p. 306). Com isso, identificamos, juntamente com Freud, que existe também uma libido inconsciente.

---

<sup>38</sup> Esse rascunho está anexo à Carta 64, de 31 de maio de 1897.

<sup>39</sup> Grifo do autor.

Encontramos em “A natureza e o mecanismo da neurose obsessiva”, contido no texto *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*, de 1896, algumas idéias de Freud que contribuem para o que estamos estudando sobre o mecanismo da neurose obsessiva. Segundo Freud, “a natureza da neurose obsessiva pode ser expressa numa fórmula simples. As *idéias obsessivas* são, invariavelmente, *auto-acusações* transformadas que reemergiram do *recalcamento* e que sempre se relacionam com algum ato *sexual* praticado com prazer *na infância*<sup>40</sup>.” (FREUD, 1896: p. 169).

Para compreender como isso acontece, é importante descrever como se desenvolve a neurose obsessiva. Freud (1896: p. 169-170) descreve que, num primeiro momento, marcado pela imoralidade infantil, as experiências de sedução sofridas pela criança constituem o pano de fundo necessário para que seja possível ocorrer o recalcamento. Nesse processo, depois de ser introjetada a proibição, a auto-acusação se liga à lembrança dessas ações prazerosas, sendo necessário recalcar essa lembrança e substituí-la por um sintoma de defesa. O próximo momento, considerado o período da doença, é marcado pelo retorno das lembranças que foram recalcadas, aparecendo na consciência sempre de forma distorcida. Surgem as representações patológicas como formações de compromisso.

Nesse sentido, Freud diz que existem duas formas de neurose obsessiva: “conforme a passagem para a consciência seja forçada somente pelo *conteúdo mnêmico*<sup>41</sup> do ato que envolve auto-acusação, ou também pelo *afeto*<sup>42</sup> auto-acusador ligado àquele ato.” (FREUD, 1896: p. 170). No primeiro caso, temos as representações obsessivas, sob as quais o paciente se detém sobre o seu conteúdo, que se manifesta

---

<sup>40</sup> Todas as palavras que aparecem em itálico nesta citação representam grifos do autor.

<sup>41</sup> Grifo do autor.

<sup>42</sup> Grifo do autor.

sempre de maneira distorcida ou deslocada<sup>43</sup>, ao passo que o afeto aparece como um desprazer indefinido. Esse afeto corresponderia, na verdade, ao sentimento de culpa. No segundo caso, a neurose obsessiva se manifesta devido ao recalçamento do afeto, da auto-acusação. O afeto pode se transformar em outro afeto desagradável, tamponando aquele que realmente está em jogo na formação dos sintomas obsessivos. Esses afetos substitutivos, como já falamos anteriormente, podem ser, por exemplo, a vergonha, a angústia ou o medo da tentação.

Segundo Freud (1896: p. 171), além desses sintomas de compromisso que surgem com a iminência do retorno do recalcado, o neurótico obsessivo pode construir ainda outros sintomas, os chamados sintomas secundários. Esses sintomas têm a tarefa de ajudar o eu, por meio de uma luta defensiva, a eliminar os derivados da lembrança recalcada. Eles tentam recalcar novamente o conteúdo que retorna do inconsciente, sendo que esse conteúdo já aparece distorcido, como sintomas. Isso cria uma nova forma de neurose obsessiva, as ações obsessivas, que contêm em si o objetivo da defesa e não se constituem como ações primárias. Na verdade, elas lutam contra as lembranças obsessivas. Em contrapartida, existe também a defesa contra os afetos obsessivos, que podem se transformar em atos obsessivos, manifestos mediante o seu objetivo de defesa, por exemplo, medidas penitenciais ou medidas de precaução.

É importante ainda ressaltar, sobre o mecanismo da neurose obsessiva, que *“sempre que uma obsessão neurótica emerge na esfera psíquica, ela provém do recalçamento”*<sup>44</sup>. As representações obsessivas têm, por assim dizer, uma circulação psíquica compulsiva [obsessiva], não em virtude de seu valor intrínseco, mas em virtude

---

<sup>43</sup> Segundo Freud (1896: p. 170), como já dissemos, o conteúdo pode ser distorcido quanto ao tempo, quando alguma coisa atual toma o lugar de algo do passado, ou quanto ao conteúdo, quando o conteúdo sexual é substituído por algo análogo, cujo contexto não seja de cunho sexual.

<sup>44</sup> Grifos do autor.

da fonte de que derivam ou que acrescentou uma contribuição a seu valor.” (FREUD, 1896: p. 171).

Assim, mesmo havendo várias representações para a neurose obsessiva se manifestar, ela apresenta apenas uma causa, que é sua ligação com a lembrança proibida recalçada na infância. E, para dissolver qualquer forma como se apresenta a obsessão, é necessário tornar essa ligação acessível à consciência.

Freud examina mais detalhadamente o que vem a ser a neurose obsessiva no texto “Atos obsessivos e práticas religiosas”, de 1907, no qual ele faz um esboço dos sintomas obsessivos que vão ser elaborados posteriormente no caso clínico “Homem dos ratos”, em 1909. Nesse trabalho, para falar sobre o mecanismo da neurose obsessiva, Freud mostra as semelhanças existentes entre os atos obsessivos e as práticas religiosas:

Os cerimoniais neuróticos consistem em pequenas alterações em certos atos cotidianos, em pequenos acréscimos, restrições ou arranjos que devem ser sempre realizados numa mesma ordem, ou com variações regulares. Essas atividades, meras formalidades na aparência, afiguram-se destituídas de qualquer sentido. O próprio paciente não as julga diversamente, mas é incapaz de renunciar a elas, pois a qualquer afastamento do cerimonial manifesta-se uma intolerável ansiedade, que o obriga a retificar sua omissão. (FREUD, 1907: p. 109).

Com isso, podemos perceber uma nítida proximidade entre o ato obsessivo e o cerimonial religioso: ambos revelam proibições e permissões ao sujeito que são realizadas por meio de rituais. Esses atos obsessivos muitas vezes são atividades solitárias, não afetando o comportamento social do indivíduo, fazendo com que esses rituais se mantenham sob sigilo, podendo ser ocultados por muito tempo.

Apesar da semelhança encontrada entre os atos obsessivos e as práticas religiosas, Freud nos revela algumas diferenças marcantes: ao passo que os atos obsessivos podem se manifestar de diversas formas, os cerimoniais religiosos possuem um caráter estereotipado em seus rituais; o ato obsessivo do neurótico possui um caráter privado, já o ritual religioso é público; e, principalmente, se os rituais religiosos

possuem algum sentido para o sujeito, os rituais obsessivos são atos absurdos, destituídos de qualquer sentido aparente. Então, qual seria o verdadeiro significado desses atos obsessivos? Sobre a investigação freudiana desses atos, podemos dizer que, na realidade, eles possuem um sentido, podem ser interpretados e estão correlacionados com a manifestação de um afeto: “O que está sendo representado em atos obsessivos e em cerimoniais deriva das experiências mais íntimas do paciente, principalmente das sexuais.” (FREUD, 1907: p. 111).

É importante dizer que o ato obsessivo acontece sob a condição de uma compulsão, cujo sentido o sujeito neurótico não compreende, não lhe atribuindo seu sentido verdadeiro. O sentido do ato obsessivo e o motivo de se praticar este ato podem ser encontrados por meio do tratamento psicanalítico, pois “o ato obsessivo serve para expressar motivos e idéias *inconscientes*<sup>45</sup>.” (FREUD, 1907: p. 113). Segundo Freud, a análise dos atos obsessivos daqueles que sofrem de compulsões e proibições nos revela que esses sujeitos estão, na verdade, dominados pelo sentimento de culpa, mas não possuem consciência sobre esse sentimento, podendo ser denominado de sentimento inconsciente de culpa.

O sentimento de culpa tem sua origem na experiência sexual infantil e passa a ser revivido posteriormente a cada nova associação que o sujeito faz entre o seu ato ou pensamento com seus desejos infantis proibidos que foram recalçados no inconsciente. Tal sentimento está diretamente ligado à idéia de punição. Na neurose obsessiva,

há sempre *a repressão de um impulso instintual* (um componente do instinto sexual) presente na constituição do sujeito e que pode expressar-se durante algum tempo em sua infância, sucumbindo posteriormente à pressão. No decurso da repressão do instinto cria-se uma *consciência*<sup>46</sup> especial, dirigida contra os objetivos do instinto; essa formação reativa psíquica, porém, sente-se insegura e constantemente ameaçada pelo instinto emboscado no inconsciente. [...] O processo de repressão que acarreta a neurose obsessiva deve ser considerado como um processo que só obtém êxito parcial, estando constantemente sob a ameaça de um fracasso. Podemos, pois, compará-lo a

---

<sup>45</sup> Grifo de Freud.

<sup>46</sup> Grifos de Freud.

um conflito interminável; reiterados esforços psíquicos são necessários para contrabalançar a pressão constante do instinto. (FREUD, 1907: p. 114).

Nesse viés, o ritual obsessivo surge como um imperativo para que o sujeito faça isso ou não faça aquilo, na tentativa de evitar algum mal que lhe é consciente, revelando uma falha em seu recalçamento. O que lhe permanece inconsciente é o sentido entre a angústia que sente e o perigo que ela provoca. Assim, o ato obsessivo surge, por um lado, como uma defesa, como uma medida protetora e, por outro, como proteção contra o mal esperado.

A renúncia às pulsões sexuais também pode ser observada na formação de uma religião. Mas ela se apresenta de maneira diferente da renúncia pulsional feita pelo sujeito neurótico, pois, apesar de ambas possuírem uma base na pulsão sexual, o intuito da renúncia na formação de uma religião envolve uma dimensão moral e social na constituição da civilização. Nesse contexto, podemos ainda dizer que as recaídas no pecado ocorrem com mais frequência entre os indivíduos mais piedosos, dando origem a novas formas de rituais religiosos, como, por exemplo, os atos de penitência, que possuem uma correlação com a neurose obsessiva. Os indivíduos mais bondosos e piedosos são os que se sentem mais culpados e merecedores de castigo.

Outra característica fundamental a ser observada na neurose obsessiva é o mecanismo de deslocamento presente em sua constituição psíquica. Esse mecanismo domina os processos mentais do neurótico obsessivo, pois os rituais obsessivos resultam de um deslocamento no qual seu sentido real é substituído por outro trivial ou banal. O que se busca por meio do mecanismo de deslocamento, na verdade, é alguma forma de conciliação dos sintomas neuróticos através dos atos obsessivos, mesmo que seu sentido principal permaneça desconhecido.

Segundo Freud, mediante os paralelos e analogias feitas nesse texto de 1907, “podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva como o correlato patológico da



formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal.” (FREUD, 1907: p. 116).

Neste ponto, já nos parece evidente a existência de um conflito entre forças pulsionais presente no psiquismo, por meio da compreensão do desenvolvimento da neurose obsessiva, atuando no mecanismo do recalçamento da doença. Faz-se necessário, pois, indagarmos quais são essas instâncias presentes no conflito da neurose obsessiva e como elas atuam no seu mecanismo.

Relação entre o eu e o supereu na neurose obsessiva

Para compreendermos o conflito existente no mecanismo da neurose obsessiva, marcado tanto pela ambivalência como pelo mecanismo do recalçamento, utilizaremos outro texto freudiano, *O ego e o id*, de 1923. Esse texto já foi abordado no capítulo I do presente trabalho quando tecíamos a construção freudiana sobre o sentimento de culpa. Lá pudemos ver o surgimento do conceito de supereu e como o conflito entre essa instância e o eu é determinante no dinamismo da culpa. Aqui, enfocaremos também esse conflito entre o eu e o supereu, porém agora tentaremos direcionar nossos esforços para a compreensão deste na neurose obsessiva.

Inicialmente, antes de nos referirmos ao conflito entre o eu e o supereu presente no obsessivo, faz-se necessária a explanação sobre o que são essas instâncias constitutivas do aparelho psíquico. Para Freud (1923: p. 30), em cada sujeito existe uma organização dos processos mentais a que ele dá o nome de eu<sup>47</sup>. O eu está ligado à consciência, exercendo o controle das excitações presentes na relação entre o mundo interno e externo. É o eu também que tem a função de recalcar e de manter afastadas da consciência as idéias proibidas experienciadas na infância. O material recalçado, como

---

<sup>47</sup> O termo ego, contido na tradução de 1996, está sendo utilizado somente nas transcrições das citações; porém, no corpo do texto, optamos por utilizar o termo eu por representar uma tradução mais correta do termo utilizado por Freud.

vimos, tende a retornar à consciência, opondo-se ao eu, cuja tarefa é a de recalá-la novamente, denotando todo dispêndio de energia necessário para obter tal intuito.

No trabalho analítico, quando uma idéia inconsciente tenta emergir, opondo-se ao eu, os sintomas tendem a ganhar força, surgindo como uma resistência que o eu infringe sobre esse material. Todo esse esforço é para manter a representação da idéia inacessível à compreensão do doente. Quando o paciente, em análise, é informado da presença de tal resistência, ele tende a negá-la, admitindo apenas um sentimento desprazeroso, não conseguindo, contudo, explicá-lo. Com a presença dessa resistência inacessível à consciência do paciente, deparamos com algo inconsciente no eu, que se comporta como o material recalado. E desse conflito entre o eu consciente e o eu recalado é que as neuroses se constituem.

Seguindo esse pensamento, podemos dizer, juntamente com Freud, “que tudo o que é reprimido é *Ics.*, mas nem tudo o que é *Ics.* é reprimido. Também uma parte do ego [...] pode ser *Ics.*, indubitavelmente é *Ics.*”<sup>48</sup> (FREUD, 1923: p. 31). Mais adiante, Freud (p. 37), após relacionar o sistema perceptivo com a consciência, define a instância psíquica do eu. Para ele, o eu tem seu início no sistema perceptivo, que constitui seu núcleo, abrangendo o sistema pré-consciente-consciente e também se constitui, como vimos, pelo sistema inconsciente.

A partir daí, Freud (p. 37-39), por meio da associação entre os sistemas perceptivo, pré-consciente-consciente e inconsciente e da constituição do eu, começa a identificar outra instância, o id. Para ele,

o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pcpt.-Cs.*<sup>49</sup>; [...]. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. (FREUD, 1923: p. 38).

---

<sup>48</sup> O termo *Ics.*, que se refere ao sistema inconsciente, é grifado pelo autor, aparecendo, na citação, em itálico.

<sup>49</sup> Grifo do autor. *Pcpt.-Cs.* se refere ao sistema perceptivo-consciente.

Sendo assim, no eu temos a percepção, no id temos a pulsão. Isso nos diz, mais uma vez, que o controle das forças pulsionais presentes no aparelho psíquico é função do eu.

Neste ponto, Freud (1923: p.41) nos apresenta um problema, pois o eu não representa apenas a parte do id modificada pelo sistema perceptivo. Sofre outra gradação, chamada de supereu, que é mais uma parte do eu que se diferencia em seu interior. Esta parte do eu que se volta para o eu foi tratada anteriormente por Freud (1915), em “Luto e melancolia”. Lá aparecia como um agente crítico que se opunha ao eu. Essa relação é abordada no estudo da melancolia, no qual se evidencia que um objeto perdido se instala no eu, por identificação. É sobre esse objeto perdido, introjetado, que o supereu irá infringir sua agressividade, punindo, por consequência, o eu<sup>50</sup>. Segundo Freud, o supereu, assim, aparece como mais um complicador nas relações estabelecidas no interior do psiquismo, representando a parte do eu que está menos ligada à consciência.

É importante ressaltar que, segundo Freud (1923: p. 46-47), o supereu, além de representar um resíduo das primeiras escolhas do id, opõe-se a elas. Isso acontece no momento do complexo de Édipo, que determina a relação que o eu estabelece com o supereu. É nesse contexto que a culpa aparece, como a parte consciente manifesta desse conflito entre o eu e o supereu. O supereu é, portanto, o representante da relação do sujeito com seus pais, que se estabelece de modo ambivalente e de onde surge um ideal que deve ser seguido e temido. Em contrapartida, o supereu também constitui a expressão libidinal do id. Sendo assim, “erigindo esse ideal do ego, o ego dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao id. Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego

---

<sup>50</sup> Isso será abordado mais detalhadamente no próximo capítulo, quando estivermos tratando da melancolia.

coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id.” (FREUD, 1923: p. 48-49). Esse conflito entre o eu e o supereu se explica pelo fato de o eu não ter conseguido dominar adequadamente o complexo de Édipo, sendo que a energia presente no Édipo, originada do id, atua na formação do supereu. Assim, o conflito entre o supereu e as pulsões do id se instala, tornando o ideal, sustentado pelo supereu, inacessível à consciência.

Neste ponto, podemos dizer que não somente o id se encontra sob a ação da pulsão. Também o supereu e o restante do eu são regidos pelas forças pulsionais. Sobre a pulsão, Freud (1923: p. 53) novamente<sup>51</sup> a distingue em duas classes: uma referente à pulsão de vida, atribuída ao eu e constituída pelas pulsões sexuais ou Eros, que são responsáveis pela autopreservação; e outra, a pulsão de morte, que tem o sadismo como seu representante, cuja tarefa é conduzir a vida de volta ao estado inanimado. O conflito existente entre essas duas forças pulsionais representa, na verdade, uma tentativa de conciliação entre as duas tendências. Nesse conflito, o eu é que exerce a função de tentar dominar as tensões nele geradas. Podemos ainda dizer que a pulsão de morte merece destaque em sua atuação na constituição da neurose obsessiva, representada pela relação estabelecida entre o eu e o supereu. Assim,

temos afirmado repetidamente que o ego é formado, em grande parte, a partir de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo id; que a primeira dessas identificações sempre se comporta como uma instância especial no ego e dele se mantém à parte sob a forma de um superego: enquanto que, posteriormente, à medida que fica mais forte, o ego pode tornar-se mais resistente às influências de tais identificações. O superego deve sua posição especial no ego, ou em relação ao ego, a um fator que deve ser considerado sob dois aspectos: por um lado, ele foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou enquanto o ego ainda era fraco; por outro, é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, introduziu os objetos mais significativos no ego. (FREUD, 1923: p. 61).

O supereu, portanto, tem o caráter de se manter à parte do eu e de tentar dominá-lo. Resulta da lembrança de fraqueza e dependência do eu vivida na infância e, mesmo

---

<sup>51</sup> A idéia da existência de duas forças pulsionais já tinha sido desenvolvida em *Além do princípio de prazer*, de 1920.

que o eu já seja maduro, permanece sujeito àquela dominação. “Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do superego.” (FREUD, 1923: p. 61). Na realidade, o superego atua no eu como um representante do id às avessas, mantendo-se, por essa razão, afastado da consciência. O que pode aparecer no registro consciente, nessa relação entre o eu e o superego, é o sentimento de culpa. Mas é importante ressaltar que também parte dele, seu conteúdo, sua representação, permanece inconsciente. Somente o afeto se manifesta, de alguma forma, na consciência.

No caso da neurose obsessiva e da melancolia, o sentimento de culpa aparece de forma bastante marcante na consciência, pois “nelas, o ideal do ego demonstra uma severidade particular e com frequência dirige sua ira contra o ego de maneira cruel.” (FREUD, 1923: p. 63).

Na neurose obsessiva, a culpa não consegue achar sentido no eu, o que faz com que o eu do paciente se rebele contra tal sentimento. Isso ocorre porque o superego está sendo influenciado por processos que são desconhecidos pelo eu. O superego, nesse sentido, sabe mais sobre o id inconsciente do que o próprio eu. Apesar de o obsessivo se rebelar contra o sentimento de culpa, é possível, mediante tratamento analítico, tornar consciente seu conteúdo inconsciente, ligado a esse afeto.

Neste momento, consideramos interessante nos reportarmos a um caso clínico para ilustrarmos o que vem sendo tratado até aqui sobre a neurose obsessiva. Para tanto, utilizaremos o caso “Homem dos ratos”, de Freud, devido ao fato de encontrarmos um exemplo de neurose obsessiva, no qual fica evidente o papel da culpa, além de nos ajudar a compreender a relação existente entre o eu e o superego, presente nessa estrutura.

“Homem dos Ratos”

Para avançarmos em nossa investigação sobre o mecanismo da culpa na neurose obsessiva, analisaremos o caso “Homem dos ratos”. A escolha por esse caso clínico de Freud se deve ao fato de que nele encontramos componentes importantes para a evidência da culpa na neurose obsessiva.

O “Homem dos ratos”, descrito no texto de 1909, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, é um caso de neurose obsessiva atendido por Freud durante quase um ano, tendo seu início em outubro de 1907. Tratava-se de um homem de formação universitária, cujos “aspectos principais de seu distúrbio eram *medos*<sup>52</sup> de que algo pudesse acontecer a duas pessoas de quem ele gostava muito: seu pai e uma dama a quem admirava.” (FREUD, 1909: p. 143). Além disso, apresentava comportamentos compulsivos, como o impulso de cortar a garganta, e criava várias proibições a si mesmo, sempre na tentativa de reparar seus impulsos e pensamentos agressivos.

No início do tratamento, esse paciente relata a Freud que sua vida sexual começou muito cedo, tendo na infância curiosidade sobre o corpo feminino, que, em contrapartida, fazia surgir um sentimento ruim: “Havia determinadas pessoas, moças, que muito me agradavam, e eu tinha um forte desejo de vê-las despidas. Contudo, desejando isso, eu tinha *um estranho sentimento, como se algo devesse acontecer se eu pensasse em tais coisas, e como se devesse fazer todo tipo de coisas para evitá-lo*<sup>53</sup>.” (FREUD, 1909: p. 146). Um exemplo de seus medos está representado por meio de um pensamento persistente de que seu pai deveria morrer. Esse pensamento o acompanhava desde uma idade muito precoce, persistindo por longo tempo em sua vida.

O “Homem dos ratos” possuía uma pulsão sexual, representada pelo desejo de olhar (escopofilia) e, em oposição a esse desejo, surgia um sentimento aflitivo,

---

<sup>52</sup> Grifo do autor.

<sup>53</sup> Grifo de Freud.

mostrando o conflito presente entre o desejo obsessivo e o medo obsessivo. Era como se houvesse uma associação entre o desejo de ver mulheres nuas e, em decorrência desse desejo, o seu pai iria morrer. Para tentar solucionar esse conflito, surgem no paciente várias medidas de proteção contra tais idéias, que se manifestam em seus rituais obsessivos. Com isso, temos a representação da neurose obsessiva: uma pulsão sexual e, lutando contra ela, um medo compulsivo, fazendo surgir um afeto aflitivo. Diante de tudo isso, o paciente desenvolve vários atos defensivos.

Um exemplo desse conflito vivido pode ser observado no relato do paciente sobre um castigo aplicado no Leste, que escutou do seu capitão: “[...] o criminoso foi amarrado... um vaso foi virado sobre suas nádegas... alguns *ratos* foram colocados dentro dele... e eles... *cavaram caminho no*<sup>54</sup>... – Em seu ânus, ajudei-o a completar.” (FREUD, 1909: p. 150). Segundo Freud, durante o relato, a face do paciente assumiu uma expressão estranha, demonstrando, ao mesmo tempo, horror e prazer. Prosseguindo em seu relato, revelou que lhe havia ocorrido a idéia de que aquele castigo estava acontecendo com a dama a quem ele tanto admirava. Outra idéia lhe ocorreu simultaneamente, a de que o castigo estava sendo aplicado em seu pai. Um dado importante que deve ser revelado é que o pai do paciente havia falecido muitos anos antes, tornando absurdo esse seu medo obsessivo.

Um tempo depois, o capitão entregou ao “Homem dos ratos” uma encomenda que tinha chegado pelo correio, dizendo que o Tenente A havia pago as despesas e que deveria reembolsá-lo. A partir daí, o “Homem dos ratos” pensou que não deveria pagar porque, se o fizesse, o castigo aconteceria a seu pai e à dama. Mas, em contrapartida, a ordem de que deveria pagar ao Tenente A insistia em seu pensamento. Na verdade, o capitão havia cometido um equívoco ao dizer que o “Homem dos ratos” deveria

---

<sup>54</sup> Grifo de Freud.

reembolsar o Tenente A, pois quem tinha arcado com suas despesas era uma jovem moça que trabalhava na agência postal. O paciente sabia desse equívoco, mas o manteve suprimido e criou sobre ele um conflito entre pagar ou não pagar ao Tenente A, sendo atormentado por esses insistentes pensamentos. Assim, conseguia sustentar seu pensamento obsessivo e manter a dúvida, defendendo-se em seu conflito psíquico.

Sobre a morte do pai, que morrera de enfisema nove anos antes do início do tratamento, o “Homem dos ratos” se censurava por não ter estado presente à hora de sua morte. Essa censura era tão intensa e atormentadora que ele se julgava um criminoso. Com isso, intensificou a estrutura de seus pensamentos obsessivos, cuja conseqüência foi ficar incapacitado para o trabalho. Como podia se sentir um criminoso com relação ao pai que tanto amava se sabia que, na realidade, não havia cometido nenhum crime contra ele? O que acontece é que, apesar de não ser um criminoso, o afeto se justifica. Esse afeto refere-se ao sentimento de culpa, que é sentido mediante outro contexto, o qual permanece inconsciente e que deve se tornar consciente. Isso faz com que o afeto seja sentido, mas a idéia referente a ele se encontra deslocada.

Na época anterior à morte de seu pai, o paciente estava namorando uma moça, e pretendia se casar com ela, mas não lhe era possível realizar esse intuito, por falta de recursos financeiros. Nesse contexto, ocorreu-lhe a idéia de que, se seu pai morresse, poderia ficar rico e se casar com sua dama. Com essa idéia, ficava clara a oposição existente entre o amor e o ódio vividos em seu conflito psíquico. Contudo, qual seria a fonte de seu ódio? Era muito difícil identificar essa fonte, pois, apesar de alguma conexão encontrar-se presente em seu psiquismo, mantendo vivo o ódio pelo pai, o seu grande amor por ele o impedia de tornar essa fonte consciente. Era possível saber que a fonte de sua hostilidade pelo pai referia-se a algo de natureza sexual, pois ele sentiu seu pai como uma interferência para a realização de seu desejo e, por isso, desejava se livrar



dele. Freud se refere, nesse ponto, à interferência do pai na relação incestuosa entre o filho e sua mãe. O “Homem dos ratos”, em sua infância, havia sentido ódio pelo pai, por ele ter representado um impedimento na relação amorosa com sua mãe. Essa hostilidade foi sentida novamente quando se viu impedido de se casar com sua dama, por não possuir recursos financeiros para isso, sendo a morte de seu pai uma solução. Além disso, é importante dizer que o pai do paciente já havia manifestado claramente que se opunha àquela união. Todo esse mecanismo explica o que acontece na neurose obsessiva: sentimento intenso de raiva, inacessível à consciência, que gera um desejo de matar (desejo dirigido a alguém que surge como uma interferência), fazendo surgir o sentimento de culpa, que traz consigo uma necessidade de punição, representada pelos rituais obsessivos.

Uma ilustração desse desejo de punição pode ser vista no caso contado pelo paciente sobre uma pedra presente no caminho de sua amada e sua obsessão de protegê-la:

No dia em que ela devia partir, ele bateu com o pé numa pedra da estrada, e foi *obrigado* a afastá-la do caminho, pondo-a à beira da estrada, pois lhe veio a idéia de que o carro dela iria passar, dentro de poucas horas, pela mesma estrada e poderia acidentarse nessa pedra. Contudo, minutos depois, pensou que era um absurdo, e foi *obrigado*<sup>55</sup> a voltar e restituir a pedra à sua posição original, no meio da estrada. (FREUD, 1909: p. 167-168).

Sua obsessão de proteger representava, na verdade, uma reação a uma pulsão contrária, hostil, que sentira por sua amada. Representava uma tentativa de reconciliação de pulsões contrárias sentidas por sua amada, de amor e de ódio, presentes simultaneamente em seu psiquismo. O conflito era demonstrado por seu ato obsessivo e compulsivo de remover a pedra da estrada para que sua dama não se acidentasse, desfazendo depois esse ato de amor, voltando a pedra para seu lugar original. Isso nos mostra a formação de sintomas, presente no neurótico obsessivo, em que cada uma das duas tendências opostas se satisfaz, fazendo coexistir as fontes ambivalentes.

---

<sup>55</sup> Grifos de Freud.

Podemos, neste ponto, tentar entender a origem e a função da idéia do rato. Na juventude, seu pai tinha sido um suboficial que, em certa ocasião, perdera uma soma de dinheiro em um jogo de cartas, sendo chamado de “*Spielratte*”, que significa “rato-de-jogo”, em alemão. Na ocasião, um amigo quitou sua dívida e, posteriormente, o pai do paciente tentou reembolsar esse amigo, porém não conseguiu localizá-lo. A recordação dessa falha do pai era penosa para o “Homem dos ratos” que, inconscientemente, criticava seu pai severamente por essa dívida. Quando ouviu do capitão que deveria reembolsar o Tenente A, identificou-se com seu pai e foi remetido a essa dívida não liquidada por ele, fazendo-se sentir atormentado por seus pensamentos obsessivos, por meio de vários rituais e proibições. Com isso, é possível compreender por que havia surgido nele o pensamento de que o castigo, narrado pelo capitão, pudesse ocorrer ao seu pai, que deveria ser punido por sua dívida e também por impedi-lo de viver sua vida amorosa. Contudo, por que teria pensado que esse castigo deveria acontecer à sua dama? Isso se explica mediante a associação que fez relativa a quem ele realmente devia reembolsar – a jovem moça da agência postal –, fazendo surgir um conflito amoroso.

O crime que cometeu era representado pelo insulto que fez às duas pessoas que mais amava: seu pai e sua dama. Isso merecia ser punido e o castigo que se aplicara foi se atormentar com o juramento de reembolsar o Tenente A, exatamente pelo fato de esse juramento não poder ser cumprido: “Em primeiro lugar, adveio a idéia de que ele *não*<sup>56</sup> tinha de reembolsar o dinheiro, ou então aquilo (isto é, a punição com ratos) iria acontecer; e a seguir adveio a transformação dessa idéia em um juramento de efeito contrário, como punição por sua revolta.” (FREUD, 1909: p. 190).

A idéia obsessiva nos revela um componente presente no neurótico obsessivo: a onipotência de seus pensamentos. Isso porque ele se julga capaz, por meio de seus

---

<sup>56</sup> Grifo de Freud.

pensamentos, de fazer mal a alguém que ama ou de proteger alguém contra algum mal que lhe possa ocorrer, por meio de algum ritual ou idéia obsessiva que cria para si mesmo.

Como podemos observar, o conteúdo da idéia obsessiva aparece deformado, o seu sentido se encontra deslocado. Essa deformação permite que a idéia obsessiva persista, pelo fato de a consciência não encontrar um sentido para ela. Com isso, o eu se defende do conteúdo original, que permanece no inconsciente. No caso do obsessivo, porém, o recalçamento não é de todo eficaz, pois, apesar de manter afastado o conteúdo inconsciente por meio da idéia obsessiva, o afeto permanece evidente, trazendo um enorme desconforto para o paciente, demonstrando a ambivalência existente em seu psiquismo.

Sobre a associação que o obsessivo faz entre o afeto e a representação do conteúdo, podemos destacar o sentimento de culpa que se vincula a um falso conteúdo ideativo, porque o verdadeiro conteúdo se encontra inconsciente. Isso demonstra que não é necessário cometer um crime para sentir-se culpado, basta desejar cometê-lo. Além disso, Freud relata como a tomada de consciência de sentimentos inconscientes é essencial no desenvolvimento do processo analítico, para a obtenção da cura.

Devemos lembrar que, na teoria freudiana, a sexualidade dos neuróticos preserva o caráter infantil. Isso nos leva à consideração geral de que as doenças são atribuídas à sexualidade infantil. Essa associação se deve ao fato de que ocorre um recalçamento dos desejos infantis que, no futuro, geram culpa deslocada e sintomas neuróticos. Isso pode ser percebido no trecho a seguir, extraído da parte “O complexo paterno e a solução da idéia do rato” (1909), do caso do Homem dos ratos:

A masturbação infantil atinge uma espécie de clímax, via de regra, entre as idades de três e quatro ou cinco anos; e constitui a mais evidente expressão da constituição sexual de uma criança, na qual se deve buscar a etiologia das neuroses subseqüentes. Logo, sob esse disfarce, os pacientes ficam atribuindo

a culpa por suas doenças à sua sexualidade infantil, e têm toda razão de fazê-lo. (FREUD, 1909: p. 177).

O caso do “Homem dos ratos” (1909) pode ser ilustrativo para a compreensão da culpa, por meio da associação ali feita ao complexo de Édipo. O centro do conflito do paciente se constitui como um crime de pensamento de que o pai deveria morrer. Isso revela a relação ambivalente que tinha com o pai e, especialmente, a possibilidade de que tenha desejado a morte do pai. A culpa aparece ligada a esse desejo. O que possibilita o surgimento da culpa é a ambivalência sentida (amor x ódio).

No relato do caso, a culpa aparece como um estranho sentimento, em que a idéia se encontra recalcada. O “Homem dos ratos” passa a se tratar como criminoso e o afeto aparece não conectado à idéia. Mesmo assim, o pensamento do desejo da morte do pai se insinua algumas vezes em sua mente. Se ele amava demasiadamente o pai, como poderia desejar sua morte? Foi precisamente a intensidade de seu amor que não permitia que seu ódio fosse consciente. Era preciso, então, buscar a fonte do ódio que necessariamente se vincularia a outra idéia. Surgem lembranças relativas à masturbação, revelando um conflito entre a obediência ao pai e um desafio a ele, condutas assumidas frente à autoridade. Podemos dar um exemplo disso:

[...] ele estudava para um exame e brincava com sua fantasia favorita de que seu pai estava vivo e a qualquer momento poderia reaparecer. [...] Entre a meia-noite e uma hora ele interromperia o seu estudo e abriria a porta da frente do apartamento, como se seu pai estivesse do lado de fora; em seguida, regressando ao hall, ele tiraria para fora o seu pênis e olharia para ele no espelho. [...] Agora que ele retornava como um fantasma, devia ficar muito contente ao encontrar seu filho estudando arduamente. Mas era impossível que seu pai gostasse da outra parte de seu comportamento; nisto, portanto, estava desafiando-o. Assim, com um singular e ininteligível ato obsessivo, expressava os dois lados de sua relação com seu pai. (FREUD, 1909: p. 178-179)

Para Freud, a onipotência do pensamento, a ambivalência e a culpa são pilares para a construção da neurose obsessiva. A construção do complexo de Édipo, em que o pai aparece como oponente sexual e impedidor das atividades sexuais auto-eróticas,

gera um grande medo obsessivo e sustenta o circuito da dívida, que se associam no caso do “Homem dos ratos”. Isso vem revelar seu desejo criminoso, a dúvida e a dívida extremamente complexa, inexplicável e impossível de ser saldada. A culpa busca, veementemente, ser associada a uma representação. No caso do “Homem dos ratos”, no exemplo da dívida que não pode nunca ser paga e que faz aumentar a angústia do sujeito obsessivo, a culpa começa a revelar seu caráter pulsional, o que representará uma contribuição importante da psicanálise para a compreensão desse afeto.

O “Homem dos ratos” apresentava claramente um conflito entre amor e ódio em relação a seu pai e a sua dama. Seus fenômenos obsessivos serviam para confirmar seus sentimentos divididos: “O amor não conseguiu extinguir o ódio, mas apenas reprimi-lo no inconsciente; e no inconsciente o ódio, protegido do perigo de ser destruído pelas operações do consciente, é capaz de persistir e, até mesmo, de crescer.” (FREUD, 1909: p. 207). Assim, os sintomas neuróticos se originam dos sentimentos conscientes de afeição, como uma forma de reação, e do sadismo que persiste no inconsciente sob a forma de ódio. Nesse contexto, a culpa compõe a formação de sintomas no neurótico obsessivo, por denunciar esse conflito, pois revela o sentimento de amor existente, ajudando, com isso, na defesa, além de exigir punição, satisfazendo, de certo modo, o ódio. É nesse viés que surgem os atos obsessivos, numa tentativa de reconciliar os impulsos antagônicos existentes no psiquismo.

Além disso, podemos observar, por meio do caráter pulsional com que a culpa se manifesta na neurose obsessiva, a presença do conflito entre o eu e o supereu no caso do “Homem dos ratos”. Apesar de Freud não ter tratado da relação entre essas instâncias nesse caso clínico, tal associação se torna possível mediante o estudo que fizemos de alguns de seus textos posteriores. Podemos dizer que, no “Homem dos ratos”, as instâncias que se mantêm em conflito no aparelho psíquico são o eu e o supereu. Esse

conflito pode ser evidenciado pela presença do sentimento inconsciente de culpa, que por sua vez denuncia a presença da pulsão de morte. Com isso, seus sintomas obsessivos, na realidade, representam as forças dessas instâncias em ação no psiquismo.

Assim, com o esboço das idéias freudianas sobre o mecanismo da culpa na neurose obsessiva, podemos passar à análise da melancolia, a fim de compreendermos as semelhanças e diferenças da função da culpa nessas duas estruturas.

### Capítulo III: O mecanismo da culpa na melancolia

#### Uma experiência melancólica

Para falar sobre o mecanismo da culpa na melancolia, apoiaremos-nos no livro *Inferno*, de August Strindberg. Esse livro, de 1982, cujo cenário é a cidade de Paris, relata a história autobiográfica de Strindberg. Homem que se dividia entre a arte – encenando uma peça em teatro parisiense – e a ciência – trabalhando com a química, por meio da qual queria comprovar a presença de carvão no enxofre –, o personagem nos revela que seu desejo pelo teatro estava satisfeito devido à peça encenada em Paris. Restava-lhe, contudo, uma sede de saber que o fazia desistir do amor por sua mulher, afastando-se dela para realizar suas pesquisas. Dizia que tinha que escolher entre o amor e a ciência e não hesitava ao escolher esta última, abrindo mão do amor. Via na separação de sua mulher, a quem tanto amava, uma espécie de libertação, na qual podia se afastar de todas as tentações mundanas, sujeitando-se aos desígnios de seu destino.

A experiência que desenvolvia sobre o enxofre trouxe-lhe consequências terríveis, pois, além da solidão que se obrigava a suportar, suas mãos se queimaram com o fogo, ficando constantemente feridas, sangrando e cheias de fissuras nas quais se acumulava o pó do carvão. Para ele, essa dor que sentia era necessária, atribuindo esse castigo a forças do invisível: “Torturado por esses suplícios, que atribuo às forças desconhecidas que há tantos anos me perseguem e me impedem de realizar os meus objetivos, passo a evitar amigos e companheiros. É a paz dos desertos, solene, horrível.” (STRINDBERG, 1982: p. 30-31). Além de se sentir perseguido, obrigava-se a permanecer isolado de todas as pessoas, torturando-se ainda mais por seus crimes contra si mesmo.

O que nos chama atenção nessa experiência melancólica é o fato de o sujeito responsabilizar o outro – no caso as forças do invisível – pelo seu destino, não

assumindo a culpa: “Não me ocorre a idéia de punição em consequência de um crime. Represento-me, a meus próprios olhos, como inocente vítima de uma perseguição injusta. Desconhecidos impediram-me de completar minha grande obra, tenho que superar muitos obstáculos antes de conquistar os louros da vitória.” (STRINDBERG, 1982: p. 32).

Em um cenário de miséria, não tendo como pagar o quarto onde morava e tendo agravado suas feridas das mãos, vê-se obrigado a ser internado no Hospital São Luís como um mendigo, aceitando a ajuda de desconhecidos. “Mendigo! A crua palavra me fere os ouvidos, queimando-me as faces de vergonha, humilhação e raiva.” (STRINDBERG, 1982: p. 37). Estando dentro do hospital, ele consegue comprovar sua experiência no laboratório, com a ajuda de uma freira. Mas o sucesso não lhe traz o conforto que buscava. Continua vagando em seus pensamentos melancólicos, sentindo que seu fim se aproximava, sem conseguir ser dono de seu próprio destino: “Refletindo sobre minha sorte, reconheço a mão invisível que me castiga e me empurra para um fim que ainda ignoro. Seu objetivo é me dar a glória, recusando-me as honras do mundo; ela me humilha quando me eleva e me rebaixa para me exaltar.” (STRINDBERG, 1982: p. 38).

Depois que sai do hospital, continua em suas experiências com o enxofre, entrando na faculdade, apesar de ter hesitado bastante até conseguir tal objetivo. Por meio de suas pesquisas, consegue comprovar a fórmula do enxofre, mas não se permite usufruir o sucesso por causa de uma promessa: “no caso de que minhas experiências venham a ter sucesso, jamais aceitarei as exterioridades mundanas do mérito.” (STRINDBERG, 1982: p. 41). Posteriormente, interessa-se em pesquisar os componentes do iodo. Recebe, para tanto, uma proposta muito interessante, porém não consegue usufruir a oportunidade por acreditar que não fazia parte de seu destino, ou



melhor, que seu destino era sofrer e passar por várias adversidades. Nada podia ser facilitado para ele. Depois, devido ao cenário de miséria no qual vivia, resolve estudar alguns materiais, na tentativa de obter deles o ouro. Mas essas pesquisas irão agravar seu sofrimento, por sentir que outras pessoas estavam interessadas em seu ouro, torturando-se ainda mais com o sentimento de perseguição.

Sobre seus sentimentos, demonstrava uma ambivalência que oscilava entre tristeza, solidão e felicidade, resignação: “Banido da sociedade pela miséria e escândalo da minha pobreza, dei-me por muito feliz por encontrar um abrigo para as longas noites de inverno, embora sofrendo profundamente por causa da conversa libertina.” (STRINDBERG, 1982: p. 39). Strindberg parece querer justificar seus atos e escolhas por meio da “mão invisível” que o conduz, revelando um conflito interno evidente. Porém, não se apropria dele, sofre porque tem que sofrer, demonstrando uma resignação diante de seu destino. E quando não consegue se submeter pacificamente ao destino que lhe é imposto, a punição se faz necessária. Contudo, essa punição vem também de fora, tornando-se ele vítima de sua própria sorte:

Tendo descoberto a existência da mão invisível que me dirige os passos pelo caminho da adversidade, sinto-me mais só e vigio meus atos e palavras com extrema atenção, mas nem sempre consigo me controlar. Assim que cometo algum pecado, sou apanhado em flagrante e o castigo vem com tal precisão e refinamento que não deixa qualquer dúvida quanto à intervenção dos poderes punitivos. (STRINDBERG, 1982: p. 39).

Como podemos perceber, além da presença da ambivalência afetiva, há a evidência da culpa por meio da necessidade de punição. O sentimento de culpa está representado pela “mão invisível” que conduz o sujeito. Nesse contexto, juntamente com Freud, podemos afirmar que o eu na melancolia se vê como culpado, porém o sujeito melancólico não consegue perceber que ele trata a si mesmo como o objeto perdido com o qual se identificou. Assim, a punição recai sobre o eu sem encontrar

nenhuma resistência, fazendo com que o sujeito fique resignado diante do sofrimento que sente.

Podemos tornar evidente a ambivalência sentida por Strindberg por meio da relação de amor e ódio que estabelecera com a esposa: “Eu a amo, ela me ama, e nós nos odiamos possuídos por um feroz ódio amoroso que cresce com a ausência.” (STRINDBERG, 1982: p. 42). Para romper esse ciclo angustiante, procura substituir o amor que sente pela esposa por outra mulher, mas o desejo de conquistar outra mulher e a tentativa de realização desse desejo desonesto não vem sem punição:

A punição, embora severa, imediata e administrada pela mão hábil que tão bem conheço, pareceu-me insuficiente. O mendigo cheio de obrigações para com sua família, desejara começar um caso comprometedor com uma mulher honesta. Era simplesmente um crime. Comecei então a me infligir fortes penitências: renunciei às noitadas no restaurante, jejei e passei a evitar tudo o que pudesse evocar uma paixão fatal. (STRINDBERG, 1982: p. 43).

Para ele, estava bem claro o que seu destino lhe reservava: um caminho adverso, sem amor, sem dinheiro e sem honrarias. E era assim que deveria ser, pois sua vida não lhe pertencia, estando sujeito aos desígnios da “mão invisível” que o guiava. Com isso, não se responsabilizava por nada, permanecendo na queixa, resignando-se com seu destino infeliz.

Em seu livro, Strindberg relata seus estudos fúnebres, nos quais cultivava o sofrimento e a solidão, passando de estudos sobre o ocultismo até chegar a uma noção da religião e de Deus. Tinha por hábito passear pelo cemitério e visitar alguns túmulos. Admirava os mortos e encontrava certa paz no silêncio do cemitério, onde conseguia fugir do ruído das ruas e se isolar em sua solidão. Nesse contexto, é importante dizer que Strindberg se revelava como um ateu: “Há dez anos atrás tornei-me ateu! Por quê? Não sei ao certo! A vida me entediava e era preciso fazer alguma coisa; algo de novo, principalmente. Agora que tudo envelheceu, desejo tudo ignorar, deixar em suspenso as perguntas e ficar à espera.” (STRINDBERG, 1982: p. 61). Muitas vezes, em seu

sofrimento, arrependia-se por ter se tornado ateu; queria voltar a acreditar, voltar a ser religioso, porém não conseguia, consumindo-se pelo seu sofrimento.

Com seu comportamento de isolamento, no qual se afasta de tudo que o rodeia, encontra-se no mais absoluto abandono. Passa a acreditar que possui um poder oculto que necessitava se manifestar. Isso era devido ao fato de que, sob a “mão invisível” que o guiava, acreditava que ela lhe mostrava o caminho de suas pesquisas, fazendo-o crer que era um “Iluminado”. “Não há dúvida de que estou preparado para uma experiência superior! Desprezo a terra, este mundo imundo, os homens e suas obras. Vejo-me como o homem justo, sem iniquidade, que o Eterno pôs a prova e que o purgatório deste mundo em breve tornará digno de libertação.” (STRINDBERG, 1982: p. 81). Acreditava, com isso, que seu pensamento possuía poderes, se pensasse algo mal, isso poderia acontecer. Um exemplo disso foi quando, acometido por uma terrível solidão, usou uma desculpa para se aproximar de sua mulher novamente: pensou que sua filha poderia ficar doente, fato que se confirmou. Veio a saber disso por meio de uma carta informando que sua filha havia estado gravemente doente. Mas esse poder que julgava possuir trazia consigo uma grande necessidade de punição, fazendo-o sofrer: “Por frivolidade eu brincava com as forças secretas e minhas más intenções haviam sido liberadas mas, dirigidas pela mão invisível, vieram me atingir em cheio no peito.” (STRINDBERG, 1982: p. 80).

Diante disso, podemos constatar a presença marcante da onipotência na melancolia, sob a qual o sujeito se julga possuidor de pensamentos poderosos. Mas, esses pensamentos são guiados pela “mão invisível”, trazendo, em contrapartida, uma enorme impotência sob seus atos. Será que o melancólico, com isso, apresenta um problema na constituição do eu? Será que, na constituição do eu, na melancolia, o eu

não ultrapassa o narcisismo?<sup>57</sup> O que podemos observar é que na melancolia o sujeito alterna onipotência e impotência, demonstrando um enorme sofrimento com esse mecanismo, permanecendo na situação de vítima e autor de seu próprio destino cruel. O que é importante evidenciar aqui é que a culpa está presente no melancólico, sendo demonstrada por meio da necessidade de punição.

Voltando ao relato da experiência melancólica de Strindberg, é importante mencionar que, apesar de possuir um pensamento de certo modo delirante, consegue manter seu juízo, questionando-se, muitas vezes, se estava doente, porém sempre conseguindo comprovar a lógica de seus pensamentos.

Diante de seu sofrimento, para o qual não encontrava saídas, tenta cometer suicídio. Justifica esse ato por acreditar que a morte representava a libertação de todo o sofrimento a que era obrigado a passar em vida, porém não consegue tal intento; pois, de um lado, havia a “mão invisível” que o conduzia, tendo domínio sobre sua vontade e, de outro, a punição que sempre vinha fazendo-o submeter a essas forças. Eis seu relato:

Para fazer um reconhecimento da fronteira entre a vida e a morte, deito-me na cama e destampo o frasco de cianureto de potássio que deixa escapar o seu mortal perfume. Ei-lo que se aproxima, o homem da foice: suas maneiras são suaves, voluptuosas. Mas no último instante chega sempre alguém ou acontece alguma coisa imprevista; pode ser o garçom que aparece sob um pretexto qualquer ou então uma vespa que entra pela janela. Os poderes me recusam essa alegria única e eu me submeto à sua vontade. (STRINDBERG, 1982: p. 102-103).

Condenado ao sofrimento, desesperado pela dor, começa a negar o ocultismo e tenta se reaproximar da religião. Ao ler um trecho da Bíblia, recaem sobre ele dúvidas a respeito de suas pesquisas, fazendo-o torturar-se ainda mais. Começa a se questionar se todo o seu sacrifício havia sido em vão, mas nega essas questões acreditando que as dúvidas eram mais uma maneira de ser castigado, pois, afinal, ele estava sendo guiado em seu caminho. Mesmo encontrando, muitas vezes, justificativas para seu sofrimento,

---

<sup>57</sup> Veremos mais adiante quando enfocarmos o estudo freudiano sobre a melancolia, principalmente no texto de 1915, “Luto e melancolia”, que o papel do narcisismo é fundamental na constituição dessa doença, pela identificação narcísica que o sujeito faz com o objeto perdido.

Strindberg continua a se sentir constantemente perseguido: “Estou condenado à morte! Tenho certeza. Por quem? Pelos russos, os devotos, os católicos, os jesuítas, os teósofos! Qual o motivo? Talvez porque eu seja um feiticeiro ou bruxo dado à magia negra.” (STRINDBERG, 1982: p. 107).

Para ilustrar um pouco a vivência que tinha dessa perseguição, podemos citar o seguinte trecho:

Sem resposta, num labirinto sem saída, esforço-me para dormir. Então uma descarga me assalta, como um ciclone, arranca-me da cama e a perseguição recomeça. Escondo-me atrás de uma parede, procuro a soleira das portas, coloco-me em frente à lareira. Em todo lugar, qualquer lugar, as fúrias sempre me encontram. A angústia moral toma conta de mim, o pânico se apodera do meu ser, a causa está em todo lugar e em nenhum. (STRINDBERG, 1982: p. 113).

De tanto que sofria com essas perseguições, uma vez, acreditando já estar suficientemente castigado, se prepara para a morte: “Para mim já se fez o acerto de contas com a vida: estamos quites! Se pequei, dou minha palavra que fui bastante castigado! Com toda certeza! [...] Desde criança à procura de Deus, só encontrei o demônio. Carreguei a cruz de Cristo na minha infância e reneguei um Deus que se contenta em reinar sobre escravos que se humilham diante de seus carrascos.” (STRINDBERG, 1982: p. 109-110).

Um dia, para sua surpresa, sabendo de tantos tormentos sofridos, a esposa convida-o a visitar sua filha. Isso lhe serve de estímulo, considerando ser um sinal de vida, resultado da boa vontade da “mão invisível” severa, como uma espécie de felicidade merecida mediante os castigos que vinha sofrendo. Sua estada na presença de sua filha traz certo conforto, mas, como não podia ser merecedor de nenhum contentamento, volta a sofrer grandes castigos. “A terra é o inferno, a prisão construída com uma inteligência superior, de tal modo que não posso dar um passo sem perturbar a felicidade dos outros, e os outros não podem ser felizes sem me fazer sofrer. [...] Estou no inferno, a danação pesa sobre mim.” (STRINDBERG, 1982: p. 132-133).

Envolto nessa atmosfera de dor, continua a se indagar sobre quem estaria lhe dando forças para suportar o sofrimento e quem lhe recusava a morte, que seria a libertadora de suas torturas. Além disso, com esses questionamentos, conseguia se autoflagelar ainda mais: “Sorrir diante da morte! Como seria possível, se a vida em si não fosse ridícula? Tantas contrariedades por tão pouco! Talvez mesmo exista, no fundo da alma, escondida, uma vaga suspeita de que tudo nesta terra não passa de artimanhas, esgares e encenações e que os Deuses se divertem com os nossos sofrimentos.” (STRINDBERG, 1982: p. 158).

É com a leitura de Swedenborg que Strindberg encontra um consolo, por meio da explicação que o autor traz de suas mazelas e do intuito de Deus. Segundo Swedenborg, todo homem que sofre como ele na terra, provocando os demônios, é um eleito por Deus, podendo contar com a proteção do Eterno. Assim,

reabilitado por Swedenborg, imagino outra vez que sou Jô, homem justo e sem iniquidade, posto à prova pelo Eterno para mostrar aos pecadores como pode o homem íntegro suportar sofrimentos injustos. Essa idéia se instala em meu espírito inflado de vaidade devota. Orgulho-me das adversidades por que passei e não me canso de repetir: como tenho sofrido! (STRINDBERG, 1982: p. 136).

Encontra nesse autor o relato de tudo que lhe aconteceu: suas angústias, suas insônias e os fenômenos que lhe aconteciam. Um exemplo disso é a explicação que encontra, por meio de Swedenborg, para as feridas de suas mãos por causa das experiências que fazia: “os alquimistas ficam leprosos e de sua pele saem escamas semelhantes às escamas dos peixes. É a doença incurável.” (STRINDBERG, 1982: p. 165). E ainda: “Lendo os sonhos de Swedenborg, de 1744, ano que precede suas relações com o mundo invisível, descobro que o profeta sofreu as mesmas torturas noturnas por que passei, e o que mais me impressiona é a perfeita analogia dos sintomas que não me deixam dúvida alguma sobre a espécie de doença que me atingiu.” (STRINDBERG, 1982: p. 165).

A vida de Strindberg é marcada por grande peregrinação, passando por várias cidades em busca de paz e por intermináveis penitências. Em todos os lugares aonde ele ia, sentia-se ameaçado, acreditando ter deixado ali um inimigo que iria persegui-lo e matá-lo. A escolha da cidade era orientada pela “mão invisível”, tendo que se submeter por se tratar de uma punição merecida, não havendo outra saída para ele: “Dou graças à providência que me mandou a essa cidade desprezada, para fazer penitência e encontrar minha salvação.” (STRINDBERG, 1982: p. 164).

Portanto, deveria se consolar e se orgulhar pelas aflições, tormentos e angústias, por serem o sinal de que era um escolhido de Deus. Ao aceitar seu sofrimento como uma dádiva, começa a perceber que sua batalha era, na verdade, com ele mesmo: “É o moinho de Deus, que é lento no moer, e mói fino, e mói escuro! Ficamos reduzidos a pó e pensamos que tudo acabou. Mas não, tudo recomeça, vamos ser moídos outra vez. Sejam felizes! [...] Soframos pois, meus irmãos, sem esperar da vida nenhuma alegria concreta, porque estamos no inferno.” (STRINDBERG, 1982: p. 170, 172).

O inferno que Strindberg nos revela nada mais é que o mundo do sentimento de culpa. Toda a experiência relatada nesse livro representa, na verdade, um relato sobre a experiência da culpa vivenciada na melancolia, na qual o sujeito é movido por essa culpa, representada aqui pela “mão invisível”.

Com a análise dessa experiência melancólica, podemos ilustrar como a culpa incide sobre o sujeito. Mas como isso acontece? Apostamos que encontraremos essa resposta na natureza da relação estabelecida entre o eu e o supereu presente nessa estrutura psíquica. Para chegarmos a tal formulação, é necessário compreendermos mais a melancolia.

## Melancolia

Freud, em suas correspondências a Fliess, contidas nos *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*, de 1950 [1892-1899], mais especificamente nos Rascunhos E e G, fala sobre a melancolia. Começa por tratá-la como uma neurose de angústia, considerando que se tratava de uma neurose de represamento, que se originava pela acumulação de tensão sexual física. Nesse sentido, essa tensão sexual acumulada era transformada em angústia.

Depois, Freud faz uma distinção entre a melancolia e a neurose de angústia. Para ele, “os melancólicos são *anestéticos*<sup>58</sup>. Não têm necessidade de relação sexual (e não têm a sensação correlata). Mas têm um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica – uma tensão erótica psíquica, poder-se-ia dizer. Nos casos em que esta se acumula e permanece insatisfeita, desenvolve-se a melancolia.” (FREUD, 1950 [1892-1899]: p. 237). Assim, a neurose de angústia advinha do acúmulo da tensão sexual física, ao passo que a melancolia, do acúmulo da tensão sexual psíquica.<sup>59</sup>

Ainda nos *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*, no Rascunho G, encontramos várias idéias sustentadas por Freud acerca da melancolia. Uma delas é que “o afeto correspondente à melancolia é o luto – ou seja, o desejo de recuperar algo que foi perdido.” (FREUD, 1950 [1892-1899]: p. 247). Segundo Freud, isso nos revela que a melancolia consiste em uma perda, ou melhor, trata-se de uma perda na vida pulsional. Então, “*a melancolia consiste em luto por perda da libido*<sup>60</sup>.” (FREUD, 1950 [1892-1899]: p. 247).

Segundo o autor, o que está em jogo no mecanismo da melancolia é a falta de excitação sexual somática, cujos efeitos podem ser descritos como: “*inibição psíquica*,

---

<sup>58</sup> Grifo do autor.

<sup>59</sup> Essa distinção entre neurose de angústia e melancolia foi retirada do Rascunho E, que, apesar de não possuir uma data precisa, foi situado pelos organizadores desses documentos em junho de 1894.

<sup>60</sup> Grifos do autor.



com empobrecimento pulsional e o respectivo sofrimento<sup>61</sup>.” (FREUD, 1950 [1892-1899]: p. 252). Na melancolia, é como se houvesse um buraco na esfera psíquica, por onde escoasse toda a excitação sexual.

Com isso, Freud queria comprovar a ação determinante da sexualidade nas doenças psíquicas, dentre elas a melancolia. Descreve um caso, ainda nos *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*, Carta 102<sup>62</sup>, que vem ilustrar o que recortamos até aqui:

Em uma paciente [...] havia constantes estados de desespero, com uma convicção melancólica de que ela não valia nada, era incapaz de fazer qualquer coisa etc. [...] quando ela era uma adolescente de quatorze anos, descobriu que tinha *atresia hymenalis* [hímen imperfurado] e ficou desesperada, imaginando que não serviria para esposa: melancolia – isto é, temor da impotência. (FREUD, 1950 [1892-1899]: p. 328).

Percebemos nessas correspondências de Freud a Fliess esboços do conceito e do mecanismo da melancolia, que serão desenvolvidos e sustentados por Freud em alguns de seus textos.

Para reforçar a nossa argumentação, até aqui apoiada em Freud, utilizaremos o *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*, editado por Pierre Kaufmann, no que diz respeito ao seu conceito de melancolia. Quem contribui com a elucidação desse conceito no livro é Marie-Claude Lambotte, professora de psicopatologia na Universidade de Paris III e psicanalista. Segundo ela, classificar a melancolia é uma tarefa difícil tanto para a psicanálise como para a psiquiatria. Fazendo um recorte do que diz sobre esse conceito, sob o enfoque psicanalítico, pois é o que nos interessa aqui, ela se reporta a Freud:

O interesse de Freud pela melancolia, que ele classificou em 1924 (“Neurose e psicose”) na categoria das “neuroses narcísicas”, categoria distinta das neuroses e das psicoses [...]. Freud sublinhou, [...] em 1895, nos manuscritos E e G das “Cartas a Fliess”, essa grande tensão ou excitação sexual psíquica [...] própria do doente melancólico, que parece estorvá-lo de tal modo que acaba por cavar uma espécie de furo (*Loch*<sup>63</sup>) no psiquismo, pelo qual a energia sexual psíquica, em outras palavras, a libido, não cessa de escoar. (LAMBOTTE, 1996: p. 325).

---

<sup>61</sup> Grifos do autor.

<sup>62</sup> Esta carta é datada de Viena, 16 de janeiro de 1899.

<sup>63</sup> Grifo da autora.

Com essas definições, segundo Lambotte, a melancolia poderia ser considerada uma organização psíquica singular, sendo possível construir a seu respeito uma origem metapsicológica.

Sobre seus sintomas, a autora caracteriza a melancolia como um estado de prostração e inibição generalizada, utilizando a expressão “anestesia psíquica” para defini-la. Neste ponto, é possível distinguir a melancolia da depressão, pois “diferentemente do sujeito depressivo, o sujeito melancólico não procura sequer aliviar seu sofrimento e cai freqüentemente num profundo mutismo.” (LAMBOTTE, 1996: p. 326). Além disso, outra característica que distingue o sujeito melancólico do sujeito depressivo é o fato de que o melancólico, não conseguindo delimitar a origem de seu mal, estabelece com o outro uma relação afetiva que se expressa nas queixas e na agressividade.

Sendo assim, “o raciocínio se fecha sobre si mesmo e recomeça indefinidamente na condenação de um futuro inteiramente determinado pelo passado.” (LAMBOTTE, 1996: p. 326). O melancólico apresenta um raciocínio circular que reforça o aspecto repetitivo presente em sua organização psíquica.

Lambotte também menciona a diferença entre o sujeito melancólico e o sujeito enlutado. Ambos se encontram em estado de prostração e apresentam uma recusa pelo mundo, mas, para o enlutado, esse estado terá um fim, ao passo que, para o melancólico, além de esse estado ser permanente, apresenta ainda outras características como as auto-acusações que dirige a si mesmo.

Seguindo esse caminho da diferenciação do sujeito melancólico e do enlutado, a autora chega, por meio da construção metapsicológica, à relação entre o sujeito melancólico e o objeto perdido: “Isso nos levaria a relacionar de uma maneira ou de outra a melancolia a uma perda do objeto que é subtraída à consciência, ao contrário do

luto, em que nada do que concerne à pessoa é inconsciente.” (LAMBOTTE, 1996: p. 326-327). Na melancolia, a via de acesso à consciência se encontra barrada, levando a um enfraquecimento do eu. Isso remeteria o sujeito a uma regressão narcísica, uma regressão quanto à organização do eu que faz com que o doente se retire do mundo externo e se desprenda de todo objeto de investimento.

A autora, mais uma vez acompanhando Freud, diz:

Tudo se passa como se o sujeito melancólico tivesse introjetado o objeto, como se o tivesse incorporado no sentido canibalístico do termo, e isso a ponto de se anular em seu proveito. Assim, todas as recriminações e injúrias que o sujeito dirige a si mesmo, ele as dirige de fato ao objeto perdido incorporado; do mesmo modo, a passagem ao ato suicida significaria então a tentativa derradeira do sujeito de se livrar do objeto, de rejeitá-lo, de condená-lo à morte. (LAMBOTTE, 1996: p. 327).

É possível dizermos, juntamente com Lambotte e Freud, que, sendo o objeto introjetado, a crítica do eu – o supereu – considera o eu como se fosse o objeto perdido, tratando-o como um objeto sob a incidência da ambivalência afetiva que aqui tomará a forma de ódio. Assim, “a melancolia aparece, então, como uma afecção narcísica por excelência, em que o conflito intrapsíquico opõe o eu e o supereu.” (LAMBOTTE, 1996: p. 327).

Na melancolia, então, há uma associação entre a escolha do objeto e uma fixação narcísica, na qual qualquer tentativa de investimento de objeto faria o eu regredir narcisicamente. Se o narcisismo é entendido como o amor a si mesmo, podemos dizer que no narcisismo o sujeito toma a si mesmo como objeto. O sujeito melancólico apresentará uma falha narcísica, “tudo se passa como se o sujeito melancólico se tivesse encontrado diante de uma moldura vazia, dentro da qual houvesse não imagem, mas simplesmente um nada.” (LAMBOTTE, 1996: p. 328). Isso acontece porque o sujeito melancólico, na construção de sua imagem, estabelece um modelo ideal rígido que permanece fora de seu alcance. As instâncias ideais do eu determinam a dinâmica melancólica, sendo que o ideal do eu corresponderia à identificação parental, recobrando

o eu ideal. O sujeito melancólico se sente um nada e o objeto introjetado, ao qual poderia se identificar para a constituição de seu eu, deve ser punido por representar o objeto perdido. Assim, “na falta de uma imagem narcísica suficientemente afirmada, o sujeito melancólico encontra o nada que o define.” (LAMBOTTE, 1996: p. 329). É nesse contexto, em que há uma repetição do afastamento de toda espécie de investimento, que a pulsão de morte encontrará terreno fértil para mostrar sua atuação.

#### Identificação narcísica

Voltando aos textos de Freud, recorreremos agora a um, já tratado neste trabalho, “Luto e melancolia” (1917[1915]). No primeiro capítulo, utilizamo-nos na construção teórica do sentimento de culpa em Freud, principalmente no que tange ao conceito de supereu, ali chamado de agente crítico, e também na importância do papel do narcisismo para a compreensão da culpa. Aqui, no presente momento, nosso enfoque residirá sobre a natureza e o mecanismo da melancolia.

Para falar sobre a natureza da melancolia, Freud traça uma comparação entre ela e o luto. Para ele (1915: p. 249), o luto representa uma reação à perda de uma pessoa querida ou à perda de algo associado a alguém querido, como, por exemplo, um país ou o ideal de alguém. Esse estado de luto é superado após um período de tempo, considerado normal e necessário para que o sujeito elabore tal perda. O trabalho do luto vem revelar ao sujeito que o objeto amado não existe mais, tornando necessária a retirada da libido que se encontrava associada àquele objeto. Mas essa retirada da libido não ocorre facilmente, devendo ser realizada pouco a pouco, de modo a prolongar, psiquicamente, a existência do objeto perdido.

A melancolia se caracteriza pelo seguinte quadro sintomático:

Um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de

encontrar expressão em auto-recriminações e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1917[1915]: p. 250).

No luto profundo, segundo Freud (1917 [1915]: p. 250), podemos encontrar as mesmas características apresentadas aqui para a melancolia, com exceção da perturbação da auto-estima. Isso ocorre devido à dificuldade que ambos possuem de substituir o objeto de amor perdido.

Apesar dessa semelhança com o luto normal, na melancolia observamos que a natureza da perda é mais ideal. “O objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor.” (FREUD, 1917 [1915]: P. 251). Na verdade, para Freud (p.251), o paciente melancólico sabe quem ele perdeu, porém ele não sabe o que perdeu nesse alguém. Isso nos revela a presença de um conteúdo inconsciente no mecanismo da melancolia, diferentemente do luto, no qual o processo se dá puramente no registro da consciência. Então, “no luto, verificamos que a inibição e a perda de interesse são plenamente explicadas pelo trabalho do luto no qual o ego é absorvido. Na melancolia, a perda desconhecida resultará num trabalho interno semelhante, e será, portanto, responsável pela inibição melancólica.” (FREUD, 1917 [1915]: p. 251).

Ainda podemos dizer, juntamente com Freud (p.251), que o melancólico apresenta uma diminuição de sua auto-estima, um empobrecimento de seu eu. Se, para o enlutado, o mundo se torna vazio, para o melancólico é seu próprio eu que se encontra vazio. Assim, “o paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido.” ((FREUD, 1917 [1915]: p. 251-252).

Apesar de o melancólico tratar-se como um nada, um ser desprezível e digno de punição, ele não se envergonha de sua condição perante outras pessoas. Ao contrário, faz questão de comunicar isso a todos a sua volta, encontrando satisfação ao desmascarar a si mesmo.

Diante disso, Freud (p. 253) elabora que, na melancolia, uma parte do eu se coloca contra a outra, tomando-a como seu objeto e exercendo sobre ela um julgamento crítico implacável. O autor, em 1915, nomeia essa parte do eu que se volta contra a outra parte de agente crítico. Sendo assim, o quadro clínico da melancolia é marcado pela insatisfação com o eu:

Se se ouvir pacientemente as muitas e variadas auto-acusações de um melancólico, não se poderá evitar, no fim, a impressão de que freqüentemente as mais violentas delas dificilmente se aplicam ao próprio paciente, mas que, com ligeiras modificações, se ajustam realmente a outrem, a alguém que o paciente ama, amou ou deveria amar. [...] percebemos que as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente. (FREUD, 1917 [1915]: p. 253-254).

Freud (p. 254) ilustra essa característica melancólica dizendo, por exemplo, que quando uma mulher lamenta o fato de o marido estar ligado a uma pessoa incapaz como ela, quer, na verdade, acusar o marido de ser incapaz. Há uma distorção do que realmente está acontecendo, impossibilitando que o sujeito saia dessa situação desprezível em que se encontra. Então, podemos compreender por que eles não se envergonham do que dizem sobre si mesmos, pois, na realidade, toda acusação que fazem diz respeito a outra pessoa.

Agora podemos compreender o que acontece com o melancólico: em algum momento, o sujeito ligou sua libido a um objeto, exercendo sua escolha objetal. Mas, por algum motivo, essa relação é quebrada e o sujeito, ao invés de ligar sua libido a outro objeto de amor, direciona essa libido para seu eu, estabelecendo uma identificação do eu com o objeto perdido. “Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pode, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado.” (FREUD, 1917 [1915]: p. 254-255). Então, no melancólico, a perda do objeto se transforma na perda do próprio eu, formando o conflito psíquico entre o eu e o

agente crítico<sup>64</sup> que, mediante identificação do eu com o objeto perdido, vem representar o conflito entre o eu e a pessoa amada. “A identificação narcisista com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica, e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa.” (FREUD, 1917 [1915]: p. 255).

Como vimos no primeiro capítulo, a identificação precede a escolha objetal, representando a primeira forma como o eu escolhe um objeto. Essa escolha pela identificação se apresenta de forma ambivalente para o eu e, em sintonia com a fase oral, o eu deseja incorporar o objeto a seu próprio eu. Sendo assim, podemos dizer que, no melancólico, predomina a escolha objetal do tipo narcisista.

Sobre a ambivalência sentida pelo melancólico frente à identificação com o objeto de amor, observamos que, “se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento.” (FREUD, 1917 [1915]: p. 257). Assim, temos que, na melancolia como na neurose obsessiva, as auto-acusações e punições representam uma satisfação das tendências do ódio e do sadismo encontradas em ambas as estruturas.

A relação ambivalente do eu com o objeto é bastante complexa na melancolia. O conflito entre o amor e o ódio se evidencia, havendo, de um lado, a libido que tenta se desprender do objeto e, de outro, a libido mantendo sua posição, lutando para não perder o objeto narcisicamente identificado. Esse conflito ocorre no sistema inconsciente, pois o caminho da consciência se encontra bloqueado para o melancólico. Como a ambivalência pertence ao material reprimido, a luta travada no psiquismo do

---

<sup>64</sup> É bom recordarmos que essa parte do eu que se opõe à outra parte do eu é chamada por Freud de agente crítico e será chamada de supereu em 1923.

sujeito permanece distante de seu registro consciente. “Dessa forma, refugiando-se no ego, o amor escapa à extinção. Após essa regressão da libido, o processo pode tornar-se consciente, sendo representado à consciência como um conflito entre uma parte do ego e o agente crítico.” (FREUD, 1917 [1915]: p. 262).

O conflito presente no eu do melancólico, representado pela luta pelo objeto, atua como uma ferida que exige, a todo tempo, uma anticatexia elevada. Isso faz com que o eu se degrade, se esvazie e se enfureça contra si mesmo. Segundo Freud (p. 262-263), existem três condições para a constituição da melancolia: a perda do objeto, a ambivalência e o retorno da libido ao eu. Dessas três, encontramos as duas primeiras nas auto-acusações do neurótico obsessivo. Em ambas as estruturas, há a ambivalência constituindo a força para o dinamismo do conflito psíquico.

Portanto, essa comparação nos aponta semelhanças entre a melancolia e a neurose obsessiva quanto à perda do objeto e à ambivalência. Também nos revela uma diferença em relação ao retorno da libido para o eu que ocorre somente no melancólico. Com isso, podemos situar nossa primeira hipótese, encontrada em Freud, sobre a função da culpa na melancolia. A culpa aparece na relação conflituosa entre o eu e o agente crítico, para punir o eu melancólico, porque ele se vê como um objeto mau, devido à identificação narcísica que fez com o objeto perdido. Movido pela ambivalência que sente frente a esse objeto amado e odiado, e mediante o fato de sua libido estar direcionada para seu próprio eu, o eu se submete ao agente crítico, vendo-se como culpado e, sem condições de ficar livre dessa culpa, infringe-se auto-acusações e punições severas.



A culpa como cultura pura da pulsão de morte

Outro texto de Freud que nos ajuda na compreensão do mecanismo da culpa na melancolia é *O ego e o id*, de 1923. Esse texto já foi abordado no capítulo I do presente trabalho, quando tecíamos a construção freudiana sobre o sentimento de culpa. Lá pudemos ver o surgimento e a construção do conceito de supereu, relacionando-o à culpa. Esse texto também foi retomado no segundo capítulo, quando ressaltamos a relação do eu e do supereu no mecanismo da neurose obsessiva. Aqui, enfocaremos novamente o conflito entre o eu e o supereu, mas agora tentaremos direcionar nossos esforços para a compreensão desse conflito na melancolia. Além disso, tentaremos apontar, mais uma vez, a função da culpa nessa relação.

Freud, ao falar da melancolia nesse texto (1923: p. 41), começa por retomar a hipótese construída em “Luto e melancolia”, de 1915: na melancolia, o objeto perdido é introjetado novamente no eu, por meio de uma identificação narcísica. Freud tenta compreender como e por que o melancólico incorpora o objeto perdido. Para ele, o fato de o eu introjetar o objeto perdido, por meio de um retorno à fase oral, pode tornar suportável, ou mesmo possível, a perda desse objeto. “Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o id pode abandonar os seus objetos.” (FREUD, 1923: p. 42). Outra idéia é de que essa transformação da escolha objetual numa alteração do eu está a serviço do controle que o eu deve exercer sobre o id. Assim, quando o eu assume as características do objeto amado, introjetado, ele se apresenta ao id como um objeto de amor, compensando, de certa forma, a perda do id. Pois, “a transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de objetos sexuais, uma dessexualização – uma espécie de sublimação.” (FREUD, 1923: p. 43).

Apesar da relação presente entre o eu e o id descrita acima, o que realmente está em jogo no mecanismo da melancolia é a relação entre o eu e o supereu. Essa relação se evidencia, tanto na melancolia como na neurose obsessiva, devido ao fato de o eu estar condenado pela instância crítica do supereu, na qual o sentimento de culpa se apresenta bastante consciente. Em ambas as estruturas, o supereu dirige sua agressividade contra o eu de forma severa.

Contudo, podemos observar diferenças entre essas estruturas quanto à manifestação do sentimento de culpa. Se na neurose obsessiva, o sujeito se rebela contra a culpa sentida, o melancólico a admite, sem questioná-la, submetendo-se ao castigo. Assim, “na melancolia, a impressão de que o superego obteve um ponto de apoio na consciência (*consciousness*<sup>65</sup>) é ainda mais forte. Mas aqui o ego não se arrisca a fazer objeção; admite a sua culpa e submete-se ao castigo.” (FREUD, 1923: p. 64). Então, na neurose obsessiva, os desejos proibidos fora do eu insistiam em retornar à consciência e, na melancolia, o objeto sob o qual recaía a ira do supereu está incluído no eu por meio da identificação.

Sobre o sentimento de culpa, é bom ressaltarmos que, além dessa parte que aparece na consciência como um afeto, grande parte dele permanece inconsciente. Isso se explica, segundo Freud (1923: p. 64), porque a consciência tem sua origem vinculada ao complexo de Édipo, que pertence ao inconsciente.

O sentimento de culpa, na verdade, é a percepção no eu que responde ao supereu. E isso se manifestará por meio do sadismo. No caso da melancolia,

descobrimos que o superego excessivamente forte que conseguiu um ponto de apoio na consciência dirige sua ira contra o ego com violência impiedosa, como se tivesse se apossado de todo o sadismo disponível na pessoa em apreço. Seguindo nosso ponto de vista sobre o sadismo, diríamos que o componente destrutivo entrincheirou-se no superego e voltou-se contra o ego. (FREUD, 1923: p. 65-66).

---

<sup>65</sup> Grifo do autor.

Neste ponto, Freud (1923: p. 66) lança sua segunda hipótese para a culpa na melancolia: o supereu representa uma cultura pura da pulsão de morte. Essa tendência autodestrutiva do supereu sobre o eu pode ser encontrada também em algumas formas de neurose obsessiva, porém é mais manifesta na melancolia. Isso se explica pelo fato de que, como o objeto perdido está introjetado no eu, essa agressão se dirige, na realidade, para o objeto, permanecendo o eu, de certa forma, protegido.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender como o supereu, na melancolia, se torna a expressão da pulsão de morte. Para Freud (1923: p. 66-67), quanto mais o sujeito tenta controlar sua agressividade, mais severo e agressivo torna-se seu supereu. E, ainda, o padrão exigido pelo ideal do eu faz com que seja reprimida toda agressividade que, recalcada, volta-se para o eu. Podemos, mais uma vez comparar a neurose obsessiva com a melancolia. Na neurose obsessiva, a ambivalência entre o amor e o ódio que gera a agressividade tem sua origem não na ação do eu, mas no recalçamento de desejos proibidos ocorrido no id. Mas esse processo se estende para o supereu, que dirige sua agressividade contra o inocente eu. Nesse caso, como na melancolia, o eu é punido pelo supereu devido ao fato de ter conseguido controlar a libido por meio da identificação e pela agressividade estar ligada a essa libido.

Dentre as relações dependentes que o eu estabelece, a que se evidencia tanto na neurose obsessiva como na melancolia é a relação entre o eu e o supereu. Sobre ela podemos dizer:

O ego é a sede real da ansiedade<sup>66</sup>. Ameaçado por perigos oriundos de três direções<sup>67</sup>, ele desenvolve o reflexo de fuga retirando sua própria catexia da percepção ameaçadora ou do processo semelhantemente considerado no id, e emitindo-a como ansiedade. Essa reação primitiva é posteriormente substituída pela efetivação de catexias protetoras (o mecanismo das fobias). O que o ego teme do perigo externo e do libidinal não pode ser especificado; sabemos que o medo é de ser esmagado ou aniquilado, mas ele não pode ser analiticamente compreendido. O ego está simplesmente obedecendo ao aviso do princípio de prazer. Por outro lado, podemos dizer o que se acha

---

<sup>66</sup> Esse termo pode ser mais bem traduzido por angústia.

<sup>67</sup> A saber, mundo externo, a libido do id e a severidade do supereu.

escondido por trás do pavor que o ego tem do superego, o medo da consciência. (FREUD, 1923: p. 69-70).

Mediante o medo da consciência sentido pelo neurótico, podemos sinalizar o significado do sentimento de culpa presente nas estruturas analisadas neste trabalho. A culpa vem reforçar a angústia pelo fato de tornar o conflito entre eu e o supereu evidente. Nesse sentido, no caso da melancolia, a culpa aparece como a cultura pura da pulsão de morte.

Relembrando a experiência melancólica de Strindberg, relatada no início deste capítulo, podemos perceber que o eu se submete com resignação ao supereu, merecendo ser punido a todo instante. O eu se vê como culpado, por tratar a si mesmo como o objeto mau. Por meio da identificação narcísica feita com o objeto perdido, o eu faz com que a punição recaia sobre ele mesmo, sobre a qual não pode questionar. Com isso, é possível afirmarmos, juntamente com Freud, que a melancolia traz um excesso de culpa ao qual o eu deve se submeter por se considerar um nada. Nessa experiência, podemos perceber a culpa atuando tanto na identificação narcísica – denunciada pela “mão invisível”, sob a qual percebemos a submissão do eu ao supereu – como também é possível evidenciar a ação da pulsão de morte, por meio das auto-acusações e autopunições que o supereu infringe ao eu.

Algumas contribuições de Jean Laplanche sobre o mecanismo da culpa na neurose obsessiva e na melancolia

Passaremos, neste momento, a apontar algumas idéias de Laplanche sobre a culpa na neurose obsessiva e na melancolia. Acreditamos que esse estudo pode nos ajudar a sustentar a argumentação feita até aqui, contribuindo com a investigação sobre a diferença da atuação da culpa nessas duas estruturas. Não constitui nosso interesse discorrer sobre a teoria laplancheana a respeito do que tratamos no presente trabalho. O

objetivo é apenas pontuar alguns pensamentos do autor, visto que ele faz um estudo sobre essas estruturas. Para tanto, utilizaremos o texto “A angústia moral” (1972-1973<sup>68</sup>), presente no livro *Problemáticas I – A angústia*, de 1998.

Laplanche inicia esse trabalho tentando definir a tópica, lugar do conflito e da angústia. Para ele (1972: p. 241), o conflito elementar que ocorre entre o eu e a pulsão é assinalado pela angústia. A angústia é o modo como o id assinala sua marca no eu. Já o eu, por sua vez, deve ser situado do lado da cultura, por estar a serviço dela, indo contra os impulsos do id. Assim, o eu tem o papel de mediar os conflitos entre a pulsão e as normas sociais.

A energia disponível para o eu desempenhar sua função é encontrada na pulsão de vida, pulsão de auto-preservação, regida pelo princípio de manter o nível de energia constante. Em contrapartida, do lado do id, encontramos a pulsão de morte, sob a qual a energia aparece desligada, sendo regida pelo princípio do zero, pelo objetivo de voltar o organismo ao estado inorgânico.

Além dessas duas instâncias psíquicas, há o supereu. Essa terceira instância, segundo Laplanche (1972: p. 253), origina-se com o tratamento dado pela psicanálise ao impacto subjetivo da moral, que constitui o principal fator do recalçamento. Isso marca o surgimento do sentimento moral, do sentimento de culpa.

Depois de uma breve explanação metapsicológica das instâncias psíquicas encontradas no aparelho psíquico, Laplanche (1972: p. 256) fala sobre a neurose obsessiva. Segundo ele, “a neurose obsessiva é uma enfermidade em que se situam em primeiro plano as preocupações centradas na moral, na culpabilidade, na dimensão do escrúpulo e da dúvida ou ainda na dimensão religiosa.” (LAPLANCHE, 1972: p. 256).

---

<sup>68</sup> Esse texto laplancheano se refere às suas aulas de 14 de novembro de 1972 a 22 de maio de 1973.

A gênese dessa doença se situa numa atitude ativa da criança, num prazer procurado ativamente nas cenas infantis originárias, vinculadas a uma situação de sedução que o adulto exerce sobre a criança. A teoria da sedução desenvolvida por Freud e posteriormente abandonada, constitui um foco importante nos estudos de Laplanche. Essa teoria consiste na idéia de que a criança importa a sexualidade do adulto. E, no caso da neurose obsessiva, a posição ativa frente à sexualidade indica como será o desenvolvimento de seu eu em relação à evolução da libido. Nesse contexto, a obsessão aparece como uma censura de ordem sexual que retorna fora do recálque. Todo sintoma se constitui por dois elementos, afeto e representação, de onde advêm os tipos de afeto e de representação que aparecem nos sintomas obsessivos.

Laplanche (1972: p. 259) inicia uma análise sobre o caso freudiano “Homem dos ratos” (1909), destacando alguns pontos relacionados à questão da moralidade. Essa análise merece ser acompanhada, pois traz contribuições importantes para nosso trabalho.

O primeiro ponto abordado pelo autor é o que ele chama de crime de pensamento, situado no centro da problemática do caso “Homem dos ratos”. O crime de pensamento se refere à relação ambivalente do paciente com seu pai, mais especificamente à possibilidade ou não de que tenha desejado a morte de seu pai. Ligada a esse desejo encontramos, de forma evidente, o sentimento de culpa. Segundo Laplanche (1972: p. 260), no pensamento do “Homem dos ratos” encontramos o conteúdo representativo separado do afeto. Apesar dessa separação, o conteúdo representativo em si mesmo é repugnante e proibido, necessitando se defender também desse conteúdo que surge na consciência.

Por exemplo, o pensamento de que, por meio da morte do pai, o “Homem dos ratos” poderia ficar rico e se casar com a mulher de que gostava, encontramos o circuito

do pensamento obsessivo: pensamento, contrapensamento, desejo, contradesejo. Seu pensamento, inicialmente, causa surpresa, pois a morte de seu pai não podia ser objeto de seus desejos, admitindo poder fazer parte, na verdade, de seus receios. A morte do pai aparece como um conteúdo da representação, o qual deveria ser repudiado da consciência, por ser fruto de seu temor. Na realidade, não se trata de um afeto de temor e sim de um afeto de censura. Esse afeto de censura, sob o qual a culpa se evidencia, nos aponta outro afeto, o afeto de desejo. O que está em jogo na neurose obsessiva é esse afeto de desejo que aparece como um desejo inconsciente. Assim, “no plano do consciente (é o que Freud demonstra), todo conteúdo de representação pode, por certo, ver-se afetar um afeto qualquer. Mas, no nível inconsciente, talvez todo conteúdo de representação somente poderá ver-se afetar um único afeto –, o afeto de desejo.” (LAPLANCHE: 1972: p. 263).

Diante disso, chegamos à onipotência do pensamento, na qual todo pensamento é considerado suscetível de se realizar, pelo simples fato de ser pensado. Neste ponto, Laplanche (1972: p. 264) se indaga sobre qual seria a raiz desse pensamento de desejo. E ele responde assim: “*no nível infantil, o que fundamenta esse primado do desejo é que nada pode ser colocado no interior – introjetado – sem ser afetado pelo sinal da pulsão. Quero dizer que colocar dentro e desejar são uma só e mesma coisa*”<sup>69</sup>.” (LAPLANCHE: 1972: p. 264). Assim, só pode ser pensado aquilo que pode ser desejado. Não há, portanto, um conteúdo de representação separado do afeto, pois desejar equivale a realizar. Isso explica a angústia do “Homem dos ratos”, para quem pensar na possibilidade da morte do pai equivalia a desejar ou mesmo a executar um crime contra ele.

---

<sup>69</sup> As palavras em itálico contidas nessa citação representam grifos de Laplanche.

É importante mencionar que Laplanche (1973: p. 265) aponta a melancolia, juntamente com a neurose obsessiva, como uma doença moral. Em ambas, a instância moral aparece em primeiro plano. Abordaremos mais adiante o que ele diz sobre a melancolia. Agora devemos continuar explorando a investigação que o autor faz do caso “Homem dos ratos”.

Segundo ele (1973: p. 266), no processo inconsciente, o que se associa com a noção de crime de pensamento é um desconhecimento da realidade exterior em proveito da realidade psíquica. “Ao nível da realidade psíquica, pode-se dizer que há uma identidade do pensamento e da realização, quer seja a realização do ato sexual ou a do assassinato.” (LAPLANCHE, 1973: p. 266). Assim, sob o enfoque psicanalítico ninguém é inocente, pois todo afeto, principalmente a culpa, é justificado. Não há inocência no inconsciente, onde estão profundamente intrincados o desejo, a transgressão e a culpa.

Outro aspecto enfatizado por Laplanche no caso do “Homem dos ratos” é a dívida. O circuito da dívida começa a ser analisado com a retomada do castigo dos ratos relatado pelo paciente. Esse castigo lhe gerava uma grande apreensão obsessiva, devido ao temor de que pudesse acontecer com seu pai ou com sua amada o suplício dos ratos, que constituía na introdução dos roedores no ânus<sup>70</sup>. Essa punição, ao mesmo tempo em que lhe gerava um grande temor, também lhe gerava um gozo. Contudo, esse sentimento prazeroso, representante da constituição do sadomasoquismo, era ignorado pelo paciente.

A expressão “meu pai morrer” passa a “meu pai sofrer o suplício dos ratos”, na qual encontramos novamente o desejo e o medo tamponados pela censura. Nesse contexto, é retomada a história da dívida ao Tenente A narrada pelo “Homem dos

---

<sup>70</sup> Não nos estenderemos no relato do caso do “Homem dos ratos”, visto que já foi narrado no capítulo anterior.



ratos” a Freud<sup>71</sup>. Diante dessa dívida, o paciente cria um circuito complexo, tornando-a inexplicável e impagável. Obrigava-se a restituir o dinheiro a uma pessoa que, na verdade, não havia pagado sua encomenda. Assim,

não se trata, pois, de um circuito fechado, mas de um circuito impossível de fechar, de um anel quebrado, uma espécie de espiral que recorda a espiral essencial da psicanálise: o fato de que *o objeto a reencontrar não é o próprio objeto perdido*<sup>72</sup> mas um certo representante desse objeto para sempre defasado em relação a ele, se bem que (se mal que!), afinal, o objeto perdido – a mãe – jamais seja reencontrado, duplamente perdido que está: ao mesmo tempo realmente e na representação. (LAPLANCHE, 1973: p. 269).

O circuito da dívida nos revela a função dos ratos, que podem ser considerados como objetos sexuais, diretamente vinculados ao desejo e ao gozo. Os ratos podem ser considerados como objetos sádicos, por serem agressivos e por morderem. Além disso, podemos identificar na representação do rato o caráter sadomasoquista, pois encontramos ao mesmo tempo a posição sádica e a masoquista, pelo menos no âmbito da fantasia. Com isso, o “Homem dos ratos” pode identificar-se tanto com a pessoa que sofre o suplício como com o rato que o infringe. Ele se identifica com o rato que morde e penetra, sendo ao mesmo tempo o rato que penetra no outro e que deixa ser penetrado. Então, o “Homem dos ratos” se identifica, para o prazer ou para a dor, com o pai e também com a mulher.

Na realidade, no neurótico obsessivo, “existe uma passagem da posição ativa – eu faço sofrer o outro – para uma posição passiva ou, em todo caso, uma posição média – eu me faço sofrer – por auto-punição.”(LAPLANCHE, 1973: p. 278). O retorno sobre si mesmo da pulsão e a passagem à passividade só são possíveis se houver a identificação. Segundo Laplanche (1973: p. 278), o “eu me faço sofrer” é, na verdade, “eu faço sofrer em mim o outro que aí pus”. Assim, o eu também é o outro.

Na observação do caso do “Homem dos ratos”, é possível identificarmos a presença do supereu, apesar de ainda, em 1909, não ter sido descoberto por Freud.

---

<sup>71</sup> O relato dessa história se encontra detalhadamente descrito no segundo capítulo.

<sup>72</sup> Grifos do autor.

Segundo Laplanche (1973: p. 286), o supereu se mostra presente no aspecto do dito, do pronunciado, aparece na representação da consciência moral, como a voz da consciência:

Mas o que é veiculado ao longo dessas vias verbais é uma coisa muito distinta dos regulamentos, e mesmo de uma lei codificada. É uma espécie de objeto imundo e repugnante, atacando pelo interior, insinuando-se subrepticamente no corpo, sádico, mordente como o *remorso*<sup>73</sup>. O superego apresenta-se como um rato, gozador, cruel, a própria imagem da pulsão. (LAPLANCHE, 1973: p. 286).

Assim, temos uma dupla polaridade do supereu: por um lado, a linguagem da lei e, por outro, o aspecto pulsional, sexual, sádico. A constituição dessa instância crítica se dá em Freud, em “Luto e melancolia” (1915), articulado com a segunda tópica do aparelho psíquico. Lá temos a introdução da instância do ideal e do supereu, além de uma reflexão sobre a noção de objeto e de escolha de objeto. Segundo Laplanche (1973: p. 292), essa instância crítica é uma instância que observa, medindo os desempenhos do sujeito pelo ideal, sendo, portanto, guardiã desse ideal. Sua origem está ligada ao “dito” dos pais: “o que incitou o indivíduo a formar o ideal do ego, cuja guarda é confiada à consciência moral, era justamente a influência crítica dos pais, tal como ela se transmite pela voz deles. [...] Em todo caso, essa instância do superego está situada do lado da fala, do lado da lei formulada (do imperativo).” (LAPLANCHE, 1973: p. 292).

Continuando a investigar o texto freudiano de 1915, Laplanche (1973: p. 294) trata do luto. O que está em questão no caso do luto é o destaque dado à noção de objeto e de sua perda. No final do luto, o eu, que se encontrava ligado à perda do objeto, encontra-se livre novamente para direcionar sua libido a outro objeto. Com o estudo do luto, chegamos a outra estrutura tratada nesta dissertação: a melancolia. O quadro da melancolia é semelhante ao quadro do luto, porém mais acentuado e com algum elemento a mais.

---

<sup>73</sup> Grifo do autor.

Na melancolia, a dor moral e a inibição se manifestam de forma evidente e acentuada. Há também a perda do interesse pelo mundo externo e a perda da capacidade de amar, na qual a ausência de afetividade se contrapõe à dor que o melancólico sente. Além disso, a auto-acusação constitui outro ponto marcante na sintomatologia do melancólico, sob o qual identificamos o sentimento de culpa.

Laplanche (1973: p. 298) investiga qual seria a dinâmica desses sintomas melancólicos. Para ele, o primeiro elemento dessa dinâmica consiste em que, tanto na melancolia como no luto, há uma perda do objeto e um trabalho ligado a essa perda. Mas, na melancolia, o sujeito ignora qual era o tipo de vínculo que estabelecia com o objeto, que se constitui um vínculo ambivalente e narcísico. É sobre o aspecto narcísico que Freud insistirá, partindo da auto-acusação, da culpa, em que o julgamento se apresenta como algo já realizado, já pronunciado. Sobre a questão da culpa, pode-se dizer que, quanto mais ela for sentida, mais moral é o sujeito e sua pulsão é fortemente reprimida. A culpa, na verdade, se alimenta dessa energia pulsional reprimida. Outro aspecto a ser destacado é o fato de o melancólico não se envergonhar de suas auto-acusações, denotando até mesmo um caráter exibicionista ao manifestá-las.

Portanto, segundo Laplanche (1973: p. 300), na melancolia há uma perda do objeto, mas essa perda resulta na identificação com o objeto perdido. É como se houvesse uma perda do próprio eu. Assim, “a melancolia começa por uma espécie de luto, pois existe sempre alguma coisa que se aparenta a uma perda exterior, mas todo o processo muda rapidamente de aspecto e vem interiorizar-se.” (LAPLANCHE, 1973: p. 301-302).

O autor (1973: p.304), ainda analisando o texto freudiano “Luto e melancolia” (1915), aponta a noção de narcisismo ou escolha de objeto narcísica. O narcisismo consiste no amor dirigido ao próprio eu. Ele diz (1973: p. 304) que narcisismo e

identificação narcísica podem ser considerados como representando a mesma coisa. No entanto, a identificação narcísica para Freud se constitui a partir da fase oral, da noção desenvolvida em *Totem e tabu* (1913) sobre a incorporação canibal do objeto amado.

Na melancolia, é possível observar um abandono do objeto, fazendo com que o eu regrida da escolha de objeto narcísico ao narcisismo. Essa regressão carrega consigo o objeto para o interior, estabelecendo-se uma nova identificação: “Temos, portanto, uma passagem da escolha narcísica para a identificação narcísica, perda do objeto, identificação com o objeto perdido. Isso explica perfeitamente que o debate do melancólico seja um debate consigo mesmo, substituindo o debate com o objeto exterior, tal como existe no luto.” (LAPLANCHE, 1973: p. 307).

Para explicar por que o debate do melancólico consigo mesmo assume uma forma agressiva e destrutiva, outro termo se junta à identificação narcísica, que é a ambivalência afetiva. A ambivalência é a coexistência do amor e do ódio presente na relação estabelecida com o objeto. Com isso, encontramos na melancolia três elementos: perda do objeto, identificação e ambivalência.

A partir desses elementos constituintes da melancolia, Laplanche (1973: p. 309) definirá como se processa tal estrutura. Nela, o objeto é introjetado, mas como um objeto mau. O objeto perdido é, ao mesmo tempo, bom e mau. Diante da relação ambivalente estabelecida entre o eu e o objeto e pelo fato de o objeto ter sido perdido, ele será introjetado como um objeto mau. Portanto, “o objeto é danificado, privado daquilo que o tornava, aos olhos do sujeito, bom e semelhante a ele; fica *reduzido à sua parte má*<sup>74</sup>, e é essa parte má que é introjetada.” (LAPLANCHE, 1973: p. 309). Nesse

---

<sup>74</sup> Grifos de Laplanche.

contexto, a tendência ao suicídio na melancolia representa uma tentativa de eliminar o outro dentro de si, o outro mau<sup>75</sup>.

Continuando a investigação da melancolia, Laplanche (1973: p. 312) se indaga: afinal, quem persegue quem na tópica do melancólico? E ele diz que, na melancolia, o supereu persegue o eu. Mas é importante mencionar que o eu, nesse caso, está identificado com o objeto mau. Se a identificação provém da fala, do dito, de onde vem o discurso do melancólico? Na melancolia, a palavra provém do supereu perseguidor. Nesse contexto, podemos ainda dizer que as intenções do supereu perseguidor são delatadas na tensão existente entre o eu e o supereu, percebida por meio da autocrítica severa ou mesmo do suicídio. Sobre o supereu é importante lembrar que ele está situado, em grande parte, do lado do inconsciente, do lado da moralidade inconsciente, do interdito inconsciente.

A origem do supereu, como sabemos, está situada no Édipo, precisamente no tempo de seu declínio. Para Laplanche (1973: p. 322-323), esse declínio do complexo de Édipo, chamado por ele de destruição do Édipo, nos cria um problema, mesmo que ocorra da forma positiva, amor à mãe e rivalidade com o pai. Ele situa o problema assim:

*A destruição do Édipo, como se sabe, ocorre sob o impacto do complexo de castração: ameaça de castração e verificação da diferença entre os sexos, que se combinam para considerar essa ameaça como “real”. Esta vem sancionar, portanto proibir, tanto a apropriação sexual da mãe quanto a eliminação do pai. Como é que a criança escapa disso? Ela escapa, por um lado, pela *renúncia* (temporária, é certo, pois que essa renúncia é, ao mesmo tempo, uma expectativa, uma promessa, mas, enfim, é uma renúncia e um recalque do apego sexual à mãe que vai, então, ceder o lugar a uma simples ternura dessexualizada). E livra-se, por outro lado, mediante uma *identificação*<sup>76</sup>. Mas, sempre nessa posição do Édipo positivo, identificação com quem? É aí que as coisas começam a ficar difíceis de conceber. A identificação com o pai (o genitor do mesmo sexo) apresenta-se como a mais “normal” (retomo os termos de Freud) não é a que mais se conforma à “nossa expectativa”.*

---

<sup>75</sup> Segundo Laplanche (1973: p. 310-311), a questão da introjeção parcial do objeto, em que a parte má será introjetada, é tratada por Melanie Klein, em que ela designa essa luta como a luta entre o bom e o mau; e também por Freud, que a coloca como a oposição entre o acusador e o acusado, oposição entre o eu e o supereu.

<sup>76</sup> As palavras em itálico nessa citação são grifos do autor.

Com efeito, a nossa expectativa, teórica, não é a identificação com o rival, mas a identificação com o objeto de amor, a introjeção do objeto. É a transformação do vínculo objetal em identificação; no momento em que é preciso, por uma razão ou por outra (neste caso, por um interdito), renunciar ao objeto, o indivíduo coloca esse objeto nele de modo a conservar essa relação, pelo menos no interior de si mesmo.” (LAPLANCHE, 1973: p. 323).

Com isso, podemos afirmar que o que é decisivo para a identificação é o amor. Só é possível introjetar o que se ama, mesmo que, na relação com o objeto de amor, o ódio também esteja presente.

Voltando ao estudo sobre o supereu feito por Laplanche, ressaltamos que ele dedica seus esforços à tentativa de designar essa instância normativa. Inicialmente, sente a necessidade de situar melhor os termos que Freud usou em seus textos para se referir ao supereu. Para Laplanche, o eu ideal representa um eu idealizado, contrastando com o ideal do eu, que apresenta ao eu um ideal a ser atingido.

Para avançar na definição desses termos, Laplanche (1973: p. 330-331) menciona o trabalho de Lagache, que tenta estabelecer uma oposição entre dois sistemas: um sistema eu ideal e outro composto pelo par supereu/ideal do eu. O que está em questão no primeiro sistema é a questão da integridade narcísica, que definirá a construção do ideal. Já no segundo sistema, supereu/ideal do eu, o que está em jogo é o fator da moralidade. Para Lagache, em ambos os sistemas ainda é possível perceber a presença dos sentimentos de inferioridade e de culpa, que atuam na relação entre o eu e o supereu, com a construção e a sustentação do ideal.

Para Lagache, referido por Laplanche (1973: p. 331-333), o sistema do eu ideal coloca em jogo o narcisismo, representado pela tensão entre o eu e uma imagem narcisicamente atrofiada dele mesmo. Já o supereu corresponde à autoridade e o ideal do eu representa o modo que o sujeito deve comportar-se para corresponder à expectativa dessa autoridade. O sentimento de inferioridade surge quando o indivíduo sofre por não corresponder à sua própria expectativa, criada pela constituição de um

ideal, ao passo que o sentimento de culpa surge quando o indivíduo sofre por não estar em conformidade com o ideal do eu, pois a expectativa do outro, da autoridade externa, tornou-se sua própria expectativa. O que se evidencia nessa formulação de Lagache é que o sistema supereu/ideal do eu reproduz uma relação autoritária entre os pais e a criança.

Nesse contexto, o narcisismo e a idealização do eu extraem sua existência da relação com o outro. Assim, “a expectativa do ego ideal é o resultado de uma identificação – agora não tanto com a autoridade como com a onipotência materna, ou parental, na medida em que se situa num registro “pré-edipiano”.” (LAPLANCHE: 1973, p. 333). Temos dos dois lados, então, uma expectativa exterior introjetada. Segundo Laplanche (1973: p. 333), podemos interpretar Lagache do seguinte modo: o sistema do eu ideal depende de uma relação dual entre o eu e sua imagem atrofiada, da qual se origina; há a presença de uma relação interna entre a criança impotente e o adulto onipotente. Já o sistema supereu/ideal do eu reproduz uma relação triangular, pois o indivíduo defronta-se com duas instâncias ao mesmo tempo, o modelo e a lei. E, na relação entre os dois sistemas, podemos encontrar outros tipos de tensão: uma tensão no sentido da autonomia, correlativa com o eu ideal, e a outra, correlativa ao supereu/ideal do eu, implicando uma condição de heteronomia, submissão à lei e ao veredito da culpa.

Laplanche (1973: p. 333) compara as formulações de Lagache sobre esses termos com as de Freud e diz que, neste último, os termos não aparecem distintos. “O superego torna-se para Freud, à medida que ele avança em sua teoria, uma instância abrangente, sendo o ideal considerado apenas uma “função” do supereu, em relação com outras.” (LAPLANCHE: 1973, p. 333). Em Freud, não temos um sistema complementar, no qual podemos encontrar, de um lado, o imperativo e, de outro, o ideal

para fazer cumprir o imperativo. Contudo, encontramos duas séries imperativas separadas: a série das injunções – “você deve ser como o pai” –, que se situa próximo da idealização, e a série das interdições – “você não deve ser como o pai” –, mais próxima do supereu. Essas séries não apresentam entre si uma complementaridade e sim uma contradição, visto que os dois imperativos se referem à mesma proposição: “ser como o pai”. Diante dessa contradição, podemos observar uma tentativa de apaziguá-la, desmembrando as séries: ser como o pai mais tarde ou não possuir a mãe, mas ter o direito às outras mulheres. Contudo, essa resolução da contradição, como afirma Laplanche (1973: p. 335), nada mais é que uma aparência, pois as séries se associam, levando os imperativos impossíveis a constituírem a moral inconsciente, a moral do supereu.

A presença da contradição na constituição do supereu revela que essa instância não representa um sistema coerente, bem ordenado. Assim,

a lei que ele mediatiza é uma lei contraditória, em que as proposições mais contraditórias se justapõem. Às vezes, uma lei impiedosa, inclemente; nós o vimos a propósito da neurose obsessiva, em que a culpa está presente dos dois lados, na ordem e na contra-ordem: “você deve devolver esse dinheiro” e “você não deve devolver esse dinheiro” são marcados pela mesma angústia e pela mesma culpa; e na melancolia encontramos também essa espécie de absoluto da culpa, impossível de se resolver por uma *delimitação*<sup>77</sup> qualquer do proibido e do permitido. Isso nos leva a considerar o superego como uma instância que, nos casos mais extremos, parece colocar o próprio legalismo das leis que ele edita, a aparência da razão, a razão racional, a serviço do processo primário. O superego parece proclamar: *De qualquer jeito você é culpado*<sup>78</sup>. (LAPLANCHE: 1973, p. 335).

Com isso, fica evidente o caráter pulsional do supereu, caráter que Freud identificou ao afirmar que o supereu representa a cultura pura da pulsão de morte. Esse aspecto pulsional do supereu leva Laplanche a indagar sobre as origens dessa instância psíquica. Para ele (1973: p. 335-336), as origens do supereu apontam para dois pontos de vista, um tópico e outro genético.

---

<sup>77</sup> Grifo de Laplanche.

<sup>78</sup> Grifos do autor.



Sobre o ponto de vista tópico da origem do supereu, ou seja, do lugar de onde essa instância provém, ele começa dizendo, seguindo Freud, que o supereu é a internalização da instância parental. Sua força possui duas origens: a força das proibições dos pais, a severidade parental, simbolizada pela ameaça de castração, e a força do investimento libidinal, do investimento ambivalente pelo pai, visto que é mediante a força desse amor ambivalente que se realiza a identificação. É nesse sentido que Freud, segundo Laplanche (1973: p. 336), diz que o supereu é o resíduo dos primeiros investimentos objetivos do id e herdeiro do complexo de Édipo. Já nessa etapa, a força pulsional está presente sob a forma do amor pelo pai, que se transforma em identificação com ele, pois influencia na imagem interiorizada; pois, para interiorizar o Édipo é preciso introjetar também o obstáculo à sua realização, que é a instância paterna.

Laplanche (1973: p. 337) nos lembra que Freud, na primeira fase de seu pensamento, correlaciona a severidade do supereu à severidade da instância paterna introjetada. Quanto mais severos são os pais, mais severo seria o supereu. Segundo o autor, essa correlação foi criticada por Melanie Klein<sup>79</sup> e reconhecida por Freud em seu texto *O mal-estar na civilização*, 1930. Freud, nesse texto, considerando a objeção de Klein, faz um esforço para conciliar suas teses sobre o supereu. Isso traz uma contribuição para o estudo do supereu e, conseqüentemente, para a compreensão da função da culpa. Com isso, sobre a origem tópica do supereu temos, de um lado, a força dos interditos e, de outro, a violência das pulsões. Então, na verdade, a severidade do

---

<sup>79</sup> Para ela, por meio de sua constatação clínica, não era possível estabelecer um paralelo entre a severidade do pai e a severidade do supereu. Percebia, na realidade, uma oposição entre elas, encontrando a severidade do supereu em contraste com a bondade dos pais. Assim, “o que é interiorizado, diz Melanie Klein, não é, portanto, o pai real (o pai na relação com a criança, tal como se apresenta interditando a realização do Édipo), mas é uma imago sobre a qual foram, antes de tudo, projetadas as próprias pulsões destrutivas do sujeito.” (LAPLANCHE, 1973: p. 338).

supereu é alimentada pela pulsão. É a renúncia às pulsões, que nos é imposta de fora, que faz surgir a consciência moral, a qual, em consequência, exigirá outras renúncias.

A origem genética do supereu, segundo Laplanche (1973: p. 343), diz respeito à noção cronológica de sua gênese. A moralidade pode estar presente desde muito cedo no psiquismo da criança. Assim, “a culpabilidade pode existir antes dos 5 anos de idade, mas é uma culpabilidade diante de uma instância que não está interiorizada e à qual a criança só obedece por receio da perda de amor.” (LAPLANCHE, 1973: p. 343). Outros autores, como Melanie Klein, argumentarão a favor de uma origem mais precoce.

Laplanche (1973: p. 344-345) conclui suas formulações sobre o supereu ligado à questão da moral dizendo que encontramos dois aspectos distintos na constituição do supereu: um supereu pré-edípiano, pulsional, no qual temos a manifestação de sua face severa e impiedosa; e um supereu edípiano, relativamente ordenador, vinculado à castração, que introduz o sujeito na diferenciação entre os sexos, atuando em sua escolha da posição sexual. Contudo, não podemos “esquecer que aquilo com que lidam em suas respectivas experiências é sempre um híbrido dessas duas formulações; um híbrido em que a *força viva*<sup>80</sup>, aquela que está subjacente à angústia e à culpabilidade, é a energia pulsional não-ligada, desencadeada, que ataca o sujeito pelo interior.” (LAPLANCHE, 1973: p. 345).

Assim, com o apontamento dessas formulações laplancheanas sobre a angústia moral, acreditamos que podemos enriquecer mais um pouco as argumentações feitas neste trabalho sobre a função da culpa na neurose obsessiva e na melancolia.

---

<sup>80</sup> Grifos do autor.

## Considerações finais

Tema de estudo freqüente na filosofia e também objeto de interesse da literatura, do cinema e da arte, a culpa é importante para a psicanálise por sua concepção específica da culpa inconsciente. Essa concepção é levada em conta tanto no âmbito da ética como nas teorias psicanalíticas sobre as estruturações psíquicas e sobre a formação da sociedade.

Ao lermos os textos freudianos sobre o sentimento de culpa, constatamos que o tema é de suma importância para Freud. Constatamos também que essa noção, do ponto de vista metapsicológico, vai aos poucos aparecendo de forma bastante elaborada, evidenciando como a compreensão da culpa é fundamental para a teoria e a prática psicanalíticas.

Sob a luz da psicanálise, podemos dizer que a culpa é sempre notada por sua presença ou por sua ausência e são essas diferenças que o enfoque metapsicológico vai explicitar. Aqui, ocupamo-nos em investigar sua presença, que se faz de forma marcante tanto na neurose obsessiva como na melancolia. A questão que motiva este trabalho é identificar qual o papel prestado pela culpa nessas duas afecções.

Com Freud, pudemos construir uma concepção metapsicológica do sentimento de culpa. Para tanto, no primeiro capítulo utilizamos vários de seus textos, nos quais evidenciamos a construção de alguns conceitos, como o complexo de Édipo, o supereu e a pulsão de morte, que contribuem, de maneira marcante, para sua elaboração metapsicológica sobre a culpa.

O que podemos concluir com o estudo da culpa em Freud é que ela aparece vinculada a duas vertentes: uma interditora e outra pulsional. A vertente interditora, que aparece no estudo da culpa associada ao complexo de Édipo, é sustentada pela introjeção da interdição externa, por meio da renúncia pulsional que o eu faz para não

perder o amor dos pais. A culpa existe antes mesmo da instalação do supereu, sendo expressa no conflito existente entre o eu e o medo da perda de amor. A vertente pulsional se relaciona com a constituição do supereu, que é uma instância cuja função é vigiar o eu para manter os desejos proibidos recalcados. Na verdade, após o narcisismo, em que o eu vivencia o eu ideal, o supereu, já constituído, tenta manter vivo o ideal do eu. O desejo de satisfação desse ideal é alimentado, a todo instante, pela pulsão de morte, expressa pelo desejo de agressão ou de punição dirigidos ao eu. É esse somatório do supereu sendo alimentado pela pulsão de morte que constitui a vertente pulsional da culpa. A pulsão de morte, por meio do supereu, mantém e alimenta a culpa sentida pelo eu. Desse modo, o sentimento de culpa, para se constituir e se manter, precisa de três pilares: ambivalência presente no complexo de Édipo, constituição do supereu e pulsão de morte.

Quando retomamos a teoria do sentimento de culpa, em Freud, evidenciamos que ele a concebe do ponto de vista metapsicológico. Na primeira tópica, em que Freud estabelece a diferenciação entre o sistema inconsciente e o sistema pré-consciente/consciente, a culpa aparece vinculada ao complexo de Édipo, no qual o sujeito, para não perder o amor dos pais, recalca seus desejos proibidos. Isso faz surgir a ambivalência afetiva, que resultará no sentimento de culpa. Os desejos proibidos permanecem no inconsciente e a culpa denuncia essa permanência. Portanto, com a introjeção da interdição, o sujeito manifesta o sentimento de culpa, correspondente à sua estrutura psíquica. Já na segunda tópica, Freud evidencia as instâncias do aparelho psíquico – id, eu e supereu –, revelando o papel do supereu em relação ao eu, no que se refere à culpa. Aqui, o sentimento de culpa é resultante da ameaça interna constante do supereu, contra a qual o eu tenta se defender a todo custo. O supereu se liga à pulsão de

morte, denunciando o mal-estar mantido e direcionado para o próprio eu, por meio da agressividade.

Sob o aspecto dinâmico, a culpa aparece na tensão existente entre o eu e o supereu. Além disso, podemos dizer que ela é também a expressão da ambivalência e da eterna luta entre pulsão de vida e de morte. O sentimento de culpa pode se apresentar de forma consciente ou inconsciente. Neste último caso, a culpa aparece associada a uma necessidade de castigo. No complexo de Édipo, é possível observar que a culpa se revela na expressão da tensão entre o eu e o supereu, por meio das fantasias agressivas contra o pai, que são interiorizadas na vivência do Édipo. Essas fantasias são acompanhadas de angústia e culpa devido à perda de amor. De certo modo, podemos dizer que o sentimento de culpa acompanha a vida pulsional porque funciona para impedir a satisfação das pulsões e, ao mesmo tempo, contribui para o aumento do sadismo. Assim, o aspecto dinâmico da culpa aparece associado ao conflito psíquico vivenciado pelo eu, em que o afeto se manifesta no sintoma e a idéia permanece recalçada no inconsciente. O próprio termo utilizado por Freud “sentimento inconsciente de culpa” revela esse conflito. A tensão entre as forças pulsionais deve ser equilibrada no dinamismo do aparelho psíquico. Nesse sentido, a culpa revela seu caráter pulsional, de modo que podemos dizer que a pulsão de morte alimenta as fontes agressivas do supereu e a culpa vem denunciar a falha do recalque, na medida em que revela o conteúdo recalçado que merece punição.

Em relação ao aspecto econômico, observamos em Freud que a culpa tem a função de defender o eu, mediante o conflito pulsional, além de tentar conter o excesso das forças pulsionais presentes no aparelho psíquico. Essa constância pode ser obtida pela descarga de energia presente no aparelho ou pelo abrandamento do que está causando o aumento da quantidade de excitação, representando a defesa contra esse

aumento. Nesse sentido, podemos dizer que o aspecto econômico se relaciona com o princípio de prazer, uma vez que o prazer representa um nível bom de tensão e o desprazer, o excesso de tensão. Isso explica por que, muitas vezes, o sujeito insiste em sua doença, não abandonando seu sintoma, para buscar meios de tentar expiar sua culpa. Para tanto, é preciso que o eu substitua o eu ideal pelo ideal do eu, que se dá por meio das identificações edípicas, nas quais o sujeito consegue construir uma condição para que o ideal seja erigido e mantido pelo supereu, que se associa à pulsão de morte e age como se o eu fosse o responsável pelas intenções proibidas, punindo-o. O eu impotente reage, defendendo-se em vão das censuras punitivas do supereu, tentando equilibrar as forças pulsionais. Todavia, consegue apenas controlar as ações mais agressivas dirigidas a ele. Assim, o aspecto econômico é enfatizado na segunda tópica, na qual se evidencia a violência pulsional exercida pelo supereu e, também, mediante o fator quantitativo, tanto a causa do sofrimento psíquico quanto o apego a ele, resultando na possibilidade de fracasso de uma análise. A reação terapêutica negativa se associa a esse aspecto, na medida em que parece ter uma função defensiva.

No segundo capítulo, dedicamos nossos esforços para compreender a neurose obsessiva. Inicialmente, analisamos dois exemplos fora do âmbito clínico, um retirado da literatura, o livro *Crime e castigo*; e outro do cinema, o filme *Desejo e reparação*.

Buscamos, no livro *Crime e castigo*, de Dostoiévski, ilustrar a experiência do sentimento de culpa, tendo em vista que a personagem central deixa evidente a existência de um conflito interno marcado pela culpa que sente mediante seu crime. Raskólnikov, o personagem, mata uma senhora e cria uma justificativa para cometer o crime, porém não consegue apaziguar sua consciência após o ato criminoso. Ele se vê, então, condenado ao sofrimento, castigando-se na tentativa de diminuir sua angústia. Sua necessidade de punição advinda do sentimento de culpa, que surge mediante um

crime cometido, foi analisada sob a luz do texto “Criminosos em consequência de um sentimento de culpa”, do artigo freudiano *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho analítico*, de 1916. Isso nos permitiu pensar que o personagem central de *Crime e castigo* é, na verdade, um criminoso em consequência do sentimento de culpa, ao tentar, pelo ato do crime, diminuir seu sofrimento e penitenciar-se por ele.

Por meio da análise da experiência de culpa descrita no livro *Crime e castigo*, pudemos também examinar, juntamente com Freud, a mente de Dostoiévski. Isso se tornou possível pela utilização do texto “Dostoiévski e o parricídio”, de 1928 (1927). Segundo Freud, Dostoiévski demonstra, por meio de seus personagens, uma pulsão de morte bastante acentuada voltada para a própria pessoa, sendo manifestada como masoquismo e sentimento de culpa. Conforme a hipótese freudiana, Dostoiévski nunca se libertou do sentimento de culpa que carregava devido à intenção de matar seu pai, sentida na vivência do complexo de Édipo. Esse grande sofrimento que o perturbava era transformado em suas obras literárias.

Assim, partindo do pressuposto de que Dostoiévski foi um neurótico obsessivo, principalmente por sua ambivalência afetiva sentida diante de seu pai, indagamo-nos se, por meio de sua obra, ele, na realidade, estaria revelando seu conteúdo inconsciente. O sentimento de culpa de Raskólnikov, que faz com que ele se revele um criminoso, pode expressar em Dostoiévski, inconscientemente, o desejo de matar seu pai. Como Dostoiévski, segundo Freud, é um neurótico obsessivo, ele dificilmente cometeria um crime. O neurótico obsessivo, na verdade, se precavê contra isso por meio dos sintomas obsessivos. Por meio da escrita de suas obras, sobretudo *Crime e castigo*, Dostoiévski conseguiu dar alguma vazão aos seus desejos proibidos, que em suas histórias sempre aparecem acompanhados da punição.

Além desse livro, analisamos também o filme *Desejo e reparação*, no qual o sentimento de culpa e a tentativa de sua reparação são bastante evidentes. Nesse filme, podemos observar o mecanismo da culpa numa estrutura aparentemente neurótica. *Desejo e reparação* conta a história de Robbie e Cecília, que são impedidos de ficar juntos devido à acusação de estupro feita contra o rapaz, por Briony, irmã mais nova de Cecília. Essa falsa acusação fará com que Briony se lamente e se puna pelo resto de sua vida.

A análise do filme, além de ilustrar o sentimento de culpa, aponta para a importância de investigar sobre o termo “reparação”. Para tanto, recorreremos ao texto “Amor, culpa e reparação” (1937), de Melanie Klein. Segundo Klein, as tendências de reparação se desenvolvem na interação com os impulsos destrutivos presentes na relação entre amor e ódio na criança, que cria fantasias sobre o objeto amado e odiado, mediante sua satisfação ou seu desconforto. Se a criança é atendida em suas necessidades, ela fantasia situações agradáveis com seu objeto de amor. Contudo, se sente algum desconforto não atendido, direciona seus impulsos destrutivos contra o objeto, fantasiando sua destruição. Mas, como o objeto que sofreu a ação de seus impulsos destrutivos é também amado, a criança sente a necessidade de reparar esse objeto. É desse desejo de reparação que o sentimento de culpa se origina.

Com esses dois exemplos apresentados no presente trabalho, pudemos examinar a experiência da culpa na neurose e observar como esse afeto está presente na constituição da doença e na formação dos sintomas. Diante disso, fez-se necessário investigarmos teoricamente a neurose obsessiva, a fim de embasarmos melhor nossa argumentação acerca da relação entre as instâncias psíquicas – eu e supereu – nessa estrutura e de mostrarmos qual o papel prestado pela culpa nessa relação. Para



compreendermos esse conflito, marcado tanto pela ambivalência como pelo mecanismo do recalçamento, utilizamos outro texto freudiano, *O ego e o id*, de 1923.

Nesse texto, encontramos elementos para pensar que o conflito que constitui a neurose obsessiva é a luta entre o eu e o supereu. O supereu tem o caráter de se manter à parte do eu e de tentar dominá-lo. Na realidade, o supereu atua sobre o eu como um representante do id às avessas, mantendo-se, por essa razão, afastado da consciência. O que pode aparecer no registro consciente, na relação entre o eu e o supereu, é o sentimento de culpa. É importante ressaltar que partes dele – seu conteúdo e sua representação – permanecem inconscientes. Somente o afeto se manifesta, de alguma forma, na consciência.

Na neurose obsessiva, o eu não consegue achar um sentido na culpa, rebelando-se contra tal sentimento. Isso ocorre porque o supereu está sendo influenciado por processos que são desconhecidos pelo eu. Apesar de o obsessivo se rebelar contra o sentimento de culpa, é possível, mediante tratamento analítico, tornar consciente o seu conteúdo inconsciente ligado a esse afeto.

Retomamos também o caso do “Homem dos ratos”, de Freud, devido ao fato de encontrarmos nele um exemplo de neurose obsessiva, no qual fica evidente o papel da culpa associada ao complexo de Édipo. O centro do conflito do paciente se constitui como um crime de pensamento de que o pai deveria morrer. Isso revela a relação ambivalente que o “Homem dos ratos” tinha com o pai e, especialmente, a possibilidade de que tenha desejado a morte do pai. A culpa aparece ligada a esse desejo. Portanto, o que possibilita o surgimento da culpa é a ambivalência sentida pelo eu.

Os sintomas neuróticos do paciente se originam dos sentimentos conscientes de afeição, como uma forma de reação, e do sadismo que persiste no inconsciente sob a forma de ódio. A culpa aparece compondo a formação de sintomas no neurótico

obsessivo, ao mesmo tempo em que denuncia esse conflito, pois revela o sentimento de amor existente, ajudando, com isso, na defesa. Por outro lado, exige uma punição pelos desejos de morte dirigidos ao pai. Os atos obsessivos surgem como uma tentativa de reconciliar os impulsos antagônicos existentes no psiquismo.

Além disso, é possível observarmos, por meio do caráter pulsional sobre o qual a culpa se manifesta na neurose obsessiva, a presença do conflito entre o eu e a instância crítica (ou consciência moral) no caso do “Homem dos ratos”. Os sintomas obsessivos, na realidade, representam as forças conflitivas em ação no psiquismo.

No terceiro capítulo, dedicamo-nos à melancolia. Utilizamos o relato de uma experiência melancólica contida no livro *Inferno*, de Strindberg, a fim de ilustrarmos a manifestação do sentimento de culpa na melancolia.

O inferno que Strindberg nos revela nada mais é que o mundo do sentimento de culpa. A experiência relatada no livro representa, na verdade, um relato sobre a experiência da culpa vivenciada na melancolia, descrita literariamente pela “mão invisível”. A análise dessa experiência melancólica nos possibilitou ver como a culpa incide sobre o sujeito melancólico, evidenciando as duas hipóteses freudianas sobre constituição da melancolia: a identificação narcísica e o supereu como cultura pura da pulsão de morte.

Na experiência melancólica de Strindberg, pudemos perceber a relação entre o eu e o supereu, na qual o eu se submete com resignação ao supereu, merecendo ser punido a todo instante. O eu se vê como culpado, por tratar a si mesmo como o objeto mau. Por meio da identificação narcísica feita com o objeto perdido, o eu faz com que a punição recaia sobre ele mesmo, sobre a qual não pode questionar. Com isso, é possível afirmarmos, juntamente com Freud, que a melancolia traz um excesso de culpa, gerando uma necessidade de punição à qual o eu deve se submeter por se considerar um nada.

Nessa experiência, podemos perceber a culpa atuando tanto na identificação narcísica, denunciada pela “mão invisível”, sob a qual percebemos a submissão do eu ao supereu, como também é possível evidenciar a ação da pulsão de morte, por meio das severas auto-acusações e autopunições que o supereu infringe ao eu.

Em seguida, fizemos um estudo teórico sobre o mecanismo da culpa na melancolia. Para tanto, utilizamos alguns textos de Freud, nos quais foi possível observarmos as duas hipóteses formuladas por ele sobre a função da culpa na melancolia. Tal como na neurose obsessiva, a culpa será evidenciada por meio da relação metapsicológica entre o eu e o supereu. É em “Luto e melancolia” (1915) e em *O ego e o id* (1923) que Freud se dedica ao estudo mais detalhado dessa estrutura.

Pudemos compreender o que acontece com o melancólico: em algum momento, o eu ligou sua libido a um objeto, fazendo uma escolha objetal. Mas, por algum motivo, essa relação é modificada e o eu, ao invés de ligar sua libido a outro objeto de amor, direciona essa libido para si mesmo, estabelecendo uma identificação com o objeto perdido. Então, no melancólico, a perda do objeto se transforma em perda do próprio eu, formando o conflito psíquico entre o eu e o agente crítico que, mediante a identificação do eu com o objeto perdido, vem representar o conflito entre o eu e a pessoa amada. Sendo assim, é possível dizer que, no melancólico, predomina a escolha objetal do tipo narcisista.

Em 1923, encontramos a segunda hipótese freudiana para a culpa na melancolia: nesse caso, o supereu se tornou uma cultura pura da pulsão de morte. Essa tendência destrutiva do supereu sobre o eu pode ser encontrada também em algumas formas de neurose obsessiva, porém é mais manifesta na melancolia. Isso se explica pelo fato de que, na melancolia, como o objeto perdido está introjetado no eu, essa agressão se dirige, na realidade, para o objeto, permanecendo o eu, de certa forma, protegido.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender como o supereu, na melancolia, se torna a expressão da pulsão de morte. Para Freud, quanto mais o eu tenta controlar os desejos do id, mais severo e agressivo se torna o supereu. O padrão exigido pelo ideal do eu faz com que seja reprimida toda agressividade, que, ao ser recalcada, volta-se para o eu.

Segundo Freud, existem três condições para a constituição da melancolia: a perda do objeto, a ambivalência e o retorno da libido ao eu. Dessas três, encontramos as duas primeiras nas auto-acusações do neurótico obsessivo. Em ambas as estruturas, há a ambivalência constituindo a força para o dinamismo do conflito psíquico.

Portanto, essa comparação aponta para as semelhanças entre a melancolia e a neurose obsessiva quanto à perda do objeto e à ambivalência. Contudo, ela nos revela uma diferença em relação ao retorno da libido para o eu, que ocorre somente no melancólico. Com isso, podemos situar a primeira hipótese encontrada em Freud sobre a função da culpa na melancolia. A culpa aparece na relação conflituosa entre o eu e o agente crítico, para punir o eu melancólico, porque ele se vê como um objeto mau, devido à identificação narcísica que fez com o objeto perdido. Movido pela ambivalência que sente frente ao objeto amado e odiado e mediante o fato de sua libido estar direcionada para si mesmo, o eu se submete ao agente crítico como culpado e, sem condições de ficar livre dessa culpa, infringe-se auto-acusações e punições severas.

Essa situação se evidencia tanto na melancolia como na neurose obsessiva, devido ao fato de o eu estar condenado pela instância crítica (supereu). Em ambas as estruturas, o supereu dirige sua agressividade contra o eu de forma severa. Mas podemos observar diferenças entre essas estruturas quanto à manifestação do sentimento de culpa. Se, na neurose obsessiva, o sujeito se rebela contra a culpa sentida, o melancólico a admite, sem questioná-la, submetendo-se ao castigo. Na neurose

obsessiva, os desejos proibidos permanecem fora do eu, insistindo em retornar à consciência sob a forma de sintomas. Na melancolia, o objeto sob o qual recaía a ira do supereu está incluído no eu por meio da identificação narcísica.

Se, dentre as relações dependentes que o eu estabelece, a que se evidencia tanto na neurose obsessiva como na melancolia é a relação entre o eu e o supereu, a diferença da manifestação da culpa nelas encontra uma explicação na natureza da relação metapsicológica estabelecida entre o eu e o supereu em cada uma.

Com isso, acreditamos que este trabalho possa trazer uma contribuição teórica e prática para a psicanálise, por ressaltar a metapsicologia da culpa na neurose obsessiva e na melancolia.

## Referências bibliográficas

CARDOSO, Marta R. *Superego*. São Paulo: Escuta, 2002.

DOSTOIÉVSKI, F. *Crime e Castigo*. Trad. Paulo Bezerra. 3 reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2004.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950[1892-1899]). In: \_\_. *Publicações pré-analíticas e esboços inéditos* (1886-1899). Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. I, p. 219-331.

\_\_\_\_\_. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896). In: \_\_. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. III, p. 159-183.

\_\_\_\_\_. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). In: \_\_. *'Gradiva' de Jensen e outros trabalhos* (1906-1908). Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. IX, p. 107-117.

\_\_\_\_\_. Notas sobre um caso de neurose obsessiva – Iniciação na natureza do tratamento (1909). In: \_\_. *Duas histórias clínicas (o "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos")* - (1909). Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. X, p. 137-273.

\_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913[1912-13]). In: \_\_. *Totem e Tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIII, p. 13-162.

\_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: \_\_. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1915). Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIV, p. 77-108.

\_\_\_\_\_. Luto e melancolia (1917[1915]). In: \_\_. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1915). Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIV, p. 245-263.

\_\_\_\_\_. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916). In: \_\_. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1915). Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIV, p. 323-348.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). In: \_\_. *Além do princípio de prazer. Psicologia de grupo e outros trabalhos* (1925-1926). Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVIII, p. 13-75.

\_\_\_\_\_. O ego e o id (1923). In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)*. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX, p. 15-80.

\_\_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo (1924). In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)*. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX, p. 175-188.

\_\_\_\_\_. Dostoievski e o parricídio (1928[1927]). In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI, p. 181-200.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (1930[1929]). In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI, p. 67-148.

LAMBOTTE, M.-C. Melancolia. In: KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise – o legado de Freud a Lacan*. Tradução, Vera Ribeiro, Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. P. 325-330.

KLEIN, Melanie. Amor, culpa e reparação (1937). In: \_\_\_\_\_. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. I, p. 346-384.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAPLANCHE, J. *Problemáticas I – A angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 237-345.

STRINDBERG, A. *Inferno*. São Paulo: Max Limonad Ltda., 1982. P. 7-178.

Filme:

Desejo e reparação. Direção: Joe Wright. Gênero: drama. Fotografia: Seamus McGarvey. Trilha Sonora: Dario Marianelli. Roteiro: Christopher Hampton. Intérpretes: Keira Knightley (Cecília Tallis), James McAvoy (Robbie Turner), Saoirse Ronan, Romola Garai e Vanessa Redgrave (Briony Tallis), e outros. Inglaterra/França: Universal Pictures Brasil, 2007. 1 filme (130 minutos).